

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA  
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE**

**THAIS AFONSO ANDRADE**

**RELAÇÕES DE NAMORO ENTRE ADOLESCENTES:  
ATRAVESSAMENTOS PELA VIOLÊNCIA**

**RECIFE  
2022**

**THAIS AFONSO ANDRADE**

**RELAÇÕES DE NAMORO ENTRE ADOLESCENTES:  
ATRAVSSAMENTOS PELA VIOLÊNCIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutora na Linha de Pesquisa Família, Interação Social e Saúde.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marisa A. Sampaio

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Véronique Donard

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscilla Machado Moraes

Recife  
2022

A553r

Andrade, Thais Afonso

Relações de namoro entre adolescentes:  
atravessamentos pela violência / Thais Afonso  
Andrade, 2022.

197 f. : il.

Orientadora: Marisa A. Sampaio

Coorientadora: Véronique Donard

Coorientadora: Priscilla Machado Moraes

Tese (Doutorado) – Universidade Católica de  
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia  
Clínica. Doutorado em Psicologia Clínica, 2022.

1. Adolescentes - Comportamento sexual.
2. Adolescência. 3. Violência no namoro.
4. Adolescentes e violência. I. Título.

CDU 159.922.8

Luciana Vidal - CRB-4/1338

**THAÍS AFONSO ANDRADE**

**RELAÇÕES DE NAMORO ENTRE ADOLESCENTES:  
ATRAVESSAMENTOS PELA VIOLÊNCIA**

Tese de doutorado submetida à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Psicologia Clínica.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2022.

Banca Examinadora

*marisa A. Sampaio Amorim*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marisa Amorim Sampaio  
Universidade Católica de Pernambuco  
(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Véronique Donard  
Universidade Católica de Pernambuco  
(Co-orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscilla Machado Moraes  
Universidade Católica de Pernambuco  
(Co-orientadora)

*Cristina Maria de Souza Brito Dias*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Maria de Souza Brito Dias  
Universidade Católica de Pernambuco (Examinadora interna)

*Lúcia Vaz de Campos Moreira*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Vaz de Campos Moreira  
Universidade Católica de Petrópolis -UCP (Examinadora externa)

*Lília Chaves Cavalcante*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lília Iêda Chaves Cavalcante  
Universidade Federal do Pará -UFPA (Examinadora externa)

*Normanda Araujo de Moraes*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Normanda Araujo de Moraes  
Universidade de Fortaleza - UNIFOR (Examinadora externa)

**À Thaís de 10 anos,**

*Você foi extraordinária! Obrigada por me trazer até aqui. Chegamos aonde nunca imaginamos chegar, apesar de tudo e por causa de tudo.*

**À Vinícius,**

*Você me faz uma pessoa melhor. Você me ensina sobre amor, inclusão e gentileza da maneira mais incrível e especial do mundo. Você é a luz da minha vida. Meu melhor papel é ser sua irmã!*

**À Ana Luiza,**

*Que você tenha asas para percorrer o mundo e raízes bem fortes para saber que pode fazer o que desejar. Estou aqui para você. Ser sua Tia Tata aquece meu coração.*

## Agradecimentos

Muitas pessoas presentes na história da minha vida contribuíram para que esse momento se concretizasse.

No lugar de maior destaque, agradeço a Deus. Obrigada por me amparar, pelas conversas que mantemos. Obrigada por sustentar a minha fé em dias melhores e por se fazer presente de incalculáveis formas na minha vida.

À minha mãe, Edna, obrigada pelas asas que você deixou que nascessem em mim; obrigada por ser meu laço mais precioso. A força de sempre seguir adiante, mesmo diante a tantas adversidades que vivemos, foi uma das coisas mais bonitas que aprendi com você.

Ao meu pai, Gil, obrigada por ter sido o sol do meu girassol; sou grata por você me mostrar que a educação muda o mundo. E de fato, mudou a minha vida!

Ao meu marido, Fernando, o meu obrigada mais terno. Estamos juntos há 20 anos! Você é a minha escolha amável de todos os dias. Sou grata por todo apoio, suporte e amor que aprendemos a cultivar. Obrigada por sempre me lembrar do quanto sou capaz. Amo você e a nossa vida!

À Fernanda, minha cunhada, obrigada pela amizade rara, por ser meu abraço casa. Obrigada pela partilha da vida. Obrigada Juninho Saback, pelos momentos divertidos regados a muitas risadas e gratidão, sempre!

Aos meus sobrinhos extraordinários e cheios de vida: Alexandre, Artur e Gustavo. Obrigada por brindar a minha existência com um amor que só nós sabemos construir!

À Nayara Barroso, minha amiga. Obrigada por ser colo, amor e empatia Rogeriana da forma mais genuína. Estamos conectadas desde a graduação em Psicologia e assim seguiremos!

À Ubiracelma, minha amiga. Para mim só Ubi ou Pepe. A nossa conexão é forte e duradoura. Ai de mim nessa travessia da vida acadêmica se não existisse você. Deus, como sempre cuidadoso, sabia que você era necessária na minha vida e deu um jeito para que nós nos encontrássemos no momento

certo: o primeiro dia de aula no mestrado; e lá se vão seis anos. Você é a minha família de escolha hoje e sempre.

Como uma pessoa de muita sorte, eu tenho três orientadoras. Prof.<sup>a</sup> Dra. Marisa Sampaio, você me acolheu num momento em que o chão parecia desabar e a vida havia perdido um pouco de cor. Tenho profundo orgulho da relação potente que construímos ao longo dos quatro anos de doutorado. Você é minha parceira, minha cúmplice e minha mestra. Prof.<sup>a</sup> Dra. Véronique Donard, obrigada pelo cuidado, por me inserir na extensão sobre violência digital e por ampliar o meu conhecimento nesta temática. Prof.<sup>a</sup> Dra. Priscilla Machado Moraes, obrigada por compartilhar todo o seu conhecimento sobre a teoria Bioecológica, por todo suporte e entrega. Sobretudo, obrigada por me impulsionar e fazer as minhas segundas-feiras momentos cheios de afeto e aprendizado. Você é um presente na minha vida.

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristina Brito, você foi a primeira pessoa que conheci na UNICAP. Lembro-me como se fosse hoje daquele dia do mês de outubro de 2015. Um capricho do destino que me fez feliz. Obrigada por todo carinho e por suas contribuições na construção deste trabalho.

O meu mais sincero obrigada às Prof.<sup>a</sup> Dra. Normanda Araújo de Moraes, Prof.<sup>a</sup> Dra. Lília Iêda C. Cavalcanti e Prof.<sup>a</sup> Dra. Lúcia V. de Campos Moreira. Admiro o trabalho e a relevância dos estudos que vocês produzem.

Não posso deixar de agradecer as pessoas maravilhosas que tive o prazer de conhecer na Formação em Terapia Sistêmica de Família, Casal e Indivíduo do Hospital das Clínicas da UFPE. Bárbara Franco, Clarissa Verçosa, Clérison, Magda Alves, Maria Eduarda Almeida e Nicole Viana, atravessar esse período de estudos e prática clínica com vocês teve um colorido todo especial. Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Márcia Cavalcanti e Prof.<sup>a</sup> Márcia Pordeus, vocês despertam o que há de melhor e mais humano em nós. Um brinde a vocês!

Obrigada à CAPES pelo apoio financeiro para este estudo.

*Se a gente cresce com os golpes duros da vida, também  
podemos crescer com os toques suaves na alma.*

Cora Coralina

## RESUMO

A violência no namoro entre adolescentes abrange a violência física, sexual, psicológica, digital, perseguição e financeira em um relacionamento amoroso. Tal fenômeno é considerado um problema de saúde pública e preditor de violência conjugal. Esta tese teve como objetivo compreender as relações de namoro entre adolescentes e os possíveis atravessamentos pela violência, numa perspectiva Bioecológica. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou como método de investigação a Inserção Ecológica realizada numa ONG na cidade do Recife/PE. O campo envolveu “conversas informais” via contato regular com funcionários da ONG, registradas no diário de campo, bem como entrevistas presenciais com adolescentes. A amostra final foi composta por oito adolescentes dos sexos feminino e masculino, entre 16 e 19 anos. Foram utilizados os instrumentos e técnicas: (a) Questionário biossociodemográfico; (b) Questionário “Conhecendo as relações de namoro”; (c) “Busca palavras”; (d) Diário de campo; (e) Entrevistas semiestruturadas desenvolvidas em dois encontros com cada adolescente. Os dados foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo temática. Os resultados são apresentados e discutidos em dois estudos. O primeiro objetivou compreender as relações de namoro entre adolescentes, identificando atravessamentos da violência no seu desenvolvimento. Os resultados indicam que (i) o namoro foi compreendido como uma fase da relação amorosa com exclusividade da parceria que antecede ao casamento e ao início da própria família; (ii) os adolescentes nomearam de violência no namoro as tipologias física e psicológica; (iii) perpetraram e sofrem violência psicológica, digital e física em seus relacionamentos amorosos; (iv) a violência digital ocorreu de forma corriqueira e naturalizada entre as(os) adolescentes, resultando em conflitos, estresse e invasão de privacidade digital, vistos como sinônimo de confiança e controle da fidelidade motivada pela insegurança no manejo da relação amorosa. O segundo estudo objetivou compreender a influência do contexto nas relações de namoro e as estratégias adotadas por adolescentes diante da violência. Como resultados destacam-se: (i) os adolescentes foram vítimas direta ou indireta de violência nos principais microsistemas de desenvolvimento - família, escola e bairro; (ii) estavam expostos simultaneamente a diferentes tipos de violência em vários contextos desde a infância, fenômeno descrito como polivitimização; (iii) a Internet ofereceu tanto oportunidades quanto riscos para as relações de namoro dos adolescentes; (iv) observou-se a reprodução de padrões sociais de gênero, bem como a crença no amor romântico, que vulnerabilizavam moças e rapazes de maneiras diferentes; (v) recorriam principalmente aos amigos como estratégia de enfrentamento da violência no namoro, pois sentiam falta de espaço e abertura para o diálogo, além da diferença entre as gerações, sobretudo com os responsáveis; (vi) a escola, a ONG e os Programas de Aprendizagem Profissional foram locais citados para possível construção futura de ações preventivas e interventivas sobre a violência no namoro por meio de palestras e rodas de conversas como atividades constantes e não apenas pontuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência. Violência no namoro. Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

## ABSTRACT

Teen dating violence encompasses physical, sexual, psychological, digital, stalking, and financial violence in a romantic relationship. This phenomenon is considered a public health problem and a predictor of domestic violence. This thesis aimed to understand the dating relationships between adolescents and the possible crossings by violence from a Bioecological perspective. The research, of qualitative nature, used as an investigation method the Ecological Insertion carried out in an NGO in the city of Recife/PE. The field involved “informal conversations” via regular contact with NGO employees, recorded in the field diary, and face-to-face interviews with teenagers. The final sample consisted of eight female and male adolescents aged between 16 and 19 years. The instruments and techniques used were a) Biosociodemographic questionnaire; b) Questionnaire “Knowing dating relationships”; c) “Search for words”; d) Field diary; e) Semi-structured interviews carried out in two meetings with each adolescent. Data were analysed using the thematic content analysis technique. Results are presented and discussed in two studies. The first aimed to understand the dating relationships between adolescents, identifying crossings of violence in their development. The results indicate that i) dating was understood as a phase of the love relationship with the exclusivity of the partnership that precedes the marriage and the beginning of the family itself; ii) the adolescents named the physical and psychological types of dating violence; iii) they perpetrate and suffer psychological, digital and physical violence in their romantic relationships; iv) digital violence occurred in a standard and naturalised way among adolescents, resulting in conflicts, stress and invasion of digital privacy, seen as synonymous with trust and control of fidelity motivated by insecurity in the management of the love relationship. The second study aimed to understand the influence of the context on dating relationships and the strategies adopted by adolescents in the face of violence. As results, the following stand out: i) adolescents were directly or indirectly victims of violence in the main development microsystems - family, school and neighborhood; ii) they were simultaneously exposed to different types of violence in various contexts since childhood, a phenomenon described as poly-victimization; iii) the Internet offered both opportunities and risks for teenagers' dating relationships; iv) the reproduction of social gender patterns was observed, as well as the belief in romantic love, which made girls and boys vulnerable in different ways; v) they resorted mainly to friends as a strategy to face dating violence, as they felt a lack of space and openness for dialogue, in addition to the difference between generations, especially with those responsible for them; vi) the school, the NGO and the Professional Learning Programs were places mentioned for possible future constructions of preventive and interventional actions on dating violence through lectures and conversation circles as constant and not just occasional activities.

**KEYWORDS:** Adolescence. Teen dating violence. Bioecological Theory of Human Development.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Tipos de violência no namoro .....	37
<b>Figura 2</b> - Sentimentos pós violência sexual digital – disseminação não autorizada de imagem íntima .....	43
<b>Figura 3</b> - Violência digital e a interface com a violência face a face (off-line) .....	44
<b>Figura 4</b> - Espectro do Relacionamento Amoroso .....	56
<b>Figura 5</b> - Círculo da Igualdade para Não Violência no Namoro .....	58
<b>Figura 6</b> - Forças/Disposições .....	69
<b>Figura 7</b> - Recursos .....	70
<b>Figura 8</b> - Modelo Bioecológico .....	78

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> Caracterização biossociodemografica dos participantes da pesquisa ...	102
<b>Quadro 2</b> - Caracterização sociodemográfica e relações amorosas .....	118
<b>Quadro 3</b> - Violência no contexto de desenvolvimento .....	142

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

**ACVS** - *Acceptance of Couple Violence Scale*

**APAV** - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

**BTC** - *Break the Cycle*

**CGI.br** - Comitê Gestor da Internet no Brasil

**CADRI** - *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory*

**OMS** - Organização Mundial da Saúde

**ONG** - Organização Não Governamental

**OPAS** - Organização Pan-Americana de Saúde

**PAJ** - *Parcours Amoureux des Jeunes*

**TBDH** - Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano

**TICs** - Tecnologias de informação e comunicação

**VPI** - Violência por parceiro íntimo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>O NAMORO NA HISTÓRIA</b>	<b>19</b>
2.1	Ponto de partida: Brasil Colônia	21
2.2	Últimos anos	24
2.3	A Internet e as “novas” relações amorosas entre adolescentes	25
<b>3</b>	<b>VIOLÊNCIA NO NAMORO NA ADOLESCÊNCIA</b>	<b>32</b>
3.1	Tipos de violência no namoro e prevalência	35
3.2	Bidirecionalidade da violência no namoro	45
3.3	Fatores associados à violência no namoro	47
3.3.1	Atravessamentos de gênero e crença no amor romântico	47
3.3.2	Ciúme e infidelidade	49
3.3.3	Violência intrafamiliar e na Comunidade	51
3.4	Violência no Namoro e Saúde Mental	53
3.5	A outra face da moeda: relações amorosas saudáveis	55
<b>4</b>	<b>VIOLÊNCIA NO NAMORO À LUZ DA TEORIA BIOECOLÓGICA</b>	<b>61</b>
4.1	Processo-Pessoa-Contexto-Tempo	63
4.1.1	Processos Proximais	64
4.1.2	Pessoa	67
4.1.3	Contexto	72
4.1.4	Tempo	77
<b>5</b>	<b>CAMINHOS PERCORRIDOS</b>	<b>84</b>
5.1	O planejamento do estudo	86
5.1.1	No meio da travessia: uma pandemia	86
5.1.2	Uma Inserção Ecológica foi possível?	88
5.1.3	A ONG - Microsistema de desenvolvimento da pesquisa	91
5.2	Participantes	92
5.3	Instrumentos e técnica	94
5.4	Procedimentos para a coleta dos dados	95
5.5	Procedimentos éticos	96
5.6	Procedimentos para a análise dos dados	96
<b>6</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>98</b>
6.1	Caracterização biossociodemográfica das(os) participantes	100

<b>7 DISCUSSÃO .....</b>	<b>107</b>
<b>7.1 Estudo 1 .....</b>	<b>108</b>
<b>7.2 Estudo 2 .....</b>	<b>132</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>163</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>179</b>
Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE .....	182
Termo de assentimento livre e esclarecido – TALE .....	184
Questionário biossociodemográfico .....	186
Roteiro para entrevista individual .....	188
Conhecendo as relações de namoro .....	189
Busca palavras .....	192
Termo de concordância para a instituição .....	193
Termo de compromisso e confidencialidade .....	194
<b>ANEXO.....</b>	<b>195</b>
Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAP.....	196



# 1. Introdução

## **Mentiras**

*Nada ficou no lugar  
Eu quero quebrar essas xícaras  
Eu vou enganar o diabo  
Eu quero acordar sua família  
Eu vou escrever no seu muro  
E violentar o seu gosto  
Eu quero roubar no seu jogo  
Eu já arranhei os seus discos*

*Que é pra ver se você volta  
Que é pra ver se você vem  
Que é pra ver se você olha  
Pra mim*

*Nada ficou no lugar  
Eu quero entregar suas mentiras  
Eu vou invadir sua aula  
Queria falar sua língua  
Eu vou publicar seus segredos  
Eu vou mergulhar sua guia  
Eu vou derramar nos seus planos  
O resto da minha alegria*

*Que é pra ver se você volta  
Que é pra ver se você vem  
Que é pra ver se você olha  
Pra mim*

**Adriana Calcanhoto**

A mobilização pessoal pela temática da violência interpessoal começou ainda na graduação em Psicologia nos estágios realizados na clínica escola e num abrigo para meninas de 10 a 18 anos, localizado na cidade de Betim, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. As adolescentes ali abrigadas eram retiradas do convívio dos pais ou cuidadores, após a constatação pelo judiciário, de que estavam sendo submetidas a várias formas de violência: física, negligência, sexual e psicológica. A partir de então, as inquietações foram acentuadas após a participação no programa Mediação de Conflitos, uma iniciativa da Secretaria de Defesa Social do governo do Estado de Minas, por meio do Centro de Prevenção à Criminalidade (CPC). Esses centros são instalados em regiões de alto risco social, marcadas pela violência. As mediações de conflitos eram realizadas por questões que envolviam: violência doméstica contra a mulher, contra a criança, o adolescente e os idosos, entre outras.

Somando-se a estas aproximações práticas relacionadas ao tema, situo, também, a imersão nos dois anos de mestrado, estudando com maior profundidade a violência no namoro entre adolescentes com histórico de violência intrafamiliar, que acresceram questionamentos teóricos que me impulsionam a desenvolver compreensões e refletir como construir com as(os) adolescentes reflexões e ações para a promoção de relacionamentos amorosos mais gratificantes e saudáveis, uma vez que as fronteiras entre a relação saudável e a violência não parecem ter contornos nítidos. Imagino, assim, contribuir com a visibilidade e o aprofundamento da compreensão da violência no namoro, sobretudo no Brasil, pois é considerado importante problema de saúde pública no mundo e preditor de violência conjugal (OMS, 2016).

No cenário internacional, em países como Estados Unidos, Canadá, Portugal e Espanha, as pesquisas acerca da violência no namoro apresentam-se de maneira mais consolidada (FOSHEE; ARRIAGA, 2004; FERNÁNDEZ-FUERTE; ORGAZ; FUERTES, 2011; ALEGRÍA DEL ÁNGEL; BARRAZA, 2015; TAYLOR; MUNFORD, 2016). No cenário nacional, no passado recente, as investigações sobre o tema apresentam baixa visibilidade. Esse aspecto pode estar relacionado ao fato de que a sociedade brasileira privilegia a compreensão do namoro como espaço apenas para a manifestação de prazer e afeto e não de violência (GOMES, 2011). O namoro na adolescência é uma oportunidade para explorar quem eles são e aprender papéis para

a vida adulta, além de ser um espaço para o companheirismo, a experimentação sexual e a resolução de conflitos (WHITE, 2009).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016, p. 19) “a violência entre namorados é uma forma precoce de violência entre parceiros íntimos, e ocorre principalmente na adolescência e no início da idade adulta”. Os estudos empíricos (MURTA *et al.*, 2019; NASCIMENTO *et al.*, 2018) realizados neste domínio evidenciam que os grupos etários mais jovens não estão imunes a este grave problema de saúde pública.

Uma investigação multicêntrica estudou a violência nas relações afetivo-sexuais, ficar ou namorar de adolescentes, em dez capitais brasileiras. Participaram do estudo 3.200 alunos na faixa etária entre 15 e 19 anos, de 104 escolas públicas e privadas, entre os anos 2007 e 2009. A partir dos resultados encontrados, as autoras concluíram que a maioria das meninas e dos meninos (76,6%) perpetra e sofre vários tipos de violência no relacionamento. De acordo com a natureza da violência, têm-se os seguintes números: a psicológica/verbal (96,9%) cuja alta taxa sugere a banalização e a aceitação desse tipo de violência por parte dos adolescentes; a física (64,1%); a violência sexual (83,1%). É importante ressaltar que os itens aferidos nesse quesito foram: beijar quando o parceiro não quer (item que elevou o índice de violência sexual na pesquisa); tocar sexualmente e forçar a fazer sexo quando ele ou ela não deseja e ameaçar para tentar fazer sexo. No que diz respeito à violência auto infligida (pensamentos e tentativas de suicídio), a pesquisa revelou que 19,3% dos entrevistados já pensaram em dar cabo da vida por causa do término de uma relação amorosa (OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2011; OLIVEIRA, R. *et al.*, 2011).

Entre as diversas concepções teóricas que versam sobre a temática, verifica-se no panorama científico nacional, publicações de aportes teóricos como: Teoria do Apego (MURTA *et al.*, 2019), Terapia dos Esquemas (BORGES; DELL’AGLIO, 2018), Transgeracionalidade da Violência (ANDRADE; LIMA, 2018), Paradigma da Complexidade (CAMPEIZ *et al.*, 2017), Gênero (DINIZ; ALVES, 2015; CECCHETTO *et al.*, 2016) e o referencial Bioecológico (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; LORDELLO; COSTA, 2015; SANTOS, 2019; SOUZA, 2020). Lordello e Costa (2015, p. 50) apontam que adotar o referencial bioecológico significa explorar a natureza sistêmica do fenômeno:

Ver o parceiro como pessoa em desenvolvimento, observar suas características, o que traz de seus ambientes, como seus contextos o influenciam e são capazes de modificar padrões adquiridos de forma transgeracional, observar o engajamento em seus processos e o tempo como regulador das interações e provedor de mudanças são atitudes investigativas que tornam possível uma atuação mais assertiva na interrupção da violência e na potencialização de relações amorosas mais saudáveis.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, contemplando o modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo), desenvolvida pelo psicólogo Urie Bronfenbrenner (BROFENBRENNER, 2011). Esta teoria é utilizada pela OMS (KRUG; DAHLBERG, 2007), uma vez que a abordagem considera uma complexa interação entre fatores individuais, relacionais, comunitários e sociais que influenciam a probabilidade de ocorrência da violência. White (2009) discute que a violência no namoro entre adolescentes deve ser considerada a partir do modelo Socioecológico, que insere a pessoa numa inter-relação com os seus contextos de desenvolvimento. A autora articula que a influência da família, amigos, pares e várias instituições sociais devem ser exploradas com a finalidade de compreender o fenômeno.

Neste estudo, argumentamos que a violência precisa ser investigada de modo amplo e dinâmico, levando-se em consideração a possibilidade de estar relacionada a diversos aspectos, compreendida como um fenômeno humano. Por isso, estimamos ser complexo e multicausal, que incide sobre as relações afetivo-sexuais de milhares de adolescentes no mundo, apresentando como possíveis repercussões o adoecimento mental e físico. Exploramos outras compreensões sobre a violência nas relações de namoro na contemporaneidade, bem como as relações de poder envolvidas em relações desiguais que implicam a subjugação do outro e, conseqüentemente, o uso de práticas violentas nas relações iniciais de namoro entre adolescentes, que podem ocorrer de forma bidirecional (violência mútua) como diferentes entendimentos e conseqüências para moças e rapazes.

Pensar sistemicamente é ver o fenômeno fora da lógica cartesiana, ao perceber que a pessoa está inserida num ambiente ecológico que se desdobra em vários sistemas inter-relacionados. Argumentamos que moças e rapazes, embora marcados por influências sociais e históricas, podem ser convidados a problematizar sobre a construção de formas mais saudáveis de se relacionarem, para além de dicotomias.

Com base nessa compreensão, bem como na necessidade de aprofundar o conhecimento a respeito deste multifacetado e emergente fenômeno, ainda carente de publicações decorrentes de pesquisas brasileiras, apesar de sua relevância social e de implicações na saúde do adolescente, buscamos compreender o fenômeno da violência do namoro entre adolescentes à luz da teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

A tese apresenta como objetivo geral: Compreender as relações de namoro entre adolescentes, e os possíveis atravessamentos pela violência, numa perspectiva Bioecológica.

Como objetivos específicos:

- 1) Caracterizar os participantes biossociodemograficamente;
- 2) Conhecer como os adolescentes namoram e sua concepção sobre violência no namoro;
- 3) Identificar experiências de violências no desenvolvimento dos adolescentes e os atravessamentos em suas relações amorosas;
- 4) Compreender a influência do contexto nas relações de namoro e as estratégias adotadas pelos adolescentes diante da violência.

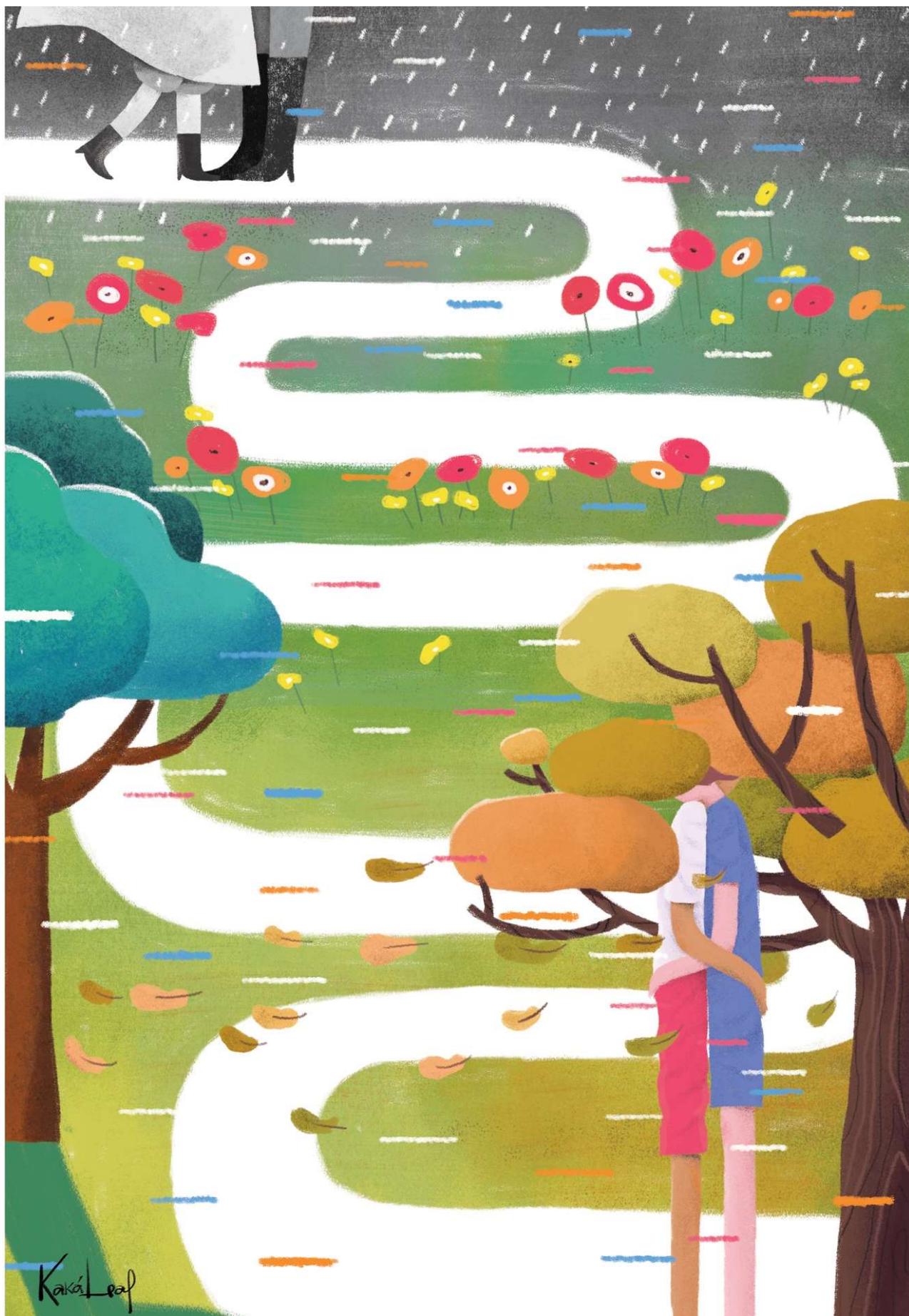
Antes da pesquisa de campo se iniciar, a pesquisadora desenvolveu duas revisões sistemáticas com o intuito de mapear o campo de exploração e aprofundar o conhecimento sobre os fenômenos, especialmente sobre a violência digital. Sendo assim, o primeiro estudo versou sobre violência digital no namoro entre adolescentes, publicado na Revista Psico, em 2020 (<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/34318/26677>). A pesquisa concluiu que: a violência digital no namoro ocorre de duas formas: os comportamentos de controle e monitoramento e a violência sexual digital, ambos mediados pela Internet.

O estudo seguinte remeteu às tecnologias digitais utilizadas na prevenção e intervenção da violência no namoro – submetido à Revista *Trends in Psychology*, em 2021, aceito para publicação em 2022 (<https://rdcu.be/cLVXU>). Identificou-se que as tecnologias digitais vêm sendo aplicadas com êxito na prevenção e na intervenção no contexto da violência no namoro. Foram delimitadas possibilidades no enfrentamento desse fenômeno na adolescência, concretizadas em: aplicativos para celular, mensagens de texto, jogos digitais e intervenções multimídia on-line. Ressalta-se, com bases nesses estudos, que as publicações brasileiras sobre as temáticas ainda

são escassas e há a indicação do desenvolvimento de pesquisas nesse campo do conhecimento.

Informações advindas dessas revisões constam nos diversos capítulos teóricos e nos estudos que compõem esta tese. Os três primeiros capítulos apresentam o referencial teórico. O primeiro identificou, a partir do Brasil Colônia, como são construídas as relações amorosas pré-matrimoniais – que neste estudo são compreendidas pelas relações afetivas e sexuais experimentadas pelos adolescentes antes do casamento: “ficar”, “pegar”, “ficar ficando”, e, por fim, o namoro –, tendo como ponto de partida o período do Brasil Colonial. O segundo capítulo discorre sobre conceitos, tipos, bidirecionalidade, fatores de risco relacionados à violência e namoro nesta fase do desenvolvimento humano, além de abordar as relações amorosas saudáveis. O terceiro capítulo apresentou a compreensão do fenômeno à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Na sequência, o quarto capítulo apresenta o percurso metodológico trilhado para a concretização da Inserção Ecológica em meio à pandemia da Covid-19; o quinto capítulo, remete aos resultados e apresentação biossociodemográfica das(os) participantes.

A discussão dos resultados está apresentada em dois estudos, de modo a contemplar o modelo PPCT da referida teoria. Desse modo, o sétimo capítulo é composto por dois manuscritos. O primeiro deles foi intitulado “Atravessamentos da violência no namoro entre adolescentes: uma leitura bioecológica” que objetivou compreender as relações de namoro entre adolescentes, identificando atravessamentos das experiências da violência no seu desenvolvimento. O segundo estudo: “A violência no namoro entre adolescentes na perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano” buscou compreender a influência do contexto nas relações de namoro e as estratégias adotadas por adolescentes diante da violência à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Por fim, nas considerações finais, apresentamos as limitações do estudo e novas sugestões de pesquisa no campo de estudo da violência no namoro entre adolescentes.



## 2. O Namoro na História

## O Amor Bate Na Aorta

*Cantiga de amor sem eira nem beira,  
vira o mundo de cabeça  
para baixo, suspende a saia das mulheres,  
tira os óculos dos homens,  
o amor, seja como for, é o amor [...]  
O amor bate na porta, o amor bate  
na aorta, fui abrir e me constipei.  
Cardíaco e melancólico, o amor ronca na  
horta entre pés de laranjeira, entre uvas  
meio verdes e desejos já maduros [...].  
Amor é bicho instruído.*

*Olha: o amor pulou o muro, o amor  
subiu na árvore em tempo de se estrepar.  
Pronto, o amor se estrepou. Daqui estou  
vendo o sangue que corre do corpo  
andrógino. Essa ferida, meu bem,  
às vezes não sara nunca, às vezes sara  
amanhã.*

*Daqui estou vendo o amor  
irritado, desapontado, mas também  
vejo outras coisas: vejo beijos que se  
beijam, ouço mãos que se conversam  
e que viajam sem mapa. Vejo muitas  
outras coisas que não ousou  
compreender...*

**Carlos Drummond de Andrade**

Ah! O amor tão cantado e descrito por grandes poetas ao longo dos séculos. Temos uma variada seleção de sonetos, versos e prosas sobre a magia e a complexidade que o amor carrega. As poesias versam sobre o amor erótico, ambivalente, sofredor, platônico, sedutor e, até mesmo, casto.

A historiadora Dell Priori (2015) ressalta que o amor não muda só no espaço, mas no tempo também. “O de ontem não é o mesmo de hoje. Isto porque, diferentemente dos tubarões, o amor e as formas de amar se transformam ao longo dos séculos” (p.13). Neste capítulo, percorreremos, a partir do Brasil Colônia, como têm sido construídas as relações amorosas pré-matrimoniais – que neste estudo são compreendidas pelas relações afetivas e sexuais experimentadas pelos adolescentes antes do casamento: “ficar”, “pegar”, ficar “ficando”, e, por fim, o namoro.

## **2.1 Ponto de partida: Brasil Colônia**

O namoro no período colonial no Brasil foi influenciado com a chegada dos portugueses. Neste período, entre 1545 e 1563, surgiu uma nova forma de organização familiar constituída de pai e mãe casados perante a Igreja Católica, trazidos pelo colonizador europeu. Apenas com o sagrado matrimônio seria possível educar os filhos para que os valores e normas da Igreja fossem transmitidos de geração em geração (DELL PRIORI, 1999). Tais costumes eram distintos para os índios, isto porque, entre eles havia a liberdade sexual antes do casamento. As índias podiam ter relações sexuais com índios ou os próprios europeus e isso não acarretava desonra ou impedimento para o futuro casamento (DELL PRIORI, 2015).

Pelas leis da Igreja, os rapazes podiam casar-se aos 14 anos e as moças aos 12. Contudo, essa não era uma regra única na colônia. No litoral do sudeste, a título de exemplo, o casamento ocorria com idade posterior: aos 21 anos para os rapazes e 20 para as moças. Escolher os próprios cônjuges só era possível para pessoas das classes menos favorecidas, afinal os pobres da Colônia não precisavam preservar preocupações com os interesses político-econômicos (DELL PRIORI, 2015).

Neste período, eram comuns as trocas de presentes que poderiam ser desde fitas de veludo, corações de ouro, brincos, chapéus e adornos para a cabeça, além da “memória de ouro” – anel de compromisso. Entre os mais pobres eram comuns o uso de utensílios domésticos e frutas. O namoro se dava sob vigilância na tentativa de coibir beijos e carícias, caso os casais ficassem a sós (DELL PRIORI, 2015).

Se, por um lado, a Igreja ditava as regras para o casamento e relações sexuais, por outro, as missas, as procissões e as novenas, no século XVIII, eram momentos animados para os jovens solteiros, discretamente, acenarem e trocarem olhares com pretendentes. A arquitetura dos templos também contribuía para o enamoramento, por meio de seus altares, colunas, arcadas e confessionários que, por sua vez, resguardavam o casal da intromissão de terceiros nos jogos de sedução, os beijos, e os apertos de mão. Para o descontentamento dos bispos, as igrejas eram consideradas “templos de perdição” (DEL PRIORI, 2015).

Tanto controle transformava as cerimônias religiosas – umas das únicas ocasiões em que os jovens podiam encontrar-se sem despertar suspeitas e repressões dos pais ou confessores – em palco privilegiado para o namoro. Não foram poucos os amores que começaram num dia de festa do padroeiro ou de procissão, havendo até os que esperavam a Quinta-feira Santa e o momento em que apagavam as velas, na Igreja, em respeito à Paixão de Cristo, para aproximar-se um do outro. E no escurinho, choviam beliscões e pisadelas, gestos de extrema afetividade no código amoroso desse período (DELL PRIORI, 2015, p. 45).

Neste período, gestos sutis eram facilmente compreendidos pelos enamorados. Dell Priori (2015, p. 123) aponta que “enquanto se fazia devotamente o sinal da cruz pronunciava-se, no tom da mais fervorosa prece, a declaração de amor.” As escravas serviam como moças que levavam recados para o pretendente, durante a missa com informações sobre local, dia e horário. Os “moleques de recado”, livres ou escravos, também eram aliados dos casais de namorados. Para o namoro, as moças, chamadas de “pombas” escolhiam seus eleitos, os “gaviões”. Para tanto, elas lançavam “seu olho mole e açúcarado sobre o olho mole e açúcarado do gavião do seu agrado. Era o curto-circuito. Naquele dia só viviam daquele instante magnífico” (DELL PRIORI, 2015, p.124).

Conforme Dell Priori (2015), outros lugares que ofereciam certa privacidade como as praias, quintais e até os “matos” eram utilizados pelos namorados para os chamados “abraços desonestos”, o que para nós, hoje, seria identificado como um “amasso”. Era também comum o namorado ficar embaixo da janela da amada para contemplar a sua beleza. A autora revela partes de um “Manual dos Namorados”, publicado no século XIX, que apresentava recomendações como: não fitar a moça de maneira insistente, pois poderia chamar a atenção dos difamadores. Caso a pretendente não retornasse o olhar, o rapaz deveria se afastar emitindo um sinal de

desculpas. Outro ensinamento do guia tratava de não enviar bilhetes com conteúdo vergonhoso. Porém, esse manual não era seguido pelos jovens deste período (DELL PRIORI, 1999).

De outra forma, os toques eram comuns, vistos por meio de elogios, esboço de afagos, beijos roubados, cócegas na palma da mão, pés alisando outros pés, as bolinações. Segundo o dicionário Aulete significa encostar-se em (alguém) com fins libidinosos, além de propostas de cunho erótico expressas por palavras. Esses comportamentos faziam parte do código de conversas entre os namorados, que à época não tinham a liberdade de expressar seus sentimentos (DELL PRIORI, 2015). A comunicação não verbal fazia parte do diálogo entre os pretendentes e era estimulada por meio dos códigos de olhares disfarçados por leques, pela inquietação das moças levantando-se para exibir os vestidos de seda e pelas faces rosadas.

No século XX, no Brasil, a comunicação por meio de gestos era um trunfo para as moças e rapazes que caminhavam livremente pelas praças, cafés e lojas. Nessas caminhadas, as moças interessadas em arranjar um namorado tinham a oportunidade de analisar vários candidatos a fim de escolher um para iniciar uma relação gestual preliminar; a esta etapa do namoro chama-se “estar em chumbação”. Nas cidades do interior, nos domingos após a missa, ia-se “tirar uma linha” e começar um namoro sério ou se encontrar num baile ou festa com o intuito de se tocarem (DELL PRIORI, 2015, p. 277).

Na tentativa de preservar a virgindade da moça, os passeios eram acompanhados, cumprindo o horário das nove horas da noite para o retorno para casa. Castigava-se com a ausência da festa de casamento, caso um “deslize sexual” vivido com o namorado ocorresse antes do matrimônio. Durante o noivado, era comum o uso do anel de compromisso e o casal recebia maior liberdade para frequentar a casa da noiva em dias e horários estabelecidos (DELL PRIORI, 2015).

Teriam as formas de interações entre os casais de namorados sido totalmente modificadas no século XXI? A seguir, buscamos evidenciar as transformações ocorridas nas relações de namoro.

## 2.2 Últimos anos

Podem-se elencar três maneiras de os adolescentes se relacionarem na contemporaneidade: o “ficar”, o namoro e o casamento. Este último não será abordado, pois não é contemplado no objetivo deste estudo. Nesta etapa desenvolvimental, essas relações são importantes ao contribuir com o processo de consolidação da autonomia, identidade e, além disso, favorecerem o desenvolvimento da sexualidade (STENGEL, 2003; BELÉN, 2013; BRÊTAS *et al.*, 2017).

O namoro é a primeira experiência de envolvimento afetivo e sexual para os adolescentes. Para D’Affonseca *et al.* (2015), refere-se a um período no qual duas pessoas participam de atividades sociais como um casal, embora não morem juntos. O namoro na adolescência é uma oportunidade para explorar quem eles são e aprender papéis para a vida adulta, além de ser um espaço para o companheirismo, a experimentação sexual e a resolução de conflitos (WHITE, 2009).

Nina-Estrella (2011) destaca que nas primeiras relações amorosas, verifica-se a intensidade das expressões físico-afetivas como beijos, toques nas mãos, abraços e toques pelo corpo. Para Bélen (2013, p. 16):

as relações amorosas na adolescência apresentam as seguintes características: envolvem duas pessoas que reconhecem algum tipo de vínculo entre si, são voluntárias, existe uma atração pela aparência física, características da personalidade, compatibilidade de interesses, e implicam em expressões de companheirismo, intimidade e proteção.

O “ficar” ou “pegar” alguém, para Stengel, Moreira e Lima (2015), é uma forma de relacionamento amoroso que surgiu no início dos anos 80, marcado pela efemeridade, ou seja, com pouca duração e falta de compromisso nas relações e, até mesmo, a possibilidade de relacionar-se com mais de um(a) parceiro(a) ao mesmo tempo, sendo este parceiro conhecido ou não. O “ficar” pode ser compreendido como um relacionamento com começo (encontro dos parceiros), um meio (a ficada) e um fim (a ruptura da relação no mesmo dia), sem que haja algum desdobramento para a relação (STENGEL, 2003).

Se o “ficar” denota a falta de compromisso e as relações mais casuais, o namoro demanda compromisso entre os parceiros e, mesmo na atualidade, continua pretendido pelos adolescentes. Na cultura brasileira, o namoro é visto como um compromisso entre os parceiros. Uma relação séria, com intenção de ser duradoura, monogâmica e, não implica em seu objetivo final, o casamento, como era no passado (STENGEL, 2003). Para um casal, passar do “ficar” para o namorar, muitas vezes não

é algo marcado, mas que ocorre naturalmente, até o momento em que os dois confirmem que estão namorando, ou seja, estão num compromisso sério. O namoro é concebido como uma relação que se torna séria quando há confiança, apoio, compreensão, sinceridade, fidelidade, afinidade e união entre o casal. Trata-se de um conceito que se refere à experiência romântica, de vinculação, compromisso e apoio de um casal, marcados pelo contexto cultural e social em que se insere. De tal modo, abordar o namoro implica conhecer os sentidos que os adolescentes atribuem às suas relações amorosas no contexto social que pertencem (SÁNCHEZ *et al.*, 2011).

Na adolescência o interesse romântico se inicia entre os adolescentes de 10 e 11 anos; já na idade de 14 a 15 anos, ocorre a concretização da relação amorosa. Dessa forma, demonstra-se uma continuidade desenvolvimental, uma vez que as relações íntimas se apresentam de forma crescente, passando de algo individual para relacional (BARTH; WAGNER; LENVANDOWSKI, 2017). Resultados semelhantes foram encontrados por Rodríguez-Pérez, Rodríguez-Menéndez e Inda-Caro (2019), no estudo com 56 participantes, o qual aponta que os primeiros sentimentos amorosos, geralmente, iniciam-se em torno dos 13 a 14 anos. Os autores indicam que as moças começam a namorar mais cedo do que os rapazes. De acordo com Chaves (2016), acrescenta-se a modalidade de prática amorosa entre os jovens pesquisados, além do “ficar” e namorar, o ficar “ficando”. Nesta forma de relacionar-se o tempo cronológico é o grande diferencial. Os parceiros ficam repetidas vezes por um período maior, dias ou meses.

### **2.3 A Internet e as “novas” relações amorosas entre adolescentes**

No Brasil, desde a década de 1970, foram identificadas situações nos costumes e na vida privada relacionados ao feminismo, ao uso da pílula anticoncepcional, à liberdade de expressão e à nudez exibida nas mídias impressas e, mais recentemente, na Internet. Todo esse contexto contribui com a maneira como as pessoas veem os relacionamentos amorosos (DELL PRIORI, 2015).

A abrangência que as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) tomaram com o surgimento da Internet seria considerada inimaginável no início dos anos 2000. No final da década de 90, Cebrián (1999) apontou que, no início do século XXI, a internet seria uma forma de comunicação humana que superaria a mídia impressa, o telefone, a televisão, e ainda, o computador. Após decorridas duas

décadas, este cenário consolidou-se e, desde então, grandes transformações ocorreram com o aumento da conectividade das pessoas e da popularização da rede mundial de computadores.

A melhoria do acesso à Internet é uma realidade para grande parte da população brasileira, incluindo os adolescentes. Recente pesquisa nacional feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br, 2018) apontou que 92% dos participantes entre 15 e 18 anos usam as redes sociais, 91% enviam mensagens instantâneas e 30% conversam por chamada de vídeo. Ampliando-se a idade deste grupo etário, no ano de 2017, 85% das crianças e adolescentes de nove a 17 anos utilizavam a Internet, o que corresponde a 24,7 milhões de usuários. Quando questionados sobre outras experiências ao usar a Internet, os números demonstram uma proporção pequena, porém relevante quanto às práticas de envio de conteúdo sexual (5% entre 13 e 14 anos e 11% entre 15 e 17 anos). O acesso a tais conteúdos via Internet cresce com a idade e se intensifica na adolescência, confirmando a discussão sobre as dúvidas, curiosidades e experimentações que começam nessa fase do desenvolvimento (CGI.br, 2018).

Por meio da Internet, novas formas de interação social foram disponibilizadas, com repercussões, principalmente, para os adolescentes. Se, antes, era necessário um encontro presencial (off-line) para conhecer uma pessoa, hoje, tais vínculos podem ocorrer mediados pela Internet (on-line). Scachetti, Oliveira-Monteiro e Taddei (2019, p. 87) versam que, “é difícil imaginar uma esfera da vida humana que não tenha se transformado com as novas tecnologias, incluindo, sem dúvida, a das relações amorosas” no universo da adolescência. Os autores revelam que as demonstrações de afeto também sofreram transformações, sendo expressas nas redes sociais como *Facebook* pelo “curtir” quando alguém de sua rede de contato faz uma publicação (SCACHETTI; OLIVEIRA-MONTEIRO; TADDEI, 2019).

Para Breton (2017, p. 15), na adolescência, “as tecnologias modelam as suas identidades e a sua relação com o mundo [...] é uma maneira de experimentar, de explorar mundos pouco conhecidos por meio de *nicknames* (pseudônimos) e avatares”. Isto pode ser possível por meio da proteção da tela, do anonimato, da ausência do olhar do outro; com isso a inibição é acobertada com a privacidade que vem do quarto e das teclas.

Neste sentido, o telefone celular tornou-se um canal de comunicação essencial e comum na atualidade, além de um meio estimado para a troca de intimidade e

interesses sexuais no namoro entre adolescentes. A iniciação da atividade sexual mediada pela Internet, neste recorte etário, pode ser vivenciada de forma saudável. Os jogos de sedução, a descoberta do prazer sexual, do sentir-se desejada(o) pelo(a) parceiro(a) são comportamentos comuns nesta etapa do desenvolvimento (GÁMEZ-GUADIX; SANTISTEBAN; RESETT, 2017, OUYTSEL *et al.*, 2016; WALRAVE *et al.*, 2015, JIMÉNEZ; MUÑOZ-FERNÁNDEZ; GEA, 2015). Os adolescentes percebem que o envio de imagens de nudez – denominado na literatura especializada como *sexting* – em uma relação amorosa é utilizado, especialmente, para despertar o interesse de um(a) parceiro(a).

*Sexting* consiste no envio e/ou recebimento de imagem, texto, vídeo de si mesmo ou do casal, com conteúdo sexual, por meio, principalmente, do celular e aplicativos de troca de mensagens, de forma consentida e não consentida (FRANKEL; BASS; PATTERSON; DAI; BROWN, 2018; GÁMEZ-GUADIX; SANTISTEBAN; RESETT, 2017; BRINKLEY; ACKERMAN; EHRENREICH; UNDERWOOD, 2017). No Brasil, o *sexting* é popularmente conhecido como “mandar nude(s)”. Quando praticado de forma não consentida é considerado uma forma de violência.

Nos dias de hoje, os aplicativos para celulares como *Tinder* e *Badoo* são algumas opções on-line disponíveis para quem busca um encontro casual, um namoro e, até mesmo uma amizade. Esses aplicativos fazem uso da geolocalização como forma de aproximação entre as pessoas que realizam o cadastro na plataforma digital. Os usuários são apresentados como se fossem cardápio ou “álbum de figurinha”, constando fotos e informações sobre o perfil pessoal. Caso haja interesse mútuo, ou seja, ambos gostarem um do outro, as pessoas interessadas podem iniciar um bate-papo ou agendar um encontro presencial (BRÊTAS *et al.*, 2017).

Brêtas *et al.* (2017) defendem que são poucas as evidências sobre os possíveis impactos das relações de “ficar” entre adolescentes que tendem a crescer com o surgimento dos aplicativos de relacionamento. De forma a conhecer alguns aplicativos de relacionamentos disponíveis no Brasil, realizou-se uma busca no *Play Store* (sistema Android) e na *Apple Store* (sistema IOS), nas quais foram localizados 25 aplicativos que estão descritos na tabela 1, separados de acordo com a loja de aplicativos dos dois sistemas operacionais.

Tabela 1 – Aplicativos de relacionamentos amorosos disponíveis Play Store/Apple Store (2020)

<b>Android /Play Store</b>			
<b>Nome do Aplicativo</b>	<b>Apresentação sobre o app</b>	<b>Gratuito/Pago</b>	<b>Classificação de Conteúdo*</b>
Badoo**	Meet & Date! O Badoo te ajuda a fazer match com novas amizades e paqueras	Gratuito com versão Badoo Premiun paga	18 anos
Happn	Encontre o seu crush!	Gratuito com versão premium paga	14 anos
Hily Encontros	O melhor aplicativo de relacionamento. Hily torna fácil encontrar o namorado(a) perfeito(a) perto de você.	Gratuito	18 anos
Jaumo**	App #1 de namoro & relacionamento. Solteiros, bate papo & relacionamentos	Gratuito com versão paga	14 anos
Joyride	Encontro o seu romance casual. Namoro para adultos, encontro casual e bate papo.	Gratuito com versão premium paga	18 anos
LOVOO**	Mergulhe no mundo do LOVOO, onde gente interessante, encontros fascinantes e pura diversão esperam por você.	Gratuito com versão premium paga	14 anos
MOOQ	Chat, namoro e encontro totalmente grátis	Gratuito	14 anos
Par Perfeito**	Comece sua busca por solteiros que desejam relacionamento, amizade ou encontros.	Pago	14 anos
Sweet Meet	Namoro para meninas e homens em sua cidade. Bate papo on-line, amizade, amor. São novos namoros e relações para cada dia.	Gratuito	14 anos
Tinder**	Namoro, amizade, relacionamento e muito mais. Venha conhecer pessoas novas	Gratuito com versão Tinder Plus (R\$ 9,90) ou Tinder Gold (R\$ 14,90) paga	14 anos
W-Match**	Entre para o aplicativo de relacionamentos em português nº 1. Toda história de amor é bonita, mas a sua será perfeita.	Gratuito	14 anos
Waplog**	Chegou a hora de você fazer parte do melhor aplicativos de encontros da galáxia!	Gratuito	14 anos
<b>IOS / Apple Store</b>			
Plenty of Fish (POF)	Uma conversa é onde tudo começa.	Gratuito com versão paga	17 anos
Bumble	Conectar-se com pessoas interessantes nunca foi tão fácil. Namoro, amizade e networking	Gratuito com versão paga	17 anos

Adote um Cara	O primeiro app de relacionamentos a dar o poder de escolha às mulheres.	Gratuito com versão paga	17 anos
Match	Maior site de relacionamentos, encontros, namoro e amizade do Brasil e América Latina.	Pago	17 anos
Namoro online	Encontros e namoro para quem procura o seu par perfeito	Gratuito com versão premium paga	17 anos
Pure	Pure é para quando se procura uma aventura depois do escuro, não uma relação. É rápido, direto e discreto.	Pago	17 anos
Flercha	Pronto para se divertir? O que está esperando? Comece a navegar, conversar e namorar agora mesmo.	Gratuito com versão paga	18 anos
Once	Cansado de ir passando por perfis sem encontrar alguém especial? Confie nos nossos cupidos para achar a pessoa certa para você.	Gratuito com versão paga	17 anos
Zoosk	Esteja você procurando o amor, um relacionamento ou querendo conhecer gente nova na cidade, deixe que o principal aplicativo de encontros ajude você a encontrar mais solteiros que são do seu estilo.	Pago	17 anos
Meet-Me	O jeito mais fácil de conhecer pessoas	Gratuito	17 anos
Date-me	Te coloca no caminho certo para o namoro em cinco simples passos.	Gratuito	17 anos
Qeep	Procura bate-papo, flerte, encontros ou alguém com quem combine perfeitamente? Você está no lugar certo.	Gratuito com versão paga	17 anos
Dateway	É o melhor caminho para você conversar, compartilhar momentos e namorar.	Gratuito com versão VIP paga	17 anos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

\* Informações contidas na *Play Store*: Os desenvolvedores de aplicativos e a Coalizão Internacional de Classificação Indicativa (IARC) são responsáveis pelas classificações de conteúdos que por sua vez, são usadas para descrever o nível mínimo de maturidade para acessar o conteúdo de um aplicativo. Todavia, eles não informam se o *app* foi criado para usuários de uma idade específica.

\*\* Aplicativos encontrados tanto na *Play Store* quanto na *Apple Store*.

Identificou-se que há aplicativos para o público cristão, LGBT, idosos e divorciados. Estes não foram listados, pois a intenção era conhecer algumas das plataformas mais populares entre os jovens em geral, sem qualquer especificação dos tipos acima assinalados. Essas novas ferramentas se constituem em mais uma

maneira de visualizar a intimidade de outras pessoas por meio das fotos em locais que costumam visitar, viagens, informações pessoais e localização geográfica. As “pegadas digitais” deixadas on-line podem ser consideradas uma porta de entrada face à exibição da intimidade; fato este que requer cuidado ao se relacionar com o “*match*”, uma vez que os aplicativos não oferecem veracidade das informações pessoais de cada usuário.

A partir da literatura pesquisada, foi possível identificar as transformações que ocorreram nos vínculos amorosos que antecedem o casamento ao longo do tempo. São relações socioculturais construídas e, muitas vezes reeditadas de uma geração para outra. Nota-se, que mesmo no período do Brasil Colônia, as relações íntimas como o namoro e o “ficar” já existiam entre os mais novos. Fica evidente que os encontros furtivos e “namoricos” sucediam escondidos dos pais, visto que essas relações eram autorizadas apenas para preceder o casamento.

Diante de tais regras, os jovens encontravam artifícios para viverem seus encontros amorosos, durante eventos religiosos como as missas, as novenas ou quaisquer outros acontecimentos sociais da época. De outra forma, a contemporaneidade é marcada pela liberdade de escolha do parceiro que, para os adolescentes, pode se dar na escola, grupo de pares, igreja e shoppings, por exemplo. Todavia, para alguns adolescentes, as primeiras relações amorosas não são reveladas aos pais ou responsáveis. Com frequência, os relatos dos adolescentes nos estudos pesquisados, revelaram que o “ficar” é uma relação sem compromisso, efêmera, que, surge, a princípio de uma atração física. Muitas vezes, a “ficada” pode transformar-se em namoro “firme”, ou seja, numa relação mais longa em que há um(a) parceiro(a) fixo, sem a intenção, contudo do casamento.

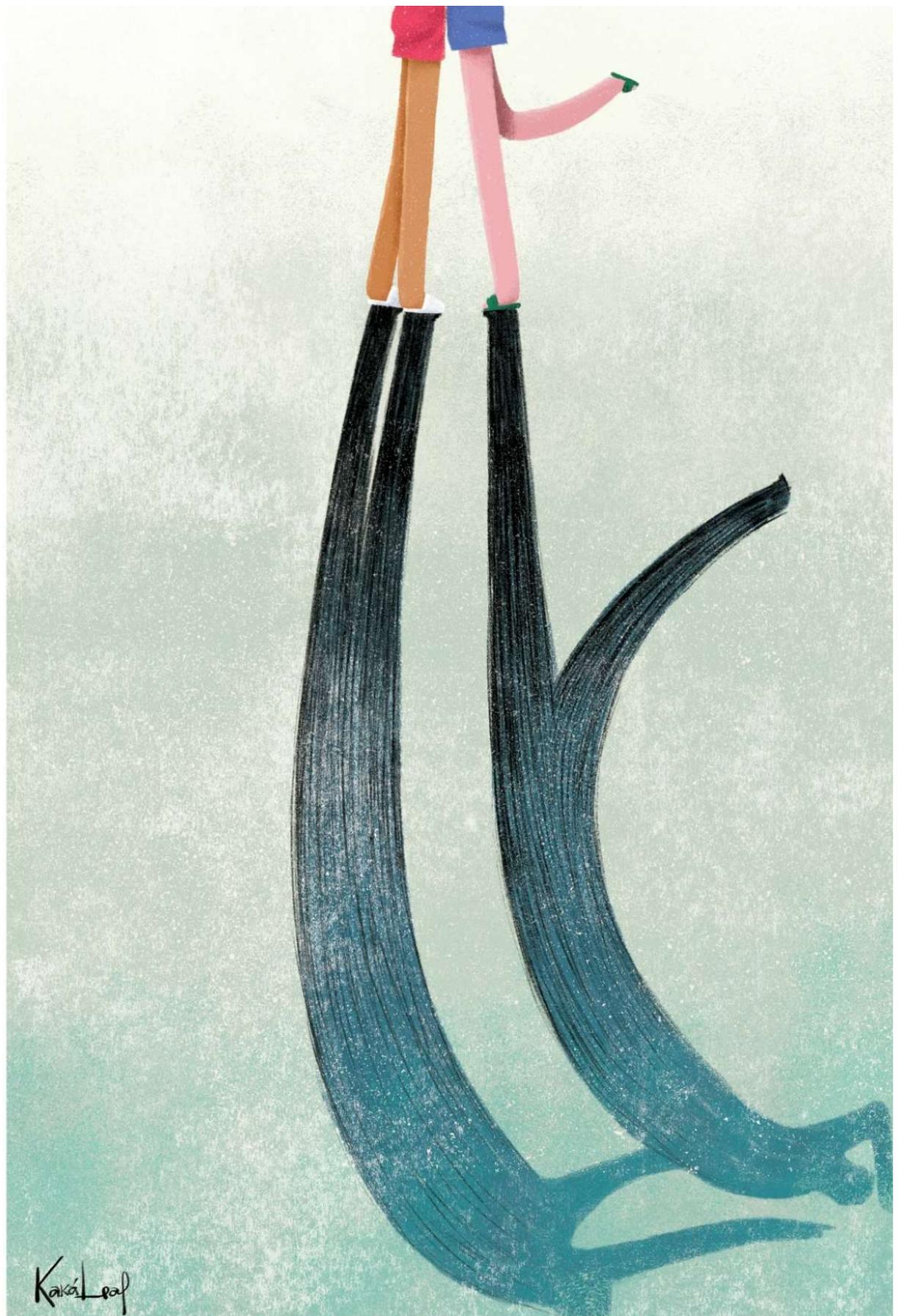
É importante destacar, ainda, o tipo de relação que pode ser chamada de “ficar ficando” – conhecida popularmente como amizade colorida ou amigos com benefícios –. Compreende-se que este tipo de relação amorosa se localiza entre o “ficar” e o namoro, uma vez que apresenta características como maior duração – algumas chegam a durar meses com encontros constantes –, porém tem-se a ausência do compromisso que é a marca do “ficar”.

O termo compromisso no namoro, refere-se às regras socialmente estabelecidas e identificadas na literatura como a fidelidade, a monogamia, os encontros constantes, o (re)conhecimento da família e dos pares sobre a relação. O

namoro pode ser entendido como uma relação estável, reconhecida mutuamente, envolvendo expressões afetivas e sexuais.

As relações afetivo-sexuais que antecedem o casamento, sejam elas o “ficar”, o “ficar ficando” e o namoro sofreram transformações ao longo do tempo, no entanto, não deixaram de ser cultivadas e buscadas. Os beliscões e as pisadelas (herança portuguesa) cederam lugar os carinhos nas mãos, o toque sutil nos cabelos, abraços e beijos trocados à vista de todos; os bilhetes que eram entregues antigamente pelas escravas ou “moleques de recado”, continuam a existir entre os casais no formato digital mediados pelos aplicativos de troca de mensagens e de namoro. Os olhares lançados continuam sendo uma forma de comunicar o interesse afetivo. A escola, e não mais as missas, é o cenário mais proveitoso para o estabelecimento das primeiras relações. Os presentes como demonstração de afeto ainda resistem: brincos, pelúcias e perfumes. Os anéis de compromisso e noivado continuam a ter uma importância social para os casais.

Por fim, as relações amorosas na adolescência apresentam nuances com características e significados atribuídos por estes, e recebem influências diretamente da família de origem e grupo de pares e, mais recentemente, da Internet por meio das redes sociais e dos aplicativos de namoro. Os relacionamentos que aconteciam escondidos lá no Brasil Colônia podem no fundo até serem os mesmos, porém, apresentam-se com outras roupagens, traduzidas em liberdade e maiores oportunidades durante a adolescência.



### 3. Violência no Namoro na Adolescência

**Saber Amar**

*A crueldade de que se é capaz  
Deixar pra trás os corações partidos  
Contra as armas do ciúme tão mortais  
A submissão às vezes é um abrigo [...]  
Saber amar  
Saber deixar alguém te amar  
Há quem não veja a onda onde ela está  
E nada contra o rio  
Todas as formas de se controlar alguém  
Só trazem um amor vazio [...]*

**Hebert Vianna**

Após atravessarmos as mudanças nas formas de relacionar-se intimamente ao longo da história e verificar os conceitos apontados pela literatura sobre as relações pré-matrimoniais vivenciadas pelos adolescentes; aprofundaremos, neste capítulo, conceitos e aspectos relacionados à violência e namoro nesta fase do desenvolvimento humano.

O namoro é uma relação amorosa acordada entre o casal que, em muitas culturas é vista como uma etapa de experimentação para o amor e para os jogos de sedução, oferecendo, assim, a oportunidade aos adolescentes de viverem novas situações. Entretanto, alguns casais experimentam episódios de violência já nessas relações amorosas iniciais (SALDIVAR-HERNÁNDEZ, 2019).

A violência no namoro – chamada também na literatura de abuso no namoro (TAYLOR; MUNFORD, 2016) ou violência por parceiro íntimo (VPI)<sup>1</sup> (BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016) –, pode ser compreendida como um padrão de comportamento abusivo utilizado para exercer poder e controle sobre a parceria. Dito de outro modo, os comportamentos violentos exercidos de diferentes maneiras, possibilitam o ganho e a manutenção de poder e controle de uma pessoa sobre outra. Qualquer adolescente pode se envolver em uma relação séria ou casual violenta, independente da sua identidade de gênero, orientação sexual, posição socioeconômica, raça, religião ou cultura (BTC<sup>2</sup>, 2018).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016, p. 19), “a violência entre namorados é uma forma precoce de violência entre parceiros íntimos, e ocorre principalmente na adolescência e no início da idade adulta” com as primeiras experiências ocorrendo entre 11 e 17 anos (BREIDING; CHEN; BLACK, 2014).

---

<sup>1</sup> De acordo com a revisão de literatura desenvolvida, embora não haja unanimidade, o termo violência entre parceiros íntimos (VPI) vem sendo majoritariamente utilizado em pesquisas voltadas para a violência na conjugalidade e a violência contra a mulher no âmbito de uma relação íntima. O termo violência no namoro é o mais utilizado nos estudos nacionais e internacionais que remete ao fenômeno nas relações amorosas entre adolescentes, por isso a escolha desta terminologia para uso nesta tese.

<sup>2</sup> *Break the Cycle* (BTC) é uma ONG norte-americana que atende, desde o ano 2002, gratuitamente, jovens de ambos os sexos, entre 12 e 24 anos, envolvidos em relações de namoro violenta. Trata-se de uma organização que apoia este público etário a construir relacionamentos saudáveis e a criar uma cultura sem abuso. Reconhecida nos Estados Unidos, é membro da *National Taskforce to End Sexual and Domestic Violence Against Women*, teve suas atividades iniciadas no ano de 1996, em Los Angeles, no estado da Califórnia. Nos últimos anos, tem trabalhado com jovens em todo o país, por meio de um movimento nacional liderado por jovens, *Let's Be Real*, a fim de levar educação e conscientização sobre relacionamento saudável para suas comunidades. Para maiores informações: <https://www.breakthecycle.org/>. Em 2021, a instituição decidiu encerrar as atividades nos EUA.

*Centers for Disease Control and Prevention*<sup>3</sup> (CDC, 2016, 2017) aponta que a violência no namoro entre adolescentes é um tipo de violência por parceiro íntimo, que ocorre entre duas pessoas num relacionamento amoroso. A autora brasileira Njaine (2015, p. 382) profere que o fenômeno pode ser definido como “qualquer comportamento que prejudique o desenvolvimento e a saúde da(o) parceira(o) e comprometa a sua integridade física, psicológica ou sexual”

O surgimento da violência no namoro como objeto de estudo se deu nos Estados Unidos, no início dos anos 80 do século XX. O precursor deste campo do conhecimento foi o americano Makepeace (1981), a partir da sua investigação do fenômeno como uma problemática distinta e separada da violência conjugal. É importante destacar que conceitualmente a violência no âmbito do matrimônio se refere às agressões que ocorrem entre um casal, nas quais há a existência de um vínculo emocional, coabitação dos cônjuges e um projeto de vida comum (CASTRO; CASIQUE, 2010). Deste modo, ressalta-se que os resultados revelados nas investigações com adultos não devem ser deslocados para os estudos com os adolescentes, pois nesta fase o fenômeno se desenrola de diferentes formas (OLIVEIRA, Q *et al.*, 2014). No cenário brasileiro, a temática só começou a receber visibilidade na primeira década dos anos 2000 (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

### 3.1 Tipos de violência no namoro e sua prevalência

Antes de aprofundar acerca das várias tipologias de violência entre namorados adolescentes, discutiremos a respeito do que Instituições internacionais voltadas para a prevenção deste fenômeno como *Love is Respect*<sup>4</sup> (2019) e o *Future Without Violence*<sup>5</sup> (2015) relatam sobre os sinais de alerta relacionados à escalada da violência nas relações íntimas deste grupo etário:

---

<sup>3</sup> Centro de Controle e Prevenção de Doenças, divisão Prevenção da Violência do Departamento de Saúde (*U.S. Department of Health & Human Services*) dos Estados Unidos. Para maiores informações: <https://www.cdc.gov/>

<sup>4</sup> Love is Respect é um projeto da *National Domestic Violence Hotline* dos Estados Unidos, vinculado ao CDC e ao *U.S. Department of Health and Human Services*. Trata-se de uma ferramenta online que visa capacitar o jovem a prevenir e a romper com os relacionamentos abusivos. Oferece suporte 24 horas por dia e sete dias por semana por meio de atendimento telefônico gratuito e confidencial, chat, SMS, além de difundir informações sobre namoro saudável e abusivo em seu *website*. Para maiores informações: <http://www.loveisrespect.org/>

<sup>5</sup> Future Without Violence é uma instituição sediada nos Estados Unidos com escritórios em San Francisco, Washington DC e Boston que, há mais de 30 anos desenvolve programas, políticas e

(i) isolamento da família e amigos; (ii) ciúmes exagerado e insegurança; (iii) envio/recebimento excessivo de mensagens de texto e telefonemas; (iv) baixo rendimento acadêmico e faltas; (v) desentendimentos que resultam na quebra de objetos; (vi) medo de fazer algo de que a parceria não gosta; (vii) se desculpar pelo mau comportamento da parceria; ser acusado de algo que não cometeu; (viii) alterações de humor constantes na presença da parceria; (ix) posse em relação à pessoa; (x) explicações sem sentido para machucados. Existem situações nas quais exercer controle e domínio sobre o outro podem resultar em episódios de violência, logo é importante observar se o relacionamento amoroso faz a parceria se sentir triste, assustada(o) ou desconfortável constantemente. Quando o adolescente reconhece os comportamentos de alerta citados anteriormente, estes podem agir como forma preventiva da escalada da violência (FERREIRA; ABREU; NEVES, 2019).

São múltiplas as expressões de violência no namoro apontadas pela literatura. A fim de ilustrar os vários tipos de violência, desenvolveu-se um diagrama (figura 1) na tentativa de facilitar a sua identificação e compreensão, com base nos documentos do CDC (2020) e BTC (2018). A violência no namoro pode dar-se de diversas formas: física, sexual, psicológica, financeira, digital e perseguição. Isto não significa que tais tipologias e diferenciações ocorram de forma isolada. A literatura especializada evidencia que é corriqueira a ocorrência de mais de um tipo (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2014; COSTA; MIRANDA, 2020).

Estudo com 302 adolescentes de escolas públicas e privadas realizado na cidade do Recife – PE, revelou prevalência de 18,9 % de coocorrência da violência física e psicológica, sugerindo que as agressões físicas estão geralmente seguidas das psicológicas (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013). Resultados semelhantes foram encontrados por Brancaglioni e Fonseca (2016), em Curitiba-PR, com 111 participantes entre 15 e 19 anos, mostrando a coocorrência da psicológica e física em 9,9% da amostra e psicológica e sexual em 12,6% dos adolescentes participantes.

Nos Estados Unidos, pesquisa nacional realizada anualmente com estudantes de 10 a 24 anos, com o objetivo de investigar o comportamento de risco juvenil, constatou que 8% deles já haviam vivenciado algum episódio de violência física (ser atirado contra algo, ferir-se com um objeto ou arma por alguém com quem namorava

ou ficava). A prevalência de violência física no namoro diminuiu significativamente de 2015 (9,6%) para 2017 (8,0%). Sobre a violência sexual, 6,9% dos entrevistados reportaram alguma experiência como ser beijado e tocado sem permissão, ou ainda, ser forçado a ter relações sexuais por alguém que namoravam ou ficavam durante os 12 meses que antecederam a pesquisa. As análises de tendência indicaram que, entre 2013 e 2017, ocorreu uma redução linear significativa (de 10,4% a 6,9%) na prevalência geral de violência sexual no namoro, entre os estudantes (KANN *et al.*, 2017).

Figura 1 – Tipos de violência no namoro



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Sobre a violência digital, Dick *et al.* (2014) apontam que 41,4% dos 1.008 adolescentes americanos pesquisados estiveram envolvidos com episódio de violência dessa natureza. Para os autores, o agravante de tal forma de violência incide na rapidez do seu compartilhamento. Essa característica amplia, sobremaneira, os

efeitos nocivos para as vítimas. Na Noruega, Hellevik e Øverlien (2016) destacam que a violência digital (29,1%) nas relações amorosas obteve maior índice de ocorrência entre os estudantes pesquisados. Na sequência, os outros tipos foram: psicológica (25,9%), sexual (18,8%) e, por último, física (12,8%).

No Brasil, uma pesquisa multicêntrica (Oliveira, Q. *et al.*, 2011) investigou a violência nas relações afetivo-sexuais (ficar ou namorar de adolescentes), em dez capitais brasileiras. Os resultados revelaram que se trata de um fenômeno frequente e de elevada magnitude. Participaram do estudo 3.200 alunos na faixa etária de 15 a 19 anos de 104 escolas públicas e privadas entre os anos 2007 e 2009. A maioria das moças e dos rapazes, 76,6%, simultaneamente, perpetra e sofre vários tipos de violência no relacionamento, dados que corroboram com as pesquisas internacionais (STRAUS; RAMIREZ, 2007; LAZAREVICH *et al.*, 2013). Na violência verbal, esse número sobe para 96,9%. A alta taxa aponta a banalização e a aceitação desse tipo de violência por parte dos adolescentes.

Na tipologia violência física, 64,1% dos escolares agridem e são agredidos fisicamente por seus parceiros(as). Sobre a violência sexual, 83,1% são vítimas e perpetradores ao mesmo tempo. É importante ressaltar que os itens aferidos nesse quesito foram: beijar quando o parceiro não quer (item que elevou o índice de violência sexual na pesquisa); tocar sexualmente e forçar a fazer sexo quando ele ou ela não deseja e ameaçar para tentar fazer sexo. Com respeito à violência autoinfligida (pensamentos e tentativas de suicídio), a pesquisa revelou que 19,3% dos entrevistados já pensaram em dar cabo da vida por causa do término de uma relação amorosa (OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2011).

Brançaglioni e Fonseca (2016), utilizando o mesmo instrumento para coleta de dados do estudo anteriormente citado, apontam que 95,7% das meninas e 83,3% dos rapazes já haviam perpetrado pelo menos uma tipologia de violência em suas relações de namoro. O estudo concluiu que as moças perpetraram mais violência do que os meninos, com exceção apenas da violência sexual, mais cometida pelos meninos. A perpetração da violência psicológica foi verificada em 90% da amostra total. A pesquisa foi realizada em Curitiba, estado do Paraná com 111 adolescentes entre 15 e 19 anos.

Para este grupo populacional marcado por uma fase de experimentação e novas experiências, sobretudo as amorosas, a ocorrência dos episódios de violência nas relações íntimas são mais simétricas e similares entre moças e rapazes.

Brancaglioni e Fonseca (2016) concluíram que as relações amorosas (namoro e ficar) dos participantes são menos assimétricas em comparação com as relações matrimoniais. Esta particularidade estaria relacionada às características próprias de um relacionamento amoroso deste grupo etário, uma vez que, no casamento, a relação de poder homem-mulher tende a aumentar.

A violência psicológica é o tipo mais comumente encontrado em estudos brasileiros (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013; BARREIRA *et al.*, 2014; OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2014; BRACAGLIONI; FONSECA, 2016, ANDRADE, 2018) e internacionais (FERNANDEZ-FUERTE; ORGAZ; FUERTES, 2011; LAZAREVICH *et al.*, 2013; TAYLOR; MUMFORD, 2014; VALDIVIA-PERALTA *et al.*, 2019). O grande número de adolescentes que perpetram e/ou são vítimas deste tipo de agressão permite identificar a possível banalização e conformação da violência como formas de se comunicar, demonstração de “amor e cuidado” e, até mesmo, uma brincadeira entre os parceiros (LAZAREVICH *et al.*, 2013; OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2014, ANDRADE, 2018). A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2015, p. 1) revela que:

existem táticas sutis, formas mascaradas de exercer poder e controle sobre a outra pessoa, que podem passar totalmente imperceptíveis. Por vezes exprimem-se sob a forma de preocupação com o relacionamento e o bem-estar da(o) parceiro(a) e podem ser confundidas como manifestação de amor.

Ademais, outro aspecto ligado ao não reconhecimento da violência praticada pode ser devido à idealização de que o namoro seja um espaço apenas para demonstrações de afeto e amor (GOMES, 2011). O estudo da violência psicológica é especialmente importante, uma vez que, frequentemente, precede a agressão física, acarreta danos à saúde mental, é mais persistente na duração, ou seja, a parceria pode ficar por muito tempo envolvida na relação, pois esse tipo não apresenta marcas visíveis (OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2014).

O modo como as sutilezas nas quais as agressões podem acontecer é também transposto para a violência sexual, conforme apontado por Costa e Miranda (2020). Os autores destacam que estas experiências para os adolescentes envolvem formas sutis que passam de maneira imperceptível como carícias, apalpar as nádegas e órgãos genitais, sem consentimento, por meio de pressão e/ou força física. Soma-se, ainda, a ideia de que o sexo é obrigatório ou “faz parte” da relação amorosa,

dificultando a sua identificação como uma experiência de violência; percebendo-se como “normal” ceder e aceitar as relações sexuais (APAV, 2015).

A dinâmica da violência no namoro pode ocorrer de forma face a face (off-line) ou mediada pela Internet. Esta é uma expressão de violência contemporânea, que pode ser compreendida como ato intencional de controlar, ameaçar, humilhar e insultar a imagem do(a) parceiro(a), incitar constrangimento e perseguição por meio do uso das tecnologias digitais. Diferente da que ocorre na presença física dos(as) parceiros(as), tal expressão de violência não apresenta impedimentos cronológicos e geográficos para sua ocorrência (FLACH; DESLANDES, 2017; CDC, 2017; ANDRADE; SAMPAIO; DONARD, 2020).

A violência digital no namoro pode ser subdividida em duas formas: a) comportamentos de controle e monitoramento das atividades on-line da parceria, acesso à senha dos dispositivos móveis como celular e *tablet*; controle das amizades e postagens nas redes sociais; controle por geolocalização; inspecionar o conteúdo do celular, chamadas e contatos; *hackear* a conta de redes sociais ou *e-mail*; provocar e sentir ciúmes por meio das redes sociais; enviar mensagens ofensivas e ameaças via celular; postar mensagens depreciativas e espalhar boatos sobre o(a) parceiro(a); enviar/receber ameaças e xingamentos; enviar mensagens seguidas provocando desconforto e, ainda, pressionar para obter respostas rápidas de ligações e mensagens e b) violência sexual digital – compartilhamento não autorizado de imagem íntima, incitar intimidade sexual não desejada, ameaçar a divulgação de algum conteúdo íntimo com a finalidade de aproveitar-se da vítima, bem como enviar/receber conteúdo íntimo sem consentimento (ANDRADE; SAMPAIO; DONARD, 2020).

É relevante citar que, os aplicativos de controle por geolocalização ou de rastreamento são facilmente baixados nas “lojas de aplicativos” dos celulares, bem como a maior parte deles é gratuita. Esses serviços abarcam o controle à distância do celular, além do acesso às senhas de e-mail e do dispositivo eletrônico, da localização em tempo real via rastreamento por GPS, até o acesso às mensagens postadas/recebidas em redes sociais, aplicativos de troca de mensagens e SMS, do(a) parceiro(a). Um ponto que chama a atenção é que, geralmente, a pessoa não sabe que está sendo monitorada (FLACH; DESLANDES, 2019). Desse modo, esta é uma forma de violência, de natureza simbólica, baseada no controle do outro. Portanto, não é de se estranhar que o controle e monitoramento passa a ser visto

como uma solução, assegurada por meio, por exemplo, do rastreamento digital e da promessa de que, com isto, tudo está “sob controle” daquele que está monitorando. As autoras realizaram busca por aplicativos no *Play Store* (sistema Android) e *App Store* (sistema iOS) e encontraram o número de 40, pagos ou gratuitos que oferecem como serviço o controle, monitoramento e rastreamento de parceiros(as): “os sujeitos a serem controlados pelos aplicativos analisados são majoritariamente os(as) parceiros(as) afetivo-sexuais (esposa, marido, namorada, namorado, amante, “peguete”)” (FLACH; DESLANDES, 2019, p. 5). Alguns de tais aplicativos encontrados foram: *Rastreador de Namorado*, *Rastreador de Namorada*, *Trust Me More*, *Mary’s Boyfriend Tracker* e *Pokies Girlfriend Tracker*. A maneira como o aplicativo funciona é também descrito pelas autoras:

a partir do momento que o usuário se interessa em baixar o aplicativo, aparecerá instantaneamente uma tela chamada “detalhes de permissão”, que autoriza o desenvolvedor a controlar, a partir do aparelho móvel, a localização, as fotos/mídia/arquivos, o armazenamento, os contatos, o telefone, as informações de chamada e código do dispositivo, a identidade, informações sobre conexão wi-fi, SMS, o histórico do dispositivo e aplicativos, a câmera e o microfone (FLACH; DESLANDES, 2019, p. 5).

Os comportamentos de controle resultam em uma invasão da “privacidade digital” como forma de exercer poder e controle sobre a(o) parceiro(a). Somando-se a isso, podem gerar angústia e serem prejudiciais aos casais quando se tornam um padrão de interação do relacionamento (REED *et al.*, 2016). O fato de ter um relacionamento íntimo parece ser visto por alguns parceiros(as) como um suposto direito à invasão da individualidade, intimidade e privacidade, fazendo com que esses aspectos tão caros à construção de um relacionamento amoroso saudável, passem despercebidos. A dinâmica dos comportamentos de controle – monitorar, controlar e vigiar – no namoro pode resultar, para muitas pessoas, em vivências constantes de “desassossego” e inquietação (LUCIO-LÓPEZ; PIETRO-QUEZADA, 2014). Isso parece estimular um “ciclo da ansiedade” (REED *et al.*, 2016), atenuada no instante em que um dos parceiros(as) encontra alguma resposta para o que procura: a localização ou com quem o outro esteja, por exemplo. No instante seguinte, um novo gatilho surge, reiniciando um novo ciclo com os mesmos comportamentos de controle, monitoração e vigilância.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) possibilitam o acesso a qualquer tipo de informação, entre elas a pornografia on-line. Nesse sentido, as redes sociais oportunizam mais riscos aos adolescentes quanto à violência sexual digital no contexto de namoro, pois podem incrementar a vulnerabilidade desse grupo etário pela exposição precoce a comportamentos sexuais de risco, como iniciação sexual prematura, relações sexuais desprotegidas e com múltiplos parceiros (DICK *et al.*, 2014; BRINKLEY *et al.*, 2017). Para os adolescentes do sexo masculino, a visualização de pornografia on-line apresenta alta relação com a probabilidade do envio de textos e imagens sexuais (*sexting*); para as adolescentes do sexo feminino, a visualização de pornografia on-line está associada com o recebimento do *sexting* (STANLEY *et al.*, 2016).

Como abordado no capítulo anterior, o *sexting* ou nudes produzidos e compartilhados de forma voluntária pode ser observada como parte integrante das primeiras experiências afetivo-sexuais dos adolescentes. A disseminação não autorizada das imagens, vídeos ou textos com conteúdo íntimo de si mesmo ou do casal é visto como uma das possibilidades de expressão da violência no âmbito de uma relação de namoro com a agravante do rápido compartilhamento, da ubiquidade, da audiência amplificada e a ausência de barreiras geográficas e de tempo, além da velocidade no compartilhamento. O *sexting* pode ser preditor de violência digital no namoro a partir do instante em que o conteúdo íntimo enviado/recebido é compartilhado por meio eletrônico sem consentimento (DICK *et al.*, 2014; CHOI; OUYTSEL; TEMPLE, 2016; JIMÉNEZ; MUÑOZ-FERNÁNDEZ; GEA, 2015; OUYTSEL *et al.*, 2016).

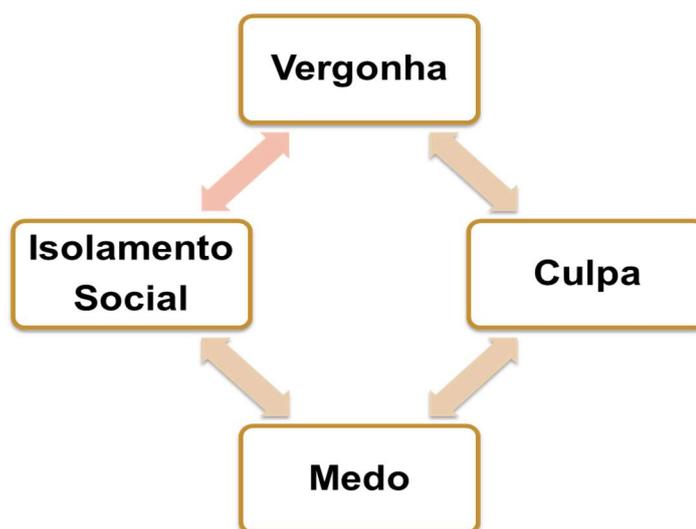
Moças e rapazes se envolvem igualmente no *sexting* (GÁMEZ-GUADIX; SANTISTEBAN; RESETT, 2017; STANLEY *et al.*, 2016; JIMÉNEZ; MUÑOZ-FERNÁNDEZ; GEA, 2015). Entretanto, são apontadas diferenças de gênero: adolescentes do sexo feminino são mais propensas a serem vítimas de disseminação não autorizada de imagem íntima (FRANKEL *et al.*, 2018; REED; TOLMAN; WARD; 2017; VÁZQUEZ; DONOSO; BAÑOS, 2018; ZWEIG *et al.*, 2013); adolescentes do sexo masculino recebem mais *sexting* consensual (FRANKEL *et al.*, 2018; BRINKLEY *et al.*, 2017).

Também são considerados violência sexual digital ameaçar a divulgação de algum conteúdo íntimo com a finalidade de aproveitar-se da vítima, pressionar para o envio do *sexting*, bem como recebê-lo sem consentimento (REED; TOLMAN; WARD,

2017; DONOSO-VÁZQUEZ; HURTADO; BAÑOS, 2017; PESKIN *et al.*, 2017). Tais comportamentos são chamados, ainda, de “coerção digital sexual” (REED; TOLMAN; WARD, 2017). Entre os motivos ligados à disseminação não consentida do *sexting*, Ouytsel *et al.* (2016) revelaram a disseminação de imagens por vingança após término de um relacionamento amoroso e o encaminhamento aos amigos(as) da foto íntima, a fim de se vangloriar da imagem recebida.

O estudo de revisão sistemática desenvolvido por Andrade, Sampaio e Donard (2020) evidenciou que, embora os efeitos da violência digital no âmbito da saúde mental não tenham sido delimitados com nitidez, o fenômeno é considerado como um problema de saúde pública. Os sentimentos como culpa – se sentir responsável pela violência exercida pelo outro –, medo, vergonha e ruptura de relações sociais estão envolvidos quando há o compartilhamento não autorizado de imagem íntima para mulheres jovens, conforme Trindade (2017). Resultados semelhantes foram encontrados por Costa e Miranda (2020) ao estudarem a violência sexual face a face entre namorados adolescentes. A figura 2 elucida os sofrimentos psíquicos citados no estudo após o vazamento de imagens íntimas.

Figura 2 – Sentimentos pós violência sexual digital – disseminação não autorizada de imagem íntima



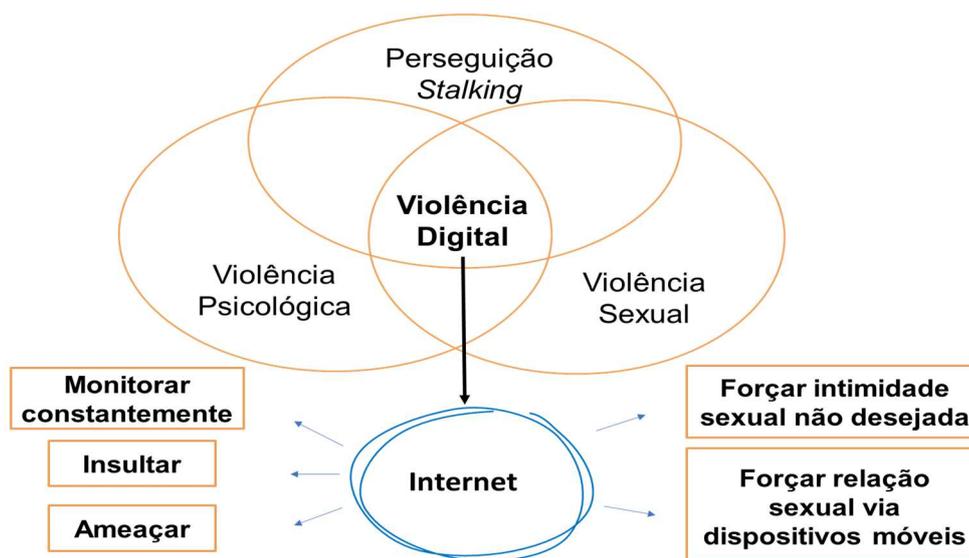
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A violência digital no namoro entre adolescentes foi considerada como associada àquelas que ocorrem face a face (ZWEIG *et al.*, 2013; DICK *et al.*, 2014; CHOI; OUYTSEL; TEMPLE, 2016; STANLEY *et al.*, 2016; DOUCETTE *et al.*, 2018;

BARTER *et al.*, 2017). Tais pesquisas apontam para uma coocorrência entre as expressões da violência interpessoal dos tipos física, psicológica, sexual e a violência digital no namoro. Isto é, as experiências de violência podem acontecer de forma combinada, de tal modo que um tipo de violência pode ser preditor de outro (TEMPLE *et al.*, 2016b; ZWEIG *et al.*, 2013).

Na violência digital, os celulares, aplicativos de trocas de mensagens, *e-mails* e redes sociais são utilizados para ameaçar, controlar, assediar, incitar intimidade sexual não desejada, perseguir e humilhar o(a) parceiro(a) no contexto de uma relação amorosa. Algumas especificidades deste tipo de violência, entretanto, devem ser consideradas diante da sua complexidade: a ubiquidade, a rapidez do seu compartilhamento e, por isso, a audiência amplificada e, ainda, a ausência de barreiras geográficas e temporais para a sua ocorrência, como citadas anteriormente (ANDRADE; SAMPAIO; DONARD, 2020). A figura 3 ilustra esse entendimento da violência digital como uma interseção de alguns tipos de violência – psicológica, sexual e perseguição que ocorrem off-line, reforçando a complexidade de tal expressão de violência.

Figura 3 – Violência digital e a interface com a violência face a face (off-line)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A busca em bases de dados para a realização deste capítulo, revelou carência de publicações sobre a violência digital, financeira e a perseguição no namoro entre

adolescentes no Brasil. Borges e Dell'Aglio (2019) investigaram o *stalking* (perseguição) pós rompimento da relação de namoro exercido pela(o) ex-parceira(o). Ter sofrido violência física e psicológica ao longo do relacionamento apresenta correlação com o ser vítima de perseguição na pós-ruptura do namoro.

Estima-se que um dos prováveis motivos para a suposta escassez dos estudos seja o fato de que boa parte das pesquisas publicadas no país acerca da problemática utiliza como instrumento para a coleta de dados, a escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI). O referido instrumento em particular não mensura as três tipologias anteriormente relatadas (ANDRADE; UCHÔA, 2020). Em recente revisão de literatura acerca dos instrumentos utilizados nas pesquisas no âmbito desta temática, Andrade e Uchôa (2020) identificaram que, apenas três deles foram validados para a população brasileira, apesar de terem sido desenvolvidos em outros países: i) CADRI; ii) PAJ (*Parcours Amoureux des Jeunes*); iii) ACVS (*Acceptance of Couple Violence Scale*).

### **3.2 Bidirecionalidade da violência no namoro**

Quanto à direcionalidade da violência no âmbito do namoro, há na literatura a evidência consistente de que seja bidirecional, ou seja, ambos perpetram a violência no relacionamento íntimo e se agridem mutuamente, criando uma dinâmica relacional violenta nas relações amorosas. É também chamada de violência mútua ou reciprocidade (GUEVARA-MARTÍNEZ *et al.*, 2017; BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016; BESERRA *et al.*, 2016; ALEGRÍA del ÁNGEL; BARRAZA, 2015; BARREIRA *et al.*, 2014; LAZAREVICH *et al.*, 2013).

Barreira *et al.* (2014) utilizaram o termo tipos de direcionalidade designando a perpetração da violência que pode ser protagonizada apenas pela moça, apenas pelo rapaz ou por ambos (bidirecional) nos tipos física e psicológica. Os autores concluíram que a violência é bidirecional, nas duas expressões analisadas, em 83,9% dos adolescentes. Apenas 2,5% perpetraram, mas não foram vítimas e 2,8% sofreram, não cometeram violência. Estudo mexicano com 729 participantes, com idade entre 17 e 19 anos, demonstrou que dois terços dos estudantes, rapazes e moças, cometeram e sofreram, principalmente violência psicológica (LAZAREVICH *et al.*, 2013). O estudo português de Beserra *et al.* (2016) revelou que participantes de ambos os sexos relataram uso de violência física tais como: "puxar os cabelos com

força"; "dar uma bofetada"; "apertar o pescoço"; "atirar objetos em outra pessoa"; "dar pontapés e cabeçada" e "dar empurrões violentos". A simetria da violência entre namorados, ou seja, igualdade em relação ao exercício da violência no namoro, pode ser exercida tanto pelo sexo masculino quanto pelo feminino, conforme verificado no estudo.

No que se refere à violência digital no namoro, algumas pesquisas revelam que adolescentes de ambos os sexos perpetram e são vítimas, caracterizando-a também como bidirecional (RUIZ, 2014, LUCERO *et al.*, 2014; ALGOVIA; RIVERO; CABRERA, 2017). Temple *et al.* (2016b) indicam que adolescentes vítimas de violência digital tendem também a perpetrá-la. O trabalho de Smith *et al.* (2018) corrobora com estes autores. Dos 190 participantes da investigação, 82,5% reportaram experienciar a violência mútua. Além do mais, não foi verificada diferença de gênero para a perpetração e para a vitimização.

Alguns estudos como os de Andrade (2018) e Oliveira *et al.* (2016), discutem que a agressão física perpetrada pelas moças seria uma forma de revide e autodefesa no tocante às agressões sofridas, levando a importante e urgente reflexão sobre como a submissão feminina poderia ser enfrentada no âmbito de um relacionamento. A pesquisa de Andrade (2018) encontrou tal ideia na narrativa de uma participante de 17 anos quando questionada sobre como poderia reagir diante de uma agressão física, deixando claro em seus relatos que uma agressão física é usada como resposta diante de outra, como um revide, afinal são "direitos iguais". De igual modo, Oliveira *et al.* (2016) sugerem que este aspecto pode relacionar-se à recusa diante da submissão ao parceiro:

nossos resultados levam à reflexão sobre tal prática, que vem sendo associada a alcance de certo "patamar de igualdade" pelas meninas em relação aos meninos, o que, para nós é preocupante, pois indica que a violência, inclusive a física, vem sendo vista como um meio através do qual tal igualdade seria alcançada (OLIVEIRA, Q *et al.*, 2016, p. 8).

Em revisão de literatura sobre a violência bidirecional, Alegría del Ángel e Barraza (2015) apontam que as principais contribuições foram:

marcar uma visão diferente da abordagem da violência, sem exclusividade do sexo, considerando a possibilidade da simetria de gênero, idade e instrumentos de medição utilizados, bem como

fortalecer a crescente linha de investigação sobre a reciprocidade de atos violentos no namoro. Na medida em que isso é considerado, as estratégias de prevenção e intervenção que são formulados com base nos resultados de investigações, serão mais especializados e sólidos, obtendo benefícios em termos de saúde e bem-estar social (ALEGRÍA del ÁNGEL; BARRAZA, 2015, p. 64).

Contudo, isso não significa afirmar que no namoro exista uma igualdade de gênero para todos os casais em relação à violência, principalmente quando se leva em consideração o tipo de violência analisado, as motivações, as consequências e o reconhecimento ou não de comportamentos violentos. Deste modo, a bidirecionalidade não implica, necessariamente, que ambos os parceiros são igualmente violentos, levando à problematização de que muitas questões precisam ser esclarecidas e pesquisadas, especialmente na sociedade brasileira.

Em estudo comparativo com casais de namorados e casais que eram casados ou coabitavam, a porcentagem da violência bidirecional diminuiu (as mulheres foram mais identificadas como vítima e os homens como perpetradores) (STRAUS, 2006). Entretanto, o autor considera conveniente evitar abordagens rígidas e inflexíveis na interpretação e intervenção sobre a violência no namoro, sendo este um objeto de estudo com especificidade e mutações típicas de qualquer fenômeno humano relacional. Nesse sentido, a demarcação entre o ideológico e o científico seria essencial na abordagem teórica, metodológica e preventiva de um problema que precisa ser abordado em toda a sua complexidade, incluindo variáveis espaço-temporais e socioculturais (ROJAS-SOLÍS, 2013).

### **3.3 Fatores associados à violência no namoro**

A literatura especializada (RUBIO-GARAY *et al.*, 2015; REY-ANACONA; MARTÍNEZ-GÓMEZ, 2021), discorre sobre alguns fatores relacionados a variáveis contextuais que influenciam a ocorrência do fenômeno, fortalecendo a ideia de causalidades múltiplas.

#### **3.3.1 Atravessamentos de gênero e crença no amor romântico**

A aceitação de agressões físicas contra a parceria, foi identificada entre aqueles que já haviam anteriormente praticado tal comportamento no namoro.

Oliveira, Q. *et al.* (2016) sugerem que os adolescentes que legitimam o uso da violência são mais propensos a perpetrar ou serem vítimas de episódios de violência no namoro. Barreira *et al.* (2014) apontam que uma explicação possível para alto índice de perpetração de violência por parte das moças estaria relacionado à maior aceitação social quando as mulheres as praticam. O homem que agride uma mulher é visto como menos aceitável. Os adolescentes que participaram do estudo relatam que a humilhação praticada pelo homem é mais grave do que a cometida pela mulher nas relações de namoro. Resultados semelhantes foram encontrados por Reeves e Orpina (2012) nos Estados Unidos sobre a aceitação social sobre cometer e sofrer violência física.

A percepção de rapazes sobre as agressões físicas sofridas pelas parceiras é vista como “menos danosa”, “tapinha de mulher” e de menor impacto, sendo assim desqualificada e com maior aceitação social e, ainda, autorizada em vários momentos. Quando a agressão física é motivada pela traição do parceiro, torna-se legitimada, justificada e um direito da moça. Essa percepção pode ser entendida por uma lógica machista que passa a ser validada para as meninas em alguns casos (CECCHETO *et al.*, 2016). As autoras concluem que:

os significados atribuídos ao fenômeno da violência no namoro são recortados por gênero, correspondendo às expectativas em relação aos papéis que homens e mulheres desempenham nas relações sociais. Mulheres sofrem a violência no âmbito do privado, doméstico [...] homens são, normalmente, invisibilizados nesse processo, pois seu lugar naturalizado é o de agressor, e não de vítima de violência de gênero [...]. Entende-se que a reflexão sobre violência numa perspectiva relacional permite descolar as definições prévias baseada em representações sobre o sexo que é mais ou menos violento (CECCHETO *et al.*, 2016, p. 861).

Bracagioni e Fonseca (2016) pontuam que os discursos de adolescentes de ambos os sexos que participaram da pesquisa foram constantemente fundamentados em estereótipos de gênero. A violência praticada e sofrida não foi reconhecida, pois se creditava aos comportamentos violentos como parte de uma suposta natureza feminina ou masculina. Todavia, alguns adolescentes do sexo masculino apresentaram maiores frequências ao se reconhecerem como agressores de violência sexual e vítimas de violência física, quando comparados com as moças que demonstraram maiores frequências de perpetração nas tipologias física, sexual e psicológica. As autoras sugerem questionar se as moças cometem mais violência ou

se relatam mais as agressões perpetradas, uma vez que a construção hegemônica de masculinidade legitima os rapazes a praticarem várias formas de violência.

Oliveira, Q *et al.* (2016) discutem sobre o que estaria em jogo na banalização da violência física praticada pelas moças contra seus parceiros. O estudo sugere que a agressão física é entendida como algo masculino, mesmo que muitas pesquisas revelem – como as citadas neste capítulo anteriormente – que moças e rapazes pratiquem tal violência em níveis semelhantes em seus relacionamentos amorosos. Tais idiossincrasias repousam nos papéis tradicionais de gênero, nos quais rapazes não são incentivados a falar abertamente sobre sentimentos e sofrimentos, porém são incentivados a demonstrar uma masculinidade viril, forte, afirmando-se pela violência, em contrapartida, as moças possuem mais liberdade para expressarem sua raiva verbalmente.

Ruiz (2014) revela que episódios de violência estão associados às crenças do amor romântico: “metade da laranja” (há alguém predestinado para cada pessoa, juntamente com a ideia da necessidade de se completar apenas diante da companhia de outro); da “paixão eterna” (a paixão intensa do início do relacionamento deveria perdurar para sempre); da “onipotência” (o amor verdadeiro pode tudo); dos “ciúmes” (os comportamentos de controle do(a) parceiro(a) são uma prova de amor), a conformidade entre “sofrimento/violência e amor” (os comportamentos violentos são compatíveis com o amor e, também, podem ser entendidos como prova de amor). Esses ideais e comportamentos estão presentes nas relações íntimas de casais adolescentes e passam, na maioria das vezes, como despercebidos, pois são vistos como formas mais sutis de violência.

### 3.3.2 Ciúme e infidelidade

O ciúme e a infidelidade – real ou suposta – foram apontados como gatilhos para conflitos no namoro, além de aspecto relevante para a justificativa de violência física exercida contra a parceria. O ciúme é, ainda, valorizado entre os namorados como manifestação de cuidado e amor. Conforme a investigação no cenário nacional, Oliveira *et al.* (2016, p. 7) evidenciam:

nota-se, entre os adolescentes brasileiros, significativa concordância com a ideia de que o parceiro merece apanhar se foi infiel e com o

direito de agredir outra pessoa por ciúmes de seu parceiro, sobretudo entre aqueles que praticaram violência física no namoro. Tanto meninos quanto meninas se acham com mais direitos de agredir por ciúmes.

“O ciúme ocorre quando tememos que nosso *relacionamento especial* esteja ameaçado” (LEAHY, 2019, p. 9, grifos do autor). O ciúme estaria conectado a três pessoas, ou seja, os(as) dois(as) parceiros(as) e uma terceira pessoa que ameaça a relação. Além disso, há o temor de que o relacionamento possa se desfazer de forma rápida fazendo com que os sentimentos de humilhação e abandono possam vir à tona. O ciúme, portanto, não diz respeito a apenas uma emoção, é uma mistura de vários sentimentos que perpassa a raiva, ansiedade, medo, confusão, impotência e tristeza. Para além dessa intensa mistura de sentimentos, o ciúme está conectado às estratégias de controlar outra pessoa.

A literatura sugere que o ciúme pode ser percebido como violência caso ocorra de maneira simultânea e constante junto com ameaça de violência física (OLIVEIRA, Q *et al.*, 2016) e, ainda, com o cerceamento da liberdade e controle sobre o outro. Outros estudos corroboram que o ciúme pode ser verificado como importante preceptor da violência entre os casais de namorados. É ressaltado que os comportamentos de controle na violência digital, motivados pelos ciúmes estão sustentados e são legitimados pelo discurso na crença do amor romântico. Algovia, Rivero e Cabrera (2017) revelam, ao investigar a tolerância e as justificativas diante dos comportamentos de controle – subtipo da violência digital –, que 47% dos adolescentes espanhóis consideram que o ciúme representa uma prova de amor e preocupação. Tais crenças, portanto, podem influenciar os adolescentes a não reconhecerem tais condutas como violência. (RUIZ, 2014; LUCIO-LÓPEZ; PRIETO-QUEZADA, 2014; REYES, 2017; DONOSO-VÁZQUEZ; HURTADO; BAÑOS, 2017).

Do mesmo modo, Lucero *et al.* (2014) destacam que os adolescentes acreditam que exercer o controle sobre as atividades da “vida on-line” do(a) parceiro(a) é típico das experiências de namoro entre eles. Tal comportamento é aceito e legitimado por parte deste grupo etário, por reconhecê-lo como prova de amor, zelo e cuidado com o outro. Outro possível fator contributivo para esse tipo de controle pode advir do constante avanço nas atualizações de aplicativos e funções dos celulares, ao oferecer opção para o monitoramento (conferência da mensagem lida, *status* on-line e a última visualização no aplicativo). Doucette *et al.* (2018) sugerem que esses podem ser

elementos que colaboram para que os comportamentos sejam percebidos como normais no âmbito do namoro.

Em estudo realizado com trezentos e seis estudantes mexicanos, Reyes (2017) destacou que 74% dos participantes sentem ciúmes se o(a) parceiro(a) posta uma foto com um(a) ex-parceiro(a); 59,26% sentem-se preocupados quando o(a) parceiro(a) começa outra relação pelas redes sociais. Além da prevalência dos comportamentos relacionados com o ciúme via redes sociais, em média, 29,63% dos estudantes, estão envolvidos na dimensão do “controle da conduta on-line”, entre eles, verificar o perfil, tentar *hackear* a conta da rede social e abrir uma conta com dados falsos para adicionar e controlar o(a) parceiro(a).

### 3.3.3 Violência intrafamiliar e na Comunidade

Para além dos papéis tradicionais de gênero, outro possível aspecto que parece relacionado à violência é a exposição direta e indireta a situações de violência intrafamiliar e na comunidade na infância (TEMPLE *et al.*, 2016). Assim, vivenciar violência no namoro pode ser observado como um *continuum* que se inicia com os abusos sofridos durante a infância, em suas famílias de origem, perpetuando o ciclo da violência em suas relações íntimas futuras (OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2011).

É ampla a literatura acerca da correlação entre a violência intrafamiliar e a violência no namoro (ASSIS *et al.*, 2011; OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2014; CARIDADE; CARDOSO, 2016; MARTÍNEZ-GÓMEZ; VARGAS-GUTIÉRREZ; NOVOA-GÓMEZ, 2016; GUEVARA-MARTÍNEZ *et al.*, 2017; ANDRADE, 2018; ANDRADE; LIMA, 2018; BORGES; DELL’AGLIO, 2018). A perspectiva sistêmica da transgeracionalidade – padrões de violência transmitidos entre as gerações –, sustenta a ideia de que há fatores na família de origem, que podem ser considerados como preditores da ocorrência de comportamentos violentos nas gerações futuras (SCANTAMBURLO; MORÉ; CREPALDI, 2012). O precursor do conceito da transmissão geracional se insere na teoria desenvolvida por Murray Bowen (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007), a qual versa sobre as repetições de eventos familiares que perpassam ao longo de várias gerações. As gerações passadas estendem para as próximas gerações modelos de padrões interacionais mediados pela violência, por meio da comunicação, mitos, lealdades, valores crenças, legados, regras, hierarquias e segredos (RIBEIRO; BAREICHA, 2008; FALCKE; WAGNER, 2014).

Corroborando com os autores citados, Assis *et al.* (2011, p. 153) apontam que “viver em uma família ou em uma comunidade violenta se constitui em aprendizado sobre como se comunicar e sobre como agir nas relações cotidianas que exigem enfrentamento e tomada de decisão.” Além de serem modelos de aprendizagem para o uso de comportamentos violentos com a finalidade de obtenção de poder e controle sobre o outro, tais experiências podem estimular um maior engajamento em relações de namoro atravessadas pela violência. Ampliando o impacto das relações familiares violentas, estudo aponta que “a violência psicológica entre irmãos, praticada por meio de xingamentos e humilhações, mostra-se associada à vitimização por violência física e relacional no namoro ou no ‘ficar’” (ASSIS *et al.*, 2011, p. 177).

Investigação com 3.205 adolescentes de escolas públicas e privadas ilustra o que a literatura aponta como fatores associados à violência no namoro. Como resultado os autores assinalam que o aumento do número de eventos de violência psicológica perpetrada pelos adolescentes em seus relacionamentos íntimos está relacionado à elevada violência verbal da mãe e do pai; e a frequente vivência de violência psicológica entre irmãos, amigos e aquela presente nos namoros anteriores. Tais resultados fortalecem a noção de circularidade da violência psicológica ao longo do desenvolvimento nos variados contextos relacionais do adolescente e destacam a continuidade do comportamento agressivo em outras relações de namoro (OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2014).

Nesta perspectiva, Andrade e Oliveira (2018) revelam a possível e complexa relação dos episódios de violência direta e indireta vividos por uma adolescente e a perpetração e vitimização destes em sua relação de namoro. Diante dos intensos conflitos verbais e manipulação, a adolescente parece estender ao parceiro, o mesmo jogo emocional (chantagens) que o seu pai utiliza para convencê-la, por exemplo, a estar em lugares não desejados por ela. Sugere-se que a ideia de que sempre ceder e não se posicionar frente às vontades do outro é o mesmo que a motivava a agradar a pessoa amada, comportamento este visto como uma expressão de prova de amor.

As chantagens emocionais e pressões que os adolescentes sofrem no âmbito do namoro para fazer algo contra a sua vontade apresentam efeitos longevos e relevantes em suas vidas em comparação com alguns episódios de violência física e sexuais dos quais já foram vítimas. Os adolescentes atribuem como falta de controle das emoções resultando em brigas e, que gritos e xingamentos suspendem uma possível forma de solução mais pacífica de conflitos (OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2011).

Verificou-se que a literatura evidencia que sofrer violência intrafamiliar direta ou presenciar a violência entre pais ou familiares, vivenciar episódios de violência na comunidade, ciúmes, crença de que a violência no namoro é natural justificados pelos papéis tradicionais de gênero e, além disso, experiência pregressa de namoro violento, podem ser considerados preditores de violência no namoro. A complexa interação entre esses fatores pode possibilitar o envolvimento da pessoa em situações de violência contra o parceiro íntimo.

### **3.4 Violência no Namoro e Saúde Mental**

Nesta etapa desenvolvimental, marcada por alterações no corpo e maior convivência grupal, é comum que o adolescente fique ansioso. Os adolescentes, particularmente aqueles que têm entre 14 e 19 anos, têm dificuldades em lidar com as emoções (como é o caso da raiva), o que pode aumentar a probabilidade de exercer a violência como forma de resolver conflitos interpessoais (LAZAREVICH *et al.*, 2013).

Para a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), a adolescência:

é um momento único, que molda as pessoas para a vida adulta. Enquanto a maioria dos adolescentes tem uma boa saúde mental, múltiplas mudanças físicas, emocionais e sociais, incluindo a exposição à pobreza, abuso ou violência, podem tornar os adolescentes vulneráveis a condições de saúde mental. Promover o bem-estar psicológico e protegê-los de experiências adversas e fatores de risco que possam afetar seu potencial de prosperar não são apenas fundamentais para seu bem-estar, mas também para sua saúde física e mental na vida adulta (OPAS, 2018, p.).

Os desdobramentos da exposição, tanto como vítima ou testemunha, a eventos adversos como violência (intrafamiliar), desastres naturais (enchentes e deslizamentos de terra) e acidentes (avião e carro) e guerra, sobre a saúde física e mental nas pessoas tem despertado o interesse de pesquisadores nacionais e internacionais (ROSO, 2010). Há uma diversidade de fatores que determinam a saúde mental de um adolescente. Quanto mais expostos aos fatores de risco, maior é o potencial impacto em sua saúde mental. Dentre os fatores que favorecem o surgimento de estresse durante essa fase do desenvolvimento, elencam-se: a aspiração por maior autonomia; a importância do grupo de pares; a exploração da

sexualidade; maior acesso, e, conseqüentemente, o aumento da vulnerabilidade diante do uso das tecnologias digitais (OPAS, 2018).

Nesta perspectiva, alguns estudos vêm apontando a relação entre a violência no namoro e o seu impacto na saúde mental. Muitas pesquisas consideram a depressão, a ansiedade, a ideação suicida, os comportamentos antissociais e o abuso de álcool e outras drogas como conseqüências e agravos para os adolescentes envolvidos em namoros violentos (AMANOR-BOADU *et al.*, 2011; TEMPLE, 2016; CDC, 2016; FLAKE, 2017, CARIDADE; BARROS, 2018; NASCIMENTO *et al.*, 2018; SALDIVAR-HERNÁNDEZ, 2019; COSTA; MIRANDA, 2020). A problemática está associada com implicações na saúde mental desse grupo etário, estando mais suscetível a desenvolver ansiedade, depressão, ideação suicida, comportamentos antissociais e o abuso de álcool e outras drogas (CDC, 2020). Sintomas depressivos como tristeza, perda de prazer e interesse por pessoas e atividades, sentimento de culpa, alterações no padrão de sono e alimentação, transtorno de estresse pós-traumático e consumo abusivo de álcool foram encontrados em adolescentes mexicanos que perpetram violência psicológica no namoro (ESQUIVEL-SANTOVEÑA *et al.*, 2019).

Flake (2017), em estudo considerado pioneiro no Brasil, realizado com estudantes universitários, revela que as violências psicológica, física e sexual e a coocorrência entre a violência psicológica e sexual mostraram-se associadas à depressão para as participantes do sexo feminino. Para as pessoas do sexo masculino não houve relação estatisticamente significativa. A autora defende que devido à divergência dos resultados entre moças e rapazes, é importante investigar com maior detalhamento as especificidades dos impactos à saúde mental sob o ponto de vista masculino, uma vez que, para a teoria de gênero, no qual o trabalho foi baseado, “o sofrimento psíquico pode ser considerado reafirmações de identidades culturalmente valiosas, não suscitando sentimentos negativos” (FLAKE, 2017, p. 78).

Por outro lado, Amanor-Boadu *et al.* (2011) indicam que moças e rapazes vítimas de violência no namoro, especialmente a física, sofrem conseqüências na saúde física e mental. Esses resultados vão de encontro aos estudos que sugerem que as vítimas de violência do sexo feminino sofrem maior impacto do que as vítimas do sexo masculino (FLAKE, 2017). Mesmo diante de pesquisas com problemáticas semelhantes – a correlação entre a violência no namoro e o impacto na saúde mental entre estudantes universitários –, tais investigações apresentam resultados

contrastantes. Algumas diferenças são verificadas nos dois estudos, levando em conta os diferentes países: Brasil e EUA, onde as pesquisas foram desenvolvidas. Os EUA apresentam uma forte política pública voltada para o enfrentamento do fenômeno entre os adolescentes, além de contarem com grande aporte da comunidade científica (CDC, 2020). Elencam-se, ainda, os instrumentos diferentes utilizados para a coleta dos dados verificados nos dois estudos.

Mendonza-Gutiérrez *et al.* (2019), realizaram um estudo com 770 jovens bolivianos, entre 17 e 19 anos, sobre a percepção relacionada às consequências da violência no namoro, apontou resultados como baixa autoestima, depressão, medo, isolamento social e gravidez indesejada. Caridade e Barros (2018) analisaram a relação entre a violência no namoro, a ideação e os comportamentos suicidas, e identificaram que a grande maioria dos participantes (80,5%) admitiu já ter tido, uma vez ou mais, algum tipo de pensamento e/ou comportamento suicida. A pesquisa foi realizada com 262 participantes portugueses, sendo que 197 (75,2%) pertenciam ao sexo feminino e 65 (24,8%) ao sexo masculino e com idade média de 23,7 anos.

O primeiro estudo longitudinal realizado com 5.681 participantes, em três momentos, durante oito anos, revelou que ser vítima de violência no namoro na adolescência pode estar associado com impactos negativos para a saúde mental de jovens adultos. As participantes do sexo feminino relataram aumento do consumo excessivo de álcool, sintomatologia depressiva, ideação suicida, tabagismo e, ainda são, em sua maioria, vítimas de violência por parceiro íntimo. Enquanto para os homens foram identificados o aumento de comportamento antissocial, ideação suicida, uso de maconha, bem como vitimização nas relações amorosas (EXNER-CORTENS; ECKENRODE; ROTHMAN, 2013).

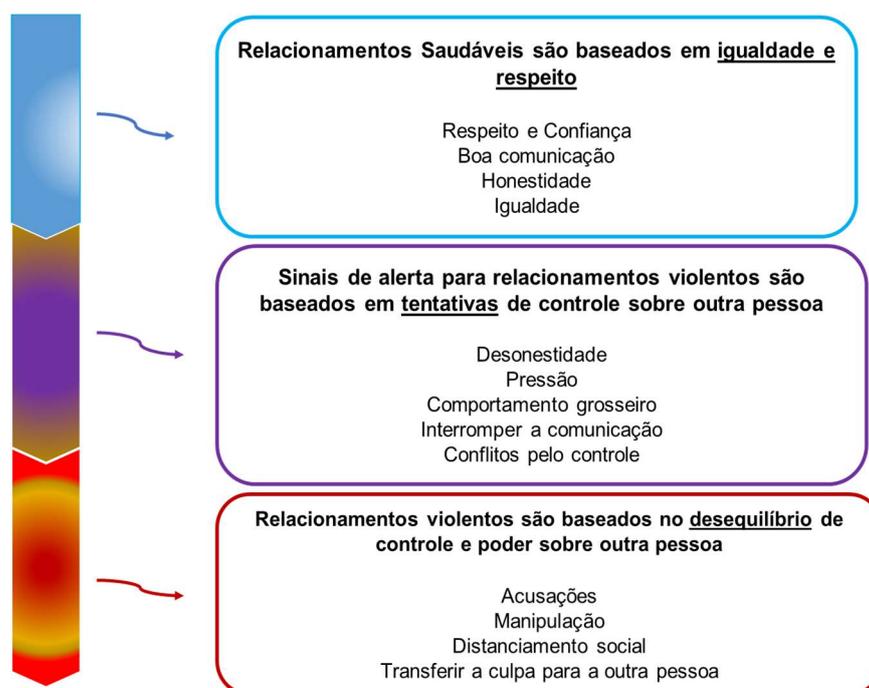
A APAV (2015) assinala que a experiência de namoros violentos pode influenciar de forma negativa outras dimensões da saúde como: i) dificuldades de concentração; ii) dificuldades para dormir; iii) dificuldades para tomar decisões. Na pesquisa de revisão integrativa da literatura, Nascimento *et al.* (2018) revelam que a violência no namoro pode ser preditora de distúrbios comportamentais e transtornos mentais, assim como a presença anterior desses problemas, entre os jovens, podem precipitar eventos violentos tanto como vítima quanto como agressor. As autoras destacam a escassez da produção científica nacional sobre a temática, evidenciando a necessidade de aprofundar as pesquisas que discutam a relação da violência no namoro entre adolescentes e seus impactos na saúde mental. Outra necessidade

apontada é a de pesquisas que abordem a existência de transtornos mentais prévios, como fatores de risco para a perpetração ou vitimização nas relações amorosas.

### 3.5 A outra face da moeda: relações amorosas saudáveis

Após a travessia sobre as formas de violência utilizadas por casais de namorados adolescentes, possíveis fatores associados a esse fenômeno e o desdobramento para a saúde mental, trilharemos caminhos que nos levem a refletir sobre aspectos de uma relação íntima saudável promotora de desenvolvimento.

Figura 4 – Espectro do Relacionamento Amoroso



Fonte: Loveisrespect (2019), adaptado pela pesquisadora.

Tão importante quanto lançar luz sobre o fenômeno da violência e suas implicações nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes se faz relevante construir reflexões sobre relações saudáveis. Os relacionamentos podem existir no domínio de um espectro, de saudável a violento, demonstrando sinais de alerta em algum ponto (*LOVE IS RESPECT*, 2019). Mas, afinal, o que é uma relação amorosa saudável?

Para o BTC (2017), *Loveisrespect* (2019) e o *One Love Foundation*<sup>6</sup> (2020) são relações baseadas nos aspectos seguintes:

- 1) **Confiança:** quando existe confiança significa dizer que ambos os parceiros se sentem seguros física e emocionalmente. Os(as) parceiros respeitam a privacidade de cada um e não há necessidade de pedir ao outro provas de sua lealdade. Os(as) parceiros(as) sentem confiança ao fazerem atividades individuais sem preocupar-se com mentiras ou infidelidade.
- 2) **Honestidade:** o(a) parceiro(a) pode ser sincero(a) e ter segurança para compartilhar sua intimidade sem ter medo da reação do outro, mesmo se o que foi compartilhado for inesperado. Num relacionamento saudável, você pode não gostar do que o(a) parceiro(a) tem a dizer, mas isso não levará a uma discussão com xingamentos e desqualificação do outro.
- 3) **Respeito:** em uma relação saudável, os(as) parceiros(as) respeitam crenças e opiniões e, além disso, valorizam os sonhos e conquistas de cada um.
- 4) **Consentimento:** é o mesmo que permissão para todos os contatos íntimos que aconteçam. Geralmente, as pessoas remetem ao termo apenas para as relações sexuais, no entanto, o consentimento é estendido a outros aspectos do relacionamento como, por exemplo, concordar com as atividades que desejam se envolver juntos, como vão se comportar intimamente diante das pessoas (beijos, abraços e toques mais íntimos, caminhar de mãos dadas). Consentimento diz respeito a um “sim” com entusiasmo e certeza; a ausência da verbalização de um “não” não é igual a um “sim”. Em alguns casos, um(a) parceiro(a) pode dizer “não” por meio da linguagem corporal sem responder verbalmente: afastando-se, olhando para baixo, ou até mesmo indicando que não deseja ficar sozinho(a) com alguém.
- 5) **Limites:** estabelecê-los é parte importante em qualquer relacionamento. Todos apreciam ter espaço para realizar atividades, entretanto, pode ser difícil estabelecer limites. Conversar abertamente sobre limites é uma maneira segura de garantir que as necessidades de cada parceiro(a) estão sendo atendidas. Para construção de um relacionamento saudável os(as)

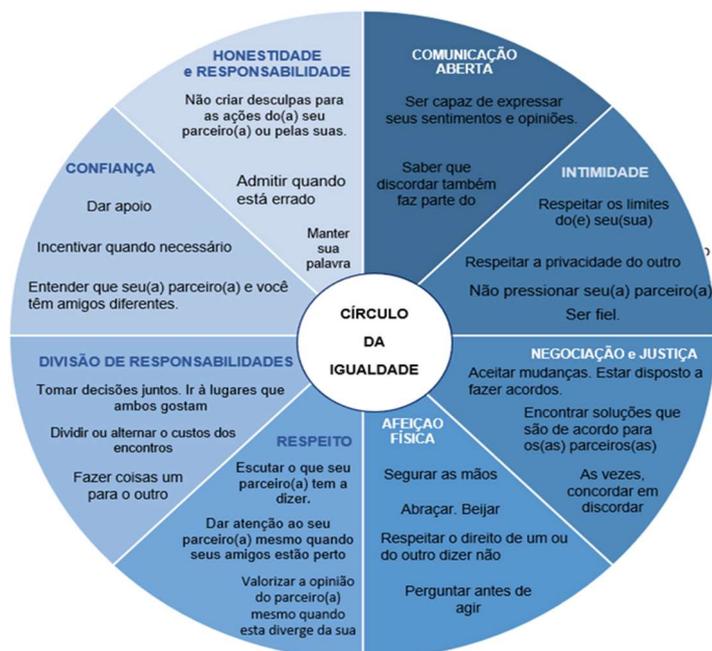
---

<sup>6</sup> *One Love Foundation* é uma instituição norte-americana que orienta adolescente e jovens sobre relacionamentos saudáveis e violentos, capacitando-os a identificar e evitar relações abusivas, promovendo relacionamentos mais saudáveis. Para maiores informações: <https://www.joinonelove.org/>.

parceiros(as) devem conhecer desejos, objetivos, medos, assim como os limites de cada um. Os limites digitais também são importantes e merecem destaque para este grupo etário. Os adolescentes podem encontrar dificuldades para diferenciar o que é ou não saudável face aos recursos e às ferramentas on-line disponíveis. Se a confiança é cultivada na relação amorosa, perseguir digitalmente o(a) parceiro(a) por meio dos dispositivos eletrônicos e redes sociais não serão atividades importantes; ao invés disso, espaços para a comunicação transparente e honesta podem ser abertos. O mesmo vale para a produção e troca voluntária de fotos e textos íntimos via celular. Ambos os parceiros devem estar confortáveis e seguros para a troca voluntária e sem pressão de nudes. É relevante refletir com os adolescentes acerca dos perigos envolvidos ao compartilhar conteúdo íntimo utilizando a Internet – mesmo que seja voluntário, ao enviar um conteúdo íntimo, a pessoa perde o controle sobre quem pode ter acesso –, uma vez que o *sexting* pode ser preditor de violência sexual digital. As senhas do celular, *e-mail* e redes sociais são pessoais e não devem ser compartilhadas. É considerado abusivo, caso o(a) parceiro(a) use de ameaça, pressão ou manipulação para que o outro compartilhe sua senha.

Os comportamentos anteriores elencam aspectos que devem ser cultivados para a construção de relações íntimas saudáveis. Para visualizar de forma mais completa e auxiliar na compreensão por parte dos adolescentes, a *Michigan Domestic and Sexual Violence Prevention and Treatment Board (2020)* desenvolveu o círculo da igualdade que, representa os vários elementos dos relacionamentos de namoro com base na igualdade entre os parceiros(as). Ao invés de obter poder e controle sobre um(a) parceiro(a), um relacionamento baseado na igualdade envolve características como justiça, comunicação, respeito, confiança, apoio e honestidade.

Figura 5 – Círculo da Igualdade para Não Violência no Namoro



Fonte: *Michigan Domestic and Sexual Violence Prevention and Treatment Board (2020)*.

Face ao exposto, é de grande relevância fomentar o conhecimento sobre relações saudáveis junto aos adolescentes. Amor e violência são linhas tênues que podem ser atravessadas pela naturalização da violência, imaturidade e individuação, característica dessa fase desenvolvimental, requeridas para lidar com aspectos da relação amorosa que se inicia na adolescência. Confiança, honestidade, respeito, consentimento e limites são fundamentais e trilham caminhos paralelos visando a manutenção da individualidade e convivência íntima a dois. Ser inteiro para si é estar inteiro para uma relação mais saudável coconstruída de maneira igualitária entre os(as) parceiros(as), na qual ambos tenham a mesma oportunidade de expressar opiniões e juntos tomarem decisões.

Este capítulo aprofundou a urgente e delicada temática acerca das relações permeadas pela violência entre namorados adolescentes. Apesar da recente visibilidade com investigações em pesquisa no âmbito nacional sobre a problemática, não significa supor que se trata de um fenômeno recente. A literatura pontua a violência no namoro como possível preditora de violência conjugal, o que situa a adolescência como uma fase do desenvolvimento marcada pelas primeiras relações afetivo-sexuais, fundamental às futuras interações amorosas. Por isso, a temática

apresenta especificidades próprias, tornando-se um espaço privilegiado para atividades de prevenção e ações interventivas com o intuito de combater a esclada da violência e quebrar o ciclo desta.

Conforme a revisão da literatura, os adolescentes de todos os sexos podem engajar-se como vítimas e/ou perpetradores de violência, contudo eles, geralmente, não se reconhecem como envolvidos em namoros violentos. O atravessamento da violência afeta as interações de moças e rapazes, ao recorrerem a comportamentos agressivos para a resolução de conflitos nas situações cotidianas do casal. Essas condutas são consideradas pelos adolescentes como algo próprio da relação de namoro, dificultando o seu reconhecimento como uma expressão de violência, pois são compreendidas e legitimadas como prova de amor, cuidado e demonstração de confiança para com o outro, romantizando os contornos da violência. Essa constatação ilustra a potência silenciosa da violência, naturalizada e quiçá tomada como parte integrante do relacionamento.

Verificou-se que as imagens, vídeos e/ou textos no meio digital podem ser arquivados e compartilhados, mesmo anos depois de sua ocorrência. Assim, o seu potencial danoso para quem é vítima é difícil de ser tangível e pode trazer implicações para a saúde mental, trabalho e vida social. Tecnologias de Informação e Comunicação oferecem tanto oportunidades quanto riscos para as relações de namoro entre adolescentes. Se, por um lado, a Internet os aproxima, facilitando o enamoramento inicial, por outro lado, pode torná-los vulneráveis à exposição da intimidade e à experiência de episódios de violência.

Identifica-se que a violência no namoro é atravessada por relações de poder envolvidas em interações desiguais que implicam a subjugação do outro e, conseqüentemente, verifica-se o uso de práticas violentas nas relações iniciais de namoro entre adolescentes. Dessa forma, o poder e o controle não são tomados como estanques, mas sim dinâmicos e relacionais. Aprofundar os estudos sobre o fenômeno para além do sexo que comete mais ou menos violência, demarcações de vítima ou agressor é compreender profundamente que a violência é um fenômeno complexo e interdependente, e como visto neste capítulo, polidimensional. Logo, comunidade acadêmica, políticas públicas, família, escola e profissionais de diversos campos de atuação que lidam com adolescentes, podem juntos(a) fomentar relações amorosas mais gratificantes, dignas e igualitárias a adolescentes de ambos os sexos,

à guisa de relações íntimas promotoras de desenvolvimento saudável numa perspectiva inclusiva de gênero.

Diante do que foi levantado e discutido nesse capítulo, sugere-se a leitura do fenômeno sob a ótica da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano com a finalidade de aprofundar a compreensão sobre a violência no namoro entre adolescentes. Essa teoria é utilizada pela OMS (KRUG; DAHLBERG, 2007) para a compreensão do fenômeno da violência entre parceiros íntimos, apresentando construtos que são indissociáveis e interdependentes: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo que serão discutidos no próximo capítulo. Ressalta-se, também, a lacuna de pesquisas qualitativas no cenário nacional sobre a temática, principalmente sobre a direcionalidade da violência entre os adolescentes nas suas relações amorosas.



## 4. Violência no Namoro à Luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano

**Queixa**

*Um amor assim delicado  
Você pega e despreza  
Não devia ter despertado  
Ajoelha e não reza  
Dessa coisa que mete medo  
Pela sua grandeza  
Não sou o único culpado  
Disso eu tenho a certeza  
Princesa, surpresa, você me arrasou  
Serpente, nem sente que me envenenou  
Senhora, e agora me diga aonde eu vou  
Senhora, serpente, princesa  
Um amor assim violento  
Quando torna-se mágoa  
É o avesso de um sentimento  
Oceano sem água  
Ondas, desejos de vingança  
Nessa desnatureza  
Batem forte sem esperança  
Contra a tua dureza  
Um amor assim delicado  
Nenhum homem daria  
Talvez tenha sido pecado  
Apostar na alegria  
Você pensa que eu tenho tudo  
E vazio me deixa  
Mas Deus não quer que eu fique mudo  
E eu te grito essa queixa*

**Caetano Veloso**

Neste capítulo, vamos adentrar na compreensão da violência no namoro à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), desenvolvida pelo psicólogo Urie Bronfenbrenner. Seus estudos contribuíram como fundamento para pesquisas em instituições como a OMS e campos do conhecimento como Psicologia, Saúde Coletiva, Gerontologia, entre outras. Essa perspectiva também é aporte teórico de diversos fenômenos como: violência e resiliência (CARVALHO-BARRETO, 2016). A TBDH passou por diversas modificações ao longo de 40 anos (1970 a 2006) até alcançar a sua forma mais madura com os quatro componentes do modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT), o qual defende o desenvolvimento humano, a partir da interdependência e interações recíprocas – bidirecionais. Com base nessa compreensão, um adulto influencia o comportamento da criança, mas esta também atua na conduta do adulto, configurando assim, uma influência mútua – da pessoa com o seu contexto, por meio de sucessivas gerações ao longo do curso da vida (POLONIA; DESSEN; SILVA, 2005).

Considera que o ser humano está integrado em uma densa rede de relações; a partir desta perspectiva, o comportamento é o resultado da interação entre diferentes sistemas que se sobrepõem e se relacionam de forma bidirecional e concêntrica; desse modo, cada um dos níveis está contido no seguinte. O contexto ecológico do desenvolvimento estende-se do microsistema, mesossistema, exossistema, até o macrossistema (MONREAL-GIMENO; POVEDANO-DIAZ; MARTÍNEZ-FERRER, 2013).

Nesta perspectiva, o modelo:

[...] abrange formas particulares de interação entre o organismo e o meio ambiente, chamado de processos proximais, que operam ao longo do tempo e são considerados como os mecanismos primários que produzem o desenvolvimento humano. Contudo, a força dos processos proximais que influenciam o desenvolvimento variam em função das características da pessoa em desenvolvimento, do contexto tanto imediato quanto o mais remoto e dos períodos de tempo, em que os processos proximais ocorrem (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006, p. 795, grifos dos autores).

#### **4.1 Processo-Pessoa-Contexto-Tempo**

A partir de agora, discorreremos detalhadamente sobre as características do modelo PPCT e como estas se aplicam à compreensão dos elementos constituintes

da bioecologia do desenvolvimento humano (pessoas, objetos e símbolos) e que se aplicam à compreensão do fenômeno da violência no namoro na adolescência.

#### 4.1.1 Processos Proximais.

O Processo Proximal é considerado a principal fonte do desenvolvimento humano, ocupando posição central na teoria. Compreende as interações complexas, duradouras e bidirecionais que a pessoa estabelece no curso do seu desenvolvimento com outras pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente imediato. Envolve a dinâmica relacional entre a pessoa e o seu contexto do mais imediato ao mais remoto. Portanto, a **forma**, a **força**, o **conteúdo** e a **direção** dos processos proximais influenciam o desenvolvimento variando de maneira articulada com as características da pessoa em desenvolvimento. Sintetizando, “o processo está sujeito aos efeitos *moderadores interativos* da pessoa e do contexto” (BRONFEBRENNER, 2011, p. 112, grifos do autor).

Os processos proximais não devem ser considerados estáticos, determinantes, universais ou unidirecionais, podendo gerar efeitos de competência ou disfunção que influenciam o desenvolvimento do ser humano (ROSA; TUDGE, 2017). A **competência** é definida por resultados positivos no desenvolvimento. É a capacidade da pessoa em conduzir seus comportamentos pela aquisição de conhecimentos e de habilidades em diversos domínios como: intelectual, físico, socioemocional ou artístico. Resultados de competência são mais viáveis de ocorrer em ambientes que apresentam maior estabilidade, equilíbrio e coerência. Por outro lado, a **disfunção** é identificada por repetidas dificuldades na manutenção e integração do comportamento. É mais previsível a sua ocorrência em contextos desfavoráveis ao desenvolvimento, como, por exemplo, em famílias com graves problemas de saúde, econômicos e envolvidas em violência (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006). Assim sendo, faz-se importante refletir sobre quais processos uma relação de namoro ou “ficar” entre adolescentes está proporcionando. Sugere-se que a tristeza, o medo, a insegurança, a baixa autoestima ou mesmo sentir-se inferior ao(a) parceiro(a) possam ser contempladas como disfuncionais, necessitando serem observadas como desdobramentos e sinais de alerta de uma relação não saudável, conforme evidenciam Lordello e Costa (2015).

Coscioni *et al.* (2018) revelam que competência e disfunção podem adquirir compreensões diferentes diante de uma mesma realidade: para adolescentes que cometem atos infracionais como meio de garantir ascensão social, aprender novas formas para cometer “crimes” pode ser visto como competência. Para os trabalhadores do sistema socioeducativo, essa aprendizagem seria considerada desfavorecedora do desenvolvimento. Pode-se pensar o mesmo para a temática desta pesquisa: para um dos(as) parceiros(as), perpetrar violência no namoro por meio do controle e monitoramento das atividades on-line e/ou presenciais pode ser considerado como competência perante o grupo de pares. Todavia, para as pessoas que trabalham com o enfrentamento e a prevenção da violência no âmbito das relações amorosas, tais episódios são vistos como agravos à saúde mental e física e, portanto, disfuncionais ao desenvolvimento e à construção de relações saudáveis.

Independente do sexo de quem é vítima e perpetrador da violência, ela ocorre na relação, sendo possível dessa forma, a responsabilização para ambos, mesmo sendo o homem apontado como o principal causador nas estatísticas no âmbito do fenômeno. A relação violenta indica para a TBDH uma disfunção nos processos proximais pela dificuldade dos(as) parceiros(as), diante da relação de poder e controle de um para o outro, expressados sob as variadas tipologias de violência, como a física, a psicológica e a digital, a título de exemplo, e que influenciam diferentes sistemas que estão envolvidos (CARVALHO-BARRETO, 2009).

No decorrer da adolescência, a família é ainda considerada o mais importante microsistema do desenvolvimento, isso porque, nesse ambiente transcorrem as interações – processos proximais – mais diretas (SENNA; DESSEN, 2012). Para as autoras, a família além de ser reconhecida na sua complexidade, é também:

Responsável por conduzir o adolescente à compreensão de conceitos e valores básicos, ao engajamento na realização de tarefas e papéis sociais cada vez mais diversificados e complexos, e ao desenvolvimento de competências sociais. Durante a adolescência, as interações no cotidiano da vida familiar, isto é, os processos proximais, continuam particularmente importantes, sobretudo no engajamento em práticas educativas e nos processos de comunicação, tais como diálogos, negociações e trocas de argumentos e de opiniões (SENNA; DESSEN, 2012, p. 104).

Para que o processo proximal ocorra é necessário apoiar-se em cinco aspectos indispensáveis: (1) a pessoa deve estar engajada em uma atividade; (2) a atividade

deve ocorrer ao longo de um período de tempo e frequência regular; (3) atividades que começam, inicialmente, mais informais e depois mais complexas; (4) reciprocidade nas relações interpessoais, ou seja, os processos proximais não são unidirecionais; (5) os processos proximais não são limitados às interações com as pessoas. Os objetos e símbolos que integram o ambiente físico onde são estabelecidos os processos proximais devem estimular a atenção, exploração e imaginação (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006; KOLLER; MORAIS; PALUDO, 2016). Exemplos de padrões duradouros dos processos proximais são vistos na amamentação do bebê; nas atividades entre crianças; no grupo ou na ação solitária; na solução de problemas; na elaboração de planos; na aquisição de conhecimento ou experiência (BRONFENBRENNER, 2011).

As séries, filmes e músicas bastante disseminados entre os adolescentes, por conta dos aplicativos, principalmente, como a *Netflix* e *YouTube*, estão presentes nos processos proximais na forma de símbolos que estimulam a atenção, exploração e imaginação da pessoa em desenvolvimento (SANTOS, 2019; BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006). Verifica-se que a produção cultural na atualidade, atravessa os fins apenas de entretenimento e se revelam em processos proximais que, neste caso, podem gerar efeitos de competência, ao passo que favorecem o diálogo e a aquisição de conhecimentos que concedem autonomia ao adolescente para reconhecer e nomear violências, ou mesmo, seus sinais de alerta, uma vez que tais programas vêm abordando cada vez mais temas polêmicos que necessitam ser dialogados e pensados de modo a criar espaços de reflexões entre adolescentes (SANTOS, 2019).

Pesquisa realizada no cenário brasileiro a respeito da percepção de adolescentes sobre violência nos primeiros relacionamentos amorosos, à luz da teoria Bioecológica, revela que os pontos positivos do relacionamento, segundo os participantes do sexo masculino estão relacionados à convivência: intimidade, interação mais frequente e sensações físicas favoráveis. O critério mais mencionado para uma relação de sucesso foi o respeito, sendo prejudicial para a relação sua ausência e a falta de comunicação. Diante disso, assinalam-se vários elementos presentes nos processos proximais ao se relacionarem intimamente com uma parceira. Verificou-se que fatores como engajamento, reciprocidade, complexidade crescente, período regular de tempo mostram o quanto são significativos para a elaboração do processo de se relacionar com alguém, além de a possibilidade de

aprimoramento, os quais podem gerar efeitos de competência, sugerindo melhorar a cada experiência íntima (SANTOS, 2019).

O mesmo estudo aponta que as participantes do sexo feminino mostram que sinceridade, honestidade, fidelidade, lealdade e respeito como as características mais valorizadas na relação. Em contrapartida, a traição, as mentiras, a invasão da privacidade e a tentativa de controle foram considerados os principais pontos desfavoráveis no namoro. Perceber tais aspectos também denota um processo proximal com efeitos de disfunção. A autora sugere que pode ser salutar o reconhecimento de sinais de alerta diante de relacionamentos abusivos entre namorados(as) adolescentes (SANTOS, 2019).

#### 4.1.2 Pessoa

As características da Pessoa remetem ao segundo componente do modelo bioecológico e constituem em três atributos do construto pessoa.

A primeira característica diz respeito às **forças/disposições** que podem ativar os processos proximais em um domínio particular do desenvolvimento, sustentando a sua operação. São características que promovem a direção e a força dos processos proximais e são orientadas para a ação (BROFENBRENNER, 2011). Quando uma pessoa enfrenta alguma situação adversa no curso da vida, muitas vezes, tal obstáculo requer esforços para superá-los, ou, de maneira oposta, a pessoa se sente incapaz de gerar energia para atravessar a dificuldade. Desse modo, as disposições são as propriedades que mais provavelmente influenciam uma pessoa no curso do seu desenvolvimento. Dito de outra forma, são comportamentos ativos que podem colocar os processos proximais em movimento ou mesmo interferir e impossibilitar a sua ocorrência. São, assim, denominadas de desenvolvimentalmente geradoras e desenvolvimentalmente disruptivas (BROFENBRENNER; MORRIS, 2006) ou desorganizadoras (LORDELLO; COSTA, 2015), como indicado na figura 6.

A primeira força – desenvolvimentalmente geradora – indica elementos pessoais característicos como curiosidade, engajamento em atividades individuais ou com grupos, iniciativa e persistência diante de planos e metas (atividades progressivamente mais complexas). Lordello e Costa (2015) versam que as(os) adolescentes durante seu desenvolvimento afetivo-sexual podem demonstrar características geradoras ao vivenciar as primeiras experimentações sexuais, o que

permite que realizem escolhas de forma mais conscientes e maduras ao fazer uso das características geradoras. O que foi experienciado propicia o progresso ao receber estímulos ambientais, enriquecendo a vida mental (CAMPOS, 2012). Tais aspectos são favorecidos quando o adolescente se desenvolve em ambientes mais acolhedores que permitam o diálogo e trocas sobre as experiências amorosas sem julgamento, fomentando a reflexão e a avaliação do adolescente. A própria observação do ambiente relacional entre os genitores é uma característica geradora de boas escolhas, aprendendo a ser casal com a própria referência pessoal.

A segunda força – desenvolvimentalmente disruptivas/desorganizadoras – inclui o polo ativo que consiste nos atributos pessoais como impulsividade, distração, explosividade e prontidão à violência; resumindo, perpassa pelas dificuldades da pessoa em manter o controle sobre as emoções e comportamento. O polo passivo, por sua vez, abarca as características de indiferença, apatia, desatenção e insegurança, desinteresse pelo ambiente e, também, uma tendência de evitar ou se afastar de uma atividade. Sobre tais atributos da pessoa e do namoro entre adolescentes, Lordello e Costa (2015, p. 47) revelam que:

As características desorganizadoras, por sua vez, revelam dificuldades em manter o controle sobre seu comportamento e emoções. Infelizmente, se mostram particularmente presentes neste contexto das primeiras experiências com a sexualidade, com a descoberta do desejo, do prazer, a busca pela intimidade, a concretização do vínculo do “ficar” para o namorar, muitas vezes mostrando situações de carência e de menos valia, que, se não há intervenção, podem ser perigosamente cristalizadas pelo adolescente e levadas para relacionamentos futuros, como casamento e criação dos filhos.

Pessoas que apresentam uma das propensões anteriores teriam dificuldade em se envolver em processos que requerem padrões de interação progressivamente mais complexos e recíprocos durante longos períodos de tempo (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006; ROSA; TUDGE, 2017). As(os) adolescentes parecem estar sempre na busca pelo amor, ou ao menos, o que significa amor diante de sua experiência percebida, e simultaneamente ao amor, aparecem emoções como ciúmes, ansiedade, frustração, desapontamento e confusão relacionados aos seus próprios sentimentos.

Figura 6 – Forças/Disposições

Forças/Disposições		
Desenvolvimentalmente Geradoras	Desenvolvimentalmente Disruptivas	
	Polo Ativo	Polo Passivo
Curiosidade	Impulsividade	Indiferença
		Tendência de evitar ou se afastar de uma atividade
Iniciativa	Distração	Apatia
Persistência para planos e metas	Explosividade	Desatenção
		Desinteresse pelo ambiente
Engajamento em atividade individuais e grupais	Prontidão à violência	Insegurança

Fonte: Cunha e Lima (2020), adaptado pela pesquisadora.

A segunda característica da Pessoa é chamada de **recursos** (figura 7), que são características biopsicológicas da pessoa que influenciam a sua capacidade para envolver-se de modo efetivo nos processos proximais, ou seja, referem-se a conhecimentos e habilidades necessárias para o funcionamento dos processos proximais em determinado estágio do desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2011), ao contrário das disposições/forças não são orientados para a ação (LORDELLO; COSTA, 2015). São constituídas por condições que limitam a integridade funcional do organismo (passivos), que ameaçam o desenvolvimento psicológico subsequente como: anomalias congênitas (ex.: Transposição das Grandes Artérias – TGA), baixo peso ao nascer, deficiência física e intelectual, doenças degenerativas, crônicas e acidentes, bem como as condições que aumentam (ativos) as possibilidades construtivas ao longo do curso da vida como, habilidades, conhecimentos, destrezas e experiências pessoais exitosas de relações proximais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006; BRONFENBRENNER, 2011; ROSA; TUDGE, 2017).

Figura 7 – Recursos

<b>Recursos</b>	
<b>Passivo</b>	<b>Ativo</b>
Anomalias congênitas	Habilidades
Deficiência física e intelectual	Conhecimentos
Doenças degenerativas e crônicas	Destreza
Acidentes	Experiências pessoais

Fonte: Cunha e Lima (2020), adaptado pela pesquisadora.

O terceiro atributo da pessoa são as características da **demand**a que apresentam potencial de convidar ou desencorajar reações de pessoas no contexto social que podem fomentar ou interromper os processos proximais, resultando em promoção ou interrupção do crescimento psicológico, como, por exemplo, tipos de aparência física, idade, gênero e raça (BROFENBRENNER, 2011) e até traços pessoais como passividade ou atividade (LORDELLO; COSTA, 2015). Bronfenbrenner e Morris (2006) destacam que nenhum aspecto sozinho tem influência no desenvolvimento de maneira isolada. Os atributos da pessoa necessitam ser compreendidos na inter-relação entre as características psicológicas, assim como as idiosincrasias do seu contexto de desenvolvimento. Lordello e Costa (2015) defendem que na adolescência verifica-se maior diferenciação do *self* – construção do eu –, no qual há grande investimento relacionado às respostas de estímulos sociais, e quando não ocorre de maneira esperada, o adolescente pode sentir-se desencorajado na direção de novas experiências. Isto porque, muitas vezes, este pode ter comportamentos mais exaltados e embaraçosos na ansiedade de não saber expressá-los de maneira mais saudável (CAMPOS, 2012).

Os fatores individuais (pessoa) analisados no estudo realizado por Peskin *et al.* (2017) sobre prevalência e fatores correlacionados à perpetração da violência digital no namoro, no início da adolescência, passaram pela escolaridade, raça, idade, gênero, condição socioeconômica, baixo desempenho acadêmico, abuso de álcool, perpetração de *bullying*, tentativa de suicídio, ansiedade, sintomas depressivos e, por fim, exposição à violência intrafamiliar. O estudo ancorou-se no modelo socioecológico adotado pelo CDC (2020), a partir da teoria de Bronfenbrenner para a

compreensão, construção de ações preventivas e interventivas a respeito do fenômeno.

Abilleira *et al.* (2019) analisaram as características de personalidade de adolescentes de ambos os sexos (229 moças e 201 rapazes) que praticam violência contra seus(suas) parceiros(as) no namoro. O estudo utilizou os inventários CADRI (*Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory*) e o PAI-A (*Personality Assessment Inventory-Adolescent*) e revelou que pontuações elevadas nas escalas estão associadas com pessoas (especialmente as participantes do sexo feminino) que apresentam problemas com autoridade; egocentrismo; falta de empatia e comportamentos instáveis (características antissociais); muitas atividades diárias, irritabilidade e impaciência (mania); dificuldade em controlar a raiva; consumo abusivo de álcool e outras drogas (especialmente os participantes do sexo masculino), além de pessoas que tendem a se sentir ressentidas com indivíduos ao seu redor (paranóia). O estudo das características de personalidade associadas com comportamentos de violência indica um padrão diferencial de acordo com o gênero. Portanto, características de personalidade, como agressão, egocentrismo, narcisismo e baixa tolerância à frustração predizem os comportamentos agressivos cometidos pelas moças. No caso dos rapazes, as variáveis de personalidade estudadas têm um baixo valor preditivo, o que indicaria que outros tipos de variáveis, fora do escopo deste estudo, podem explicar melhor a perpetuação da violência no namoro (estereótipos, papéis de gênero e padrões culturais), por exemplo.

Para a TBDH, conforme Senna e Dessen (2012), o adolescente, como cada pessoa, retrata suas próprias características sendo essas, individuais, psicológicas e biológicas, assumindo uma forma particular no enfrentamento de adversidades de acordo com suas experiências de vida. O enfoque na compreensão das interações (processos proximais) entre pessoas e contextos, favorece a compreensão do desenvolvimento do adolescente para além das influências da família, produzindo novos e importantes conhecimentos sobre as variações contextuais envolvidas no desenvolvimento do adolescente (SMETANA; CAMPIONE-BARR; METZGER, 2006).

#### 4.1.3 Contexto

O Contexto é o terceiro elemento da teoria e se refere às interconexões entre e dentro dos quatro sistemas do ambiente ecológico – microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema – que formam o curso do desenvolvimento humano (BRONFENBENNER, 2011). Para compreender as relações entre os sistemas do ambiente ecológico, abordaremos cada um desses:

1) Microssistema é o ambiente mais imediato em que a pessoa em desenvolvimento está inserida num complexo de inter-relações. Trata-se de um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciadas pela pessoa nos contextos nos quais estabelece relações face a face e, dessa forma, é o lócus em que o processo proximal se manifesta. Toma-se como exemplo de microssistemas na adolescência: a família, a escola, o namoro, os amigos, as organizações do terceiro setor (ONG), a igreja (BRONFENBENNER, 2011).

Na família, a legitimação da violência pode ocorrer desde a infância e se concretiza, por exemplo, quando na presença de conflitos entre pares ou entre as crianças, bem como quando os pais e/ou responsáveis respondem com pouca objetividade ao utilizar métodos autoritários que não permitem reflexão sobre o comportamento diante dos filhos. Ou ainda, incitam os filhos a perpetrar atos violentos contra amigos ou colegas de classe, em “legítima defesa”. De igual forma, verifica-se que o uso de atos violentos como bater, gritar e ameaçar tem sido legitimado nas famílias nas relações entre pais, mães e/ou cuidadores e filhos(as); condutas que são aceitas como forma natural de corrigir comportamentos, resolver conflitos e até interagir cotidianamente (MARTÍNEZ-GONZÁLEZ *et al.*, 2014). Contudo, é importante destacar que o microssistema familiar recebe influências de outros contextos em que os seus membros se desenvolvem. Neste sentido, a maneira de educar perpassa gerações atuando como referência de cuidado.

Longe da família, os amigos desempenham um papel fundamental nessa fase desenvolvimental, para Cloutier e Drapeau (2012), a amizade permite a construção de relações escolhidas mutuamente. Entre amigos, o adolescente é capaz de perceber a imagem social projetada, por meio dos comentários e das reações de amigos frente a um comportamento, possibilitando ser um laboratório para a exploração de papéis e aspectos como a tolerância, rivalidade, e ainda, resistência quanto às influências. Geralmente, os adolescentes buscam o apoio do microssistema

amigos para compartilhar suas experiências e opiniões sobre suas relações íntimas, uma vez que para muitos é mais fácil dialogar com o grupo de pares do que com os pais. A esse respeito, Santos e Murta (2016, p. 789) revelam que:

Em geral, os adolescentes procuram o apoio dos amigos para compartilhar experiências e ouvir opiniões sobre problemas nas relações afetivo-sexuais, pois se sentem mais à vontade para falar com os amigos do que com os pais, já que estes vivenciam situações semelhantes no namoro por estarem no mesmo período da vida. A preferência de contar com os amigos para trocar informações e desabafar, na condição de confidentes e conselheiros, está relacionada também com a falta de espaço nas famílias e as dificuldades de comunicação com os pais em função da diferença geracional e por vergonha ou medo, além da presença de temas tabus e comportamentos considerados errados e proibidos pelos pais.

Em contrapartida, como as experiências das relações afetivo-sexuais costumam ser trocadas apenas com os pares, isto pode levar os adolescentes a naturalizar o controle e o ciúme como prova de amor e cuidado por também estarem experimentando seus primeiros relacionamentos íntimos (SANTOS, 2019). Neste sentido, Oliveira, Q *et al.*, (2014), discutem que há uma relação entre a violência entre o grupo de pares/amigos com a violência no namoro entre adolescentes. O estudo sugere que um “comportamento violento praticado e endossado pelo grupo de amigos pode influenciar a mesma prática no namoro” (p. 714).

Borges, Heine e Dell’Aglia (2020) investigaram a relação entre os microsistemas família e grupo de pares, com o objetivo de ampliar a compreensão quanto à perpetração do fenômeno da violência entre adolescentes. O estudo evidenciou que sofrer maus-tratos psicológicos na infância está associado à prática deste tipo de violência no namoro. Quanto ao grupo de pares, 29% dos participantes revelaram conhecer algum(a) amigo(a) que vivencia alguma expressão de violência na relação amorosa; 14% apontaram ter amigos(as) que cometem violência física contra seu(sua) namorado(a); a violência psicológica apontou o maior índice, no qual, 28% dos entrevistados retrataram que possuem amigos(as) que perpetram esta expressão de violência.

A imersão de crianças e adolescentes em uma comunidade violenta pode funcionar como forte contexto de aprendizagem sobre o sistema de crenças normativas a respeito da violência, o que gera aceitação e naturalização das respostas violentas. A “legítima defesa”, “a busca por justiça” e igualdade são crenças

legitimadoras da violência com uma ampla presença na comunidade; em lugar de procurar formas para mitigar a ocorrência de comportamentos violentos, acabam por promover, um apoio para fazer justiça com as próprias mãos (MARTÍNEZ-GONZÁLEZ *et al.*, 2014).

No microsistema, Gracia-Leiva *et al.* (2019) verificaram que ter amigos que apresentam comportamentos antissociais e ser vítima de *cyberbullying* e de *bullying* dos tipos físico e psicológico estão fortemente associados com sofrer e cometer violência no namoro. Esse estudo também indicou que os grupos de pares (amigos) são agentes que influenciam tanto o comportamento violento quanto o comportamento prossocial. Além disso, dentro das variáveis familiares, ter sofrido diferentes tipos de violência na família de origem (violência física, sexual, psicológica e testemunhar violência entre os pais) está relacionado à vitimização e perpetração da violência no namoro. Por outro lado, um maior apoio e controle dos pais diminui as probabilidades de sofrer e perpetrar abusos.

Johnson e Ptoplampu (2008) propõem uma nova dimensão do microsistema denominado de “subsistema tecnológico” ou “tecnossistema” (JOHNSON, 2010), que inclui a interação da pessoa com ambos os elementos vivos e não vivos (objetos), como as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). A tecnologia exerce grande influência nas relações; o ser humano não havia vivido em uma época em que poderia experimentar relacionamentos com outras pessoas por meio de dispositivos eletrônicos: *Smartphones*, *Facebook*, *Instagram*, *chat*, mensagens instantâneas chamadas por vídeo e *e-mail*, são alguns exemplos. Na atualidade, é possível passar mais tempo engajados em interações mediadas pela Internet do que em relações face a face.

Nas últimas décadas, as pessoas têm utilizado dispositivos e ferramentas digitais, mediados pela Internet, cada vez mais complexos, e isto requer modelos teóricos de desenvolvimento que as reconheçam como um microsistema, bem como suas influências recíprocas entre e dentro dos sistemas (meso, exo e macro). O uso dos aplicativos de mensagens como *WhatsApp* e *Telegram*, por exemplo, ilustram a potente interação da comunicação on-line para as pessoas no curso do desenvolvimento (JOHNSON; PUPLAMPU, 2008). Embora as autoras enfatizem a interação com a Internet na infância, sugerimos que o subsistema tecnológico se estenda também à adolescência e todo o ciclo do desenvolvimento. Além de ser um microsistema em que crianças e adolescentes estão diretamente envolvidos, o

subsistema tecnológico é associado como outro contexto de perpetração e vitimização de violência, conforme apontado por Andrade, Sampaio e Donard (2020), seja por meio do monitoramento contínuo das atividades on-line da parceria ou mesmo por ser mais um local de aprendizagem de respostas violentas.

Quando um adolescente começa a envolver-se em outros microssistemas (escola, cursos profissionalizantes ou ONGs), este amplia sua rede de relações interpessoais e evidencia a construção de novas relações e repercussões interdependentes entre a família, ele mesmo e os demais contextos de interações proximais. Essas interações denominam-se mesossistema (SENNA; DESSEN, 2012).

2) Mesossistema engloba as relações entre dois ou mais ambientes cuja pessoa em desenvolvimento participa ativamente. Em suma, o mesossistema é um sistema formado por microssistemas. Para um adolescente de 14 anos, de forma elucidativa, este sistema consiste nas conexões entre a família e a escola (BRONFENBENNER, 2011). Os portais de Internet escolar podem ser um exemplo, visto que permitem aos pais acesso on-line às tarefas de casa de seus(suas) filhos(as), os registros de comparecimento e notas (JOHNSON; PUPLAMPU, 2010). O ensino remoto ganhou espaço considerável na educação de crianças e adolescentes no cenário de pandemia do coronavírus em 2020. Santos (2019) versa que os adolescentes se preocupam quanto ao fato de o namoro ser tema central em suas vidas, fazendo com que os amigos(as) ou outras atividades cotidianas sejam deixadas de lado. Este aspecto refere-se à interconexão entre os microssistemas dos quais participam. Para a autora:

O fato de dar centralidade ao namoro pode prejudicar outros espaços de interação que são igualmente importantes para o desenvolvimento psicológico, como escola, igreja, trabalho, esporte e tantos outros nos quais são reconhecidos ambientes para que os processos proximais ocorram, contemplando diferentes potencialidades (SANTOS, 2019, p. 79).

3) Exossistema é definido como um ambiente em que a pessoa não está presente, mas no qual ocorrem eventos que influenciam o seu desenvolvimento. Qualquer instância social, seja ela Federal, Estadual ou Municipal que detém a responsabilidade pela tomada de decisões que influenciam na condição de vida familiar e da pessoa, pode operar como um exossistema (BRONFENBENNER, 2011). Pensando em um adolescente, tal sistema pode ser, por exemplo, o trabalho da mãe e/ou do pai, longas jornadas de trabalho Para Gracia-Leiva et al. (2019), comunidades/bairros perigosos

têm uma relação positiva com perpetração e vitimização, enquanto o apoio da comunidade pode ser um fator de proteção contra agressões entre casais de namorados.

Macrossistema é o ambiente mais remoto; refere-se à subcultura ou cultura, organização social e sistemas de crença de uma determinada sociedade. Abrange características do micro, meso e exossistema (BRONFENBENNER, 2011). A sociedade concebe regras, leis, costumes, tradições e práticas, com o objetivo de preservar os valores comumente aceitos. Neste nível estão incluídas, a título de exemplo, as crenças sobre os estereótipos de gênero e no amor romântico que podem sustentar relações amorosas prejudiciais, visto que estão fortemente arraigadas e moldam amplamente as ideias sobre relacionamentos que adolescentes podem assumir como "normais" (MONREAL-GIMENO *et al.*, 2013). As regras relacionadas a cada tipo de relação não surgem de forma abrupta na adolescência; é neste período, entretanto que a sociedade espera mais dos adolescentes (CLOUTIER; DRAPEAU; 2012).

Pesquisa realizada acerca da temática da violência no namoro no cenário brasileiro (Oliveira *et al.*, 2016) revela uma maior tolerância com a violência física praticada pelas adolescentes. Por outro lado, as agressões perpetradas pelo sexo masculino contra a parceira íntima são bastante desaprovadas pela sociedade. Oliveira *et al.* (2016) discutem que o abuso físico sofrido pelas moças encontra mais empecilhos por motivos de sanções sociais e jurídicas, recentemente, aplicadas no Brasil, como a Lei Maria da Penha – posta para pessoas maiores de 18 anos – (BRASIL, 2006).

Santos (2019) assevera que a leitura bioecológica da violência no namoro relacionada ao macrossistema permite o entendimento que direcionam os pensamentos revelados nos grupos focais realizados em sua investigação sobre comportamentos considerados abusivos nos relacionamentos amorosos. A cultura adultocêntrica (macrossistema) minimiza os dilemas que surgem com o início do envolvimento dos adolescentes em suas primeiras relações amorosas. Muitas vezes, os adultos presentes nos microssistemas da pessoa não se dispõem ou quiçá não apresentem recursos biopsicossociais para a realização de trocas recíprocas sobre a temática namoro, relações saudáveis ou mesmo violentas.

Outro aspecto defendido por Bronfenbrenner (2011) é o da transição ecológica, que concerne à passagem de um contexto para outro pela pessoa em

desenvolvimento. A título de exemplo, tem-se: a entrada na creche, a chegada de um irmão, a inserção na escola, começar o namoro, a entrada na universidade, começar a trabalhar, casar-se, ter um filho, ser hospitalizado, aposentar-se. Sugere-se que cada transição indica repercussões no desenvolvimento humano que implica a pessoa em novas tarefas e em outras estruturas sociais. Os adolescentes realizam transições ecológicas, ou seja, eles deslocam-se de um microsistema para outro (ensino médio, faculdade e/ou emprego), permitindo, dessa maneira, experimentar novas interações, mudanças de papéis esperados e determinadas posições na sociedade.

#### 4.1.4 Tempo

O quarto e último elemento é o cronossistema (Tempo). O seu delineamento permite identificar o impacto de eventos e experiências originando-se no ambiente externo, como o nascimento de um irmão ou dentro do organismo, como a primeira menstruação. As experiências podem ser normativas: puberdade, entrada na escola, namoro, casamento e aposentadoria, como exemplos e, ainda, não normativas: morte ou doença grave na família, divórcio, pandemia e mudança de país (BRONFENBENNER, 2011).

O tempo, na TBDH é dividido em microtempo, mesotempo e macrotempo, a saber (BRONFENBENNER, 2011):

- i) microtempo: continuidade e descontinuidade dos episódios frequentes dos processos proximais;
- ii) mesotempo: periodicidade desses episódios por amplos intervalos como dias e semanas;
- iii) macrotempo: mudanças em eventos na sociedade dentro e ao longo das gerações.

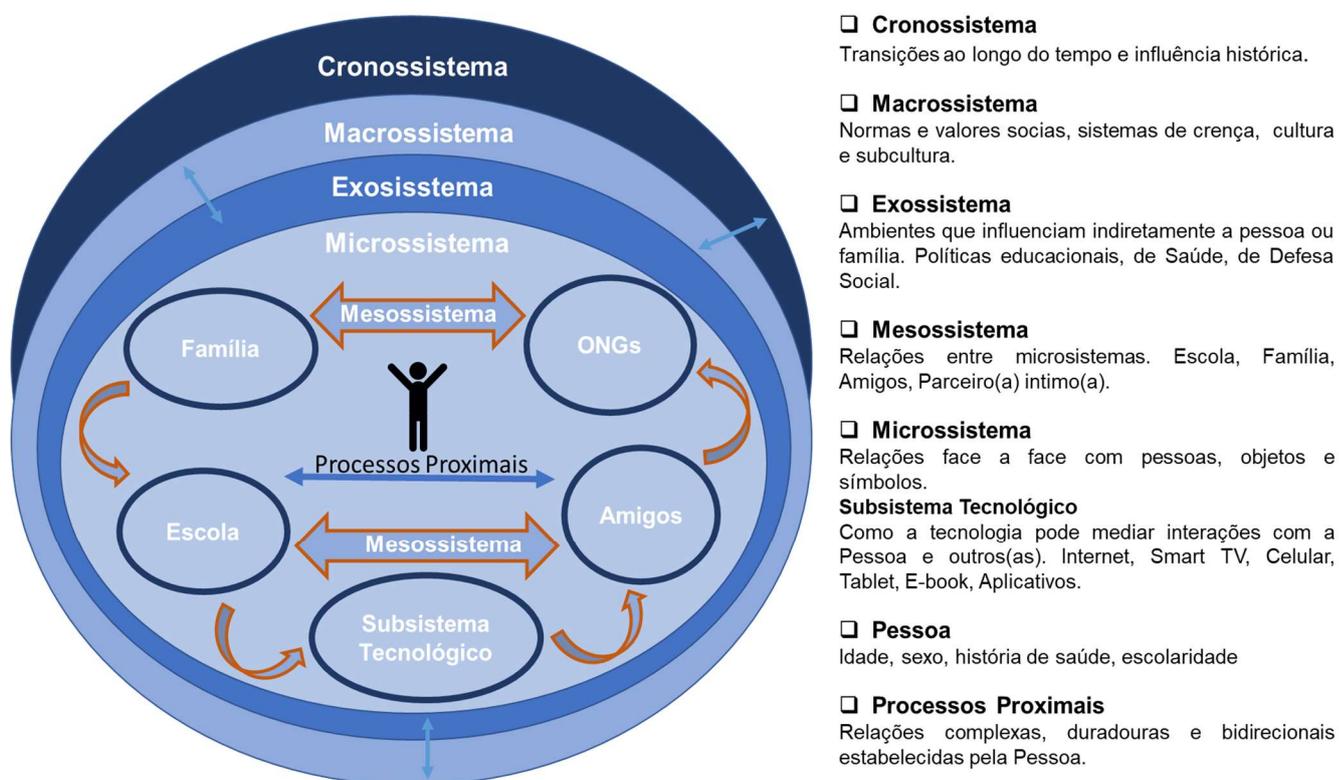
No que tange a alguns estudos sobre a violência no namoro, investigações como as de Andrade e Lima (2018) e de Borges, Heine e Dell'aglio (2020) apontam para o entendimento da chamada transmissão intergeracional da violência, que por sua vez, apresenta consonância com o conceito da TBDH de macrotempo, que compreende o desenvolvimento por meio das mudanças e inter-relações geracionais (LORDELLO; COSTA, 2015). Entretanto, assinala-se que o microsistema em que os processos proximais ocorrem está contido no tempo – o que corrobora para aprofundar as questões intergeracionais das relações desses jovens que expliquem o fenômeno da violência.

Estudo realizado com adolescentes na cidade do Recife/PE revela que a duração da relação amorosa (mesotempo) foi associada com a violência psicológica: os casais com mais de um ano de namoro possuem mais chances (5,81%) de vivenciar esse tipo de violência quando comparados com um relacionamento com menos de um mês de duração. Assim, parece que a duração do namoro mostra correlação com a incidência de episódios violentos, ou seja, quanto mais tempo comprometidos e envolvidos, os casais apresentam maior risco de violência no namoro (BARREIRA *et al.*, 2013).

O microtempo pode ser verificado no desenvolvimento da relação amorosa em virtude do estabelecimento dos processos proximais contínuos e descontínuos.

Copetti e Krebs (2011) versam que Bronfenbrenner não chegou a exibir um modelo gráfico que demonstrasse as relações entre os elementos da sua teoria. Alguns autores (HEISE, 1998; De ANTONI; KOLLER, 2011; CUNHA; LIMA, 2020) ilustram o modelo em suas respectivas pesquisas com o propósito de representar a interdependência dos construtos da TBDH.

Figura 8 – Modelo Bioecológico



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Trata-se, para Carvalho-Barreto *et al.* (2009), de uma teoria multidimensional e complexa, aplicada como uma ferramenta heurística – pode ser concebida como um método ou processo criado com o objetivo de encontrar soluções para um problema – em investigações acerca da violência contra crianças (BELSKY, 1980) e violência contra a mulher (HEISE, 1988). Heise (1998) é considerada a autora pioneira na aplicação da teoria de Bronfenbrenner aos estudos da violência por parceiro íntimo; defende que a teoria permite a compreensão do fenômeno fundamentado em níveis integrados de causalidades múltiplas. A OMS (DAHLBERG; KRUG, 2007) também utiliza o modelo ecológico para a compreensão da natureza multifacetada da violência:

Não há um fator único que explique porque alguns indivíduos se comportam violentamente com outros ou porque a violência é mais comum em algumas comunidades do que em outras. A violência é o resultado da complexa interação dos fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais. Compreender como esses fatores estão relacionados com a violência é um dos passos importantes na abordagem da saúde pública para a prevenção da violência (DAHLBERG; KRUG, 2007, p. 1172).

O círculo mais próximo (pessoa/indivíduo) representa os fatores da história pessoal e os comportamentos que cada indivíduo traz para suas relações, como exemplo, testemunhar violência entre os pais na infância. Busca identificar fatores da história pessoal e biológica que aumentam a probabilidade de se tornar vítima ou perpetrador de violência, tal como idade, sexo, baixo desempenho escolar e instrução, renda (dados demográficos), além de fatores como a impulsividade, abuso de substâncias (álcool e/ou outras drogas), histórico de agressão ou abuso (ser vítima direta ou indireta de maus-tratos pelos pais, mães e/ou cuidadores) (HEISE, 1988; OMS, 2013; FERRETO; ROMERO, 2009; DAHLBERG; KRUG, 2007)

O próximo círculo, o microssistema/relações, representa o contexto imediato em que ocorre a violência – frequentemente a família ou outra relação íntima, como conflitos conjugais. Explora os relacionamentos próximos como por exemplo, relações com parceiros íntimos, amigos e membros da família, aumentam o risco de ser vítima ou perpetrar violência, uma vez que, estes têm o potencial de influenciar o comportamento e a experiência da pessoa/indivíduo. Nos casos de violência nas relações amorosas e maus-tratos contra criança, a interação diária pode oportunizar a ocorrência de agressões e, ademais absorver a noção de que a violência é um meio aceitável de interação. Viver em ambientes familiares violentos, sofrer violências de

qualquer tipo ou gravidade na família ou mesmo testemunhá-las, pode predispor a pessoa a sofrer ou perpetrar esses tipos de atos na adolescência, juventude e vida adulta. Ademais, ter amigos que cometem ou incitam comportamentos violentos também aumenta o risco de um jovem sofrer ou cometer tais atos (HEISE, 1988; OMS, 2013; FERRETO; ROMERO, 2009; DAHLBERG; KRUG, 2007).

O terceiro nível, o exossistema/comunidade, abrange as instituições e estruturas sociais, formais e informais, que integram o microsistema – o mundo do trabalho, vizinhança, redes de apoio sociais e grupos de pares. Examina os contextos comunitários em que estão inseridas as relações sociais, nos quais a pessoa se desenvolve: escolas, Organização Não Governamental (ONG), locais de trabalho e bairro. Comunidades envolvidas com o tráfico de drogas, alto índice de desemprego possui mais chances de ter experiências violentas. A presença de comportamento criminoso como, roubo, vandalismo, homicídio e tráfico de drogas, entre outros, fazem a convivência violenta diária ser tolerável, e até mesmo, banalizam a sensação de viver em perigo (OMS, 2013; FERRETO; ROMERO, 2009; DAHLBERG; KRUG, 2007).

No modelo proposto por Heise (1998), o mesossistema não foi contemplado, embora a autora faça referência sobre sua importância, identificado como a interação entre vários ambientes sociais de uma pessoa. O entendimento de Heise (1988) sobre o exossistema nos remete também às características do mesossistema – a interconexão de mais de um microsistema – tal qual preconizado por Bronfenbrenner (1979/1996). O exossistema pode ser caracterizado por amigos da família, meio de comunicação, trabalho, e até mesmo políticas públicas na área social, ou seja, ambientes que podem influenciar, mesmo que a pessoa não esteja presente.

E finalmente, o macrossistema/sociedade, que representa as visões e atitudes que permeiam a cultura em geral. Analisa os amplos fatores sociais que auxiliam a criação de um clima no qual a violência é encorajada ou inibida. Tais fatores incluem: i) normas sociais e culturais que sustentam a violência como forma aceitável para a resolução de conflitos. A violência pode ser vista, então, como algo cotidiano e normal, o que contribui para sua legitimação como prática generalizada; ii) normas que fixam o domínio de homens sobre mulheres e crianças, além de fatores que merecem destaque na sociedade como políticas de saúde, educacionais, econômicas e sociais (OMS, 2013; FERRETO; ROMERO, 2009; DAHLBERG; KRUG, 2007).

Percebe-se que Heise (1998) se inspirou no segundo momento da teoria de Bronfenbrenner (1979/1996) denominada de Ecologia do Desenvolvimento Humano ou Modelo Ecológico (BELSKY, 1980; HEISE, 1998; OMS, 2007) e, ainda, Socioecológico (CDC, 2020).

Com um sentido prático, o modelo ecológico, a partir da proposta de Bronfenbrenner (1979/1996) concebe os espaços cotidianos nos quais se entrecruzam o público e o privado (escola, trabalho, bairro, família e relacionamentos interpessoais) como espaços de oportunidade para prevenir a violência em todas as suas expressões, o que amplia o conhecimento e as margens para garantir o direito a uma vida livre de violência, para todos. Em outras palavras, permite a identificação das raízes do fenômeno que impedem ou favorecem o clima de violência, bem como os fatores que podem beneficiar a mudança destes (FERRETO; ROMERO, 2009).

A TBDH disponibiliza um cabedal teórico-metodológico para a compreensão da violência sem conceitos pré-concebidos e lineares. O esforço da teoria se concentra na apreensão da complexidade e da multicausalidade envolvidas no fenômeno, percebendo a pessoa inserida num ambiente em que estabelece inter-relações de forma que seu comportamento interfere no contexto, na mesma medida em que é influenciada por ele (BATISTA *et al.*, 2013).

No que diz respeito à violência no namoro entre adolescentes, estudos internacionais utilizando a TBDH são realizados, principalmente, em torno do contexto ecológico, especialmente, o microsistema e o macrossistema, além dos atributos da pessoa envolvendo adolescentes e jovens (SMITH-DARDEN *et al.*, 2017; GARCÍA, 2015; WHITAKER; SAVAGE, 2015; MONREAL-GIMENO *et al.*, 2013). Tais autores apontam a necessidade de sensibilizar e desenvolver iniciativas voltadas para este público etário, tomando como base o modelo bioecológico, envolvendo não apenas os adolescentes, mas também seus pais e a escola. Enfatizam também a importância de implementar políticas públicas em torno da questão da violência especificamente no namoro, bem como criar serviços de ajuda para o público adolescente.

Como uma teoria sistêmica, a TBDH permite “a compreensão do fenômeno com base numa abordagem na qual o problema é visto de forma processual e dinâmico, envolvendo o contexto, a história e as pessoas como protagonistas e observadoras do fenômeno” (DE ANTONI; KOLLER, 2010, p. 18).

Apesar dessa possibilidade, Smith-Darden *et al.* (2017) relatam que boa parte dos estudos sobre a violência digital no namoro se concentram nos fatores individuais

(pessoa) que estão envolvidos no fenômeno. As características da pessoa, nesta investigação foram: raça, idade, gênero, escolaridade. Os autores, todavia, defendem a investigação tanto dos fatores individuais quanto os contextuais no âmbito da violência no namoro. Os microssistemas analisados perpassaram: pais, amigos (grupo de pares), escola e comunidade (bairro/vizinhança). A pesquisa realizada com 727 estudantes dos Estados Unidos, sobre os fatores de proteção relacionados à perpetração da violência digital no namoro, apontou que o envolvimento e cuidados dos pais no cotidiano dos filhos adolescentes foram associados com a redução de sua ocorrência. Destacam, ainda, como o contexto ecológico do adolescente é importante para compreensão do fenômeno e para o desenvolvimento de intervenções que privilegiem o ambiente, além de esforços voltados à pessoa (nível individual), de modo a fornecer uma base segura à proteção (SMITH-DARDEN *et al.*, 2017).

No Brasil, de acordo com a revisão de literatura realizada para a construção teórica da tese, encontrou-se poucas publicações utilizando a TBDH (BARREIRA *et al.*, 2013; LORDELLO; COSTA, 2015; SANTOS, 2019). Lordello e Costa (2015, p. 50) apontam que adotar o referencial bioecológico significa explorar a natureza sistêmica do fenômeno:

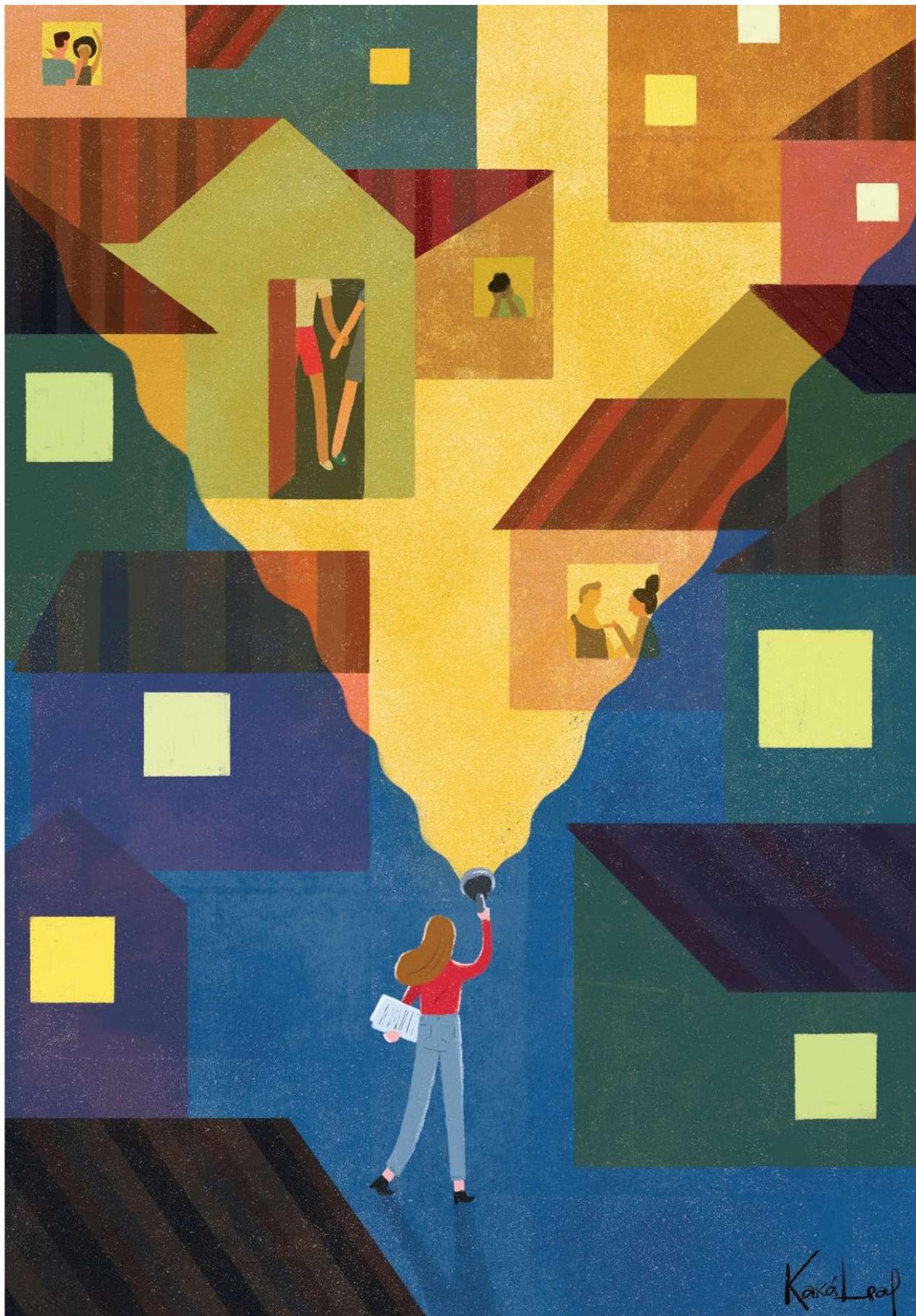
Ver o parceiro como pessoa em desenvolvimento, observar suas características, o que traz de seus ambientes, como seus contextos o influenciam e são capazes de modificar padrões adquiridos de forma transgeracional, observar o engajamento em seus processos e o tempo como regulador das interações e provedor de mudanças são atitudes investigativas que tornam possível uma atuação mais assertiva na interrupção da violência e na potencialização de relações amorosas mais saudáveis.

Ao atravessarmos o caminho desse capítulo, descortinamos a tessitura, emaranhada e profunda no que diz respeito à compreensão do fenômeno da violência no namoro entre adolescentes, à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Nesta pesquisa, argumentamos que a violência precisa ser investigada de modo amplo e dinâmico, sem determinismos, levando-se em consideração a possibilidade de estar relacionada a diversos aspectos, e sobretudo, compreendida como um fenômeno humano. Por isso, estimamos ser um fenômeno complexo e multicausal, que incide sobre as relações afetivo-sexuais de milhares de adolescentes no mundo, apresentando como possíveis repercussões o adoecimento mental e físico, com possibilidades de repetições transgeracionais.

Consideramos explorar outras compreensões sobre a violência nas relações de namoro na contemporaneidade, bem como as relações de poder envolvidas na desigualdade que implicam a subjugação do outro e, conseqüentemente, o uso de práticas violentas nas relações amorosas iniciais entre adolescentes. Ao pensar sistemicamente, como a TBDH, entendemos o fenômeno fora da lógica cartesiana e linear, ao perceber que a pessoa, está inserida num ambiente ecológico que se desdobra em vários sistemas inter-relacionados. Argumentamos que moças e rapazes, embora marcados por influências sociais – atravessamentos quanto a estereótipos e papéis de gênero –, e históricas, podem ser convidados(as) e estimulados(as) a problematizarem acerca de construção de formas mais saudáveis de se relacionarem, para além de dicotomias, com vistas a romperem possíveis ciclos familiares e/ou sociais de violência, pois todos e todas merecem desfrutar de relacionamentos amorosos mais dignos, respeitosos e promotores de desenvolvimento.

A TBDH aprofunda e amplia o conhecimento e a compreensão sobre o processo do desenvolvimento humano, possibilitando vislumbrar a complexa inter-relação que emerge entre a pessoa biopsicologicamente ativa, produto e produtora do seu desenvolvimento, o qual tem a sua subjetividade construída na correlação com o seu ambiente mais imediato ao mais remoto, capaz de transformá-lo e transformar-se num determinado tempo histórico. Assim sendo, adolescentes constroem, interpretam e dão sentido às experiências vividas nos contextos sociais em que habitam, e certamente ocupam uma posição ativa que influencia a trajetória de seu curso de vida.

A teoria de Bronfenbrenner se distancia de visões restritivas, isto porque a proposta teórica se inscreve em uma construção teórico-metodológica mais inclusiva e transformadora do desenvolvimento humano, como o próprio autor defende a ideia de “tornar seres humanos mais humanos” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 8).



## 5. Caminhos Percorridos

## **Pelas ruas que andei**

*Na Madalena reví teu nome  
 Na Boa Vista quis te encontrar  
 Rua do Sol, da Boa Hora  
 Rua da Aurora, vou caminhar  
 Rua das Ninfas, Matriz, Saudade  
 Da Soledade de quem passou  
 Rua Benfica, Boa Viagem  
 Na Piedade tanta dor*

*Pelas ruas que andei, procurei  
 Procurei, procurei te encontrar  
 Pelas ruas que andei, procurei  
 Procurei, procurei te encontrar*

*Pelas ruas que andei  
 Procurei, procurei  
 Pelas ruas que andei  
 Procurei, procurei*

**Alceu Valença**

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou como método de investigação a Inserção Ecológica, que envolve a sistematização dos quatro aspectos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: processo, pessoa, contexto e tempo (PPCT) idealizado por Bronfenbrenner (2011). O método foi proposto, primeiramente, por Cecconcello e Koller (2003), e revisado por Prati *et al.* (2008). Tal método visa à inserção do pesquisador no ambiente em que a pesquisa se realizará, com o propósito de criar aproximação com o objeto do estudo e, assim, responder aos objetivos deste (MORAIS, N., 2005, 2009).

## 5.1 O planejamento do estudo

Até o dia 16 de março de 2020, a Inserção Ecológica seria desenvolvida numa escola pública da região metropolitana do Recife – PE, escolhida por conveniência. As autoras Prati *et al.* (2008) apontam que o método deve ser realizado nos microssistemas onde ocorrem os processos proximais; por isso, a escolha de uma escola para o desenvolvimento do estudo. É por meio dos processos proximais que a influência dos outros três elementos – pessoa, contexto, tempo – revelam-se ao pesquisador.

Pretendia-se acompanhar o cotidiano de estudantes adolescentes por um período de três meses, com visitas regulares à escola, duas vezes por semana, com a finalidade de conhecer a instituição e envolver-se nas atividades escolares deles. Antes da entrada em campo, para iniciar a vinculação da pesquisadora com a escola, aspectos como período de permanência, dias e turnos de visita, de acordo com disponibilidade da escola e da pesquisadora, participação das pessoas, atividades propostas com as/os adolescentes, bem como as ideias preliminares da devolução dos resultados da pesquisa, foram esclarecidos com o diretor da escola em uma visita inicial. Entretanto, com o fechamento das escolas públicas por conta da pandemia da Covid-19, a etapa da pesquisa de campo não pôde ser iniciada.

### 5.1.1 No meio da travessia: uma pandemia

No mês de outubro de 2019 tudo estava pronto: contato com a escola estabelecido, projeto avaliado e aprovado no comitê de ética, ingredientes que sinalizavam que a pesquisadora já poderia ir a campo, tudo estava alinhado! Em

fevereiro de 2020, a Covid-19 chegou ao Brasil dando os sinais de que a rotina dos brasileiros seria modificada com o intuito de conter a propagação do vírus desconhecido. E para esse desconhecido não havia tratamento cientificamente comprovado e, claro, não havia vacina para ser largamente combatido. A partir de março de 2020, as atividades cotidianas como ir ao supermercado, escola e até mesmo ir ao trabalho foram suspensas. Apenas serviços essenciais estavam liberados. O isolamento social passou a ser uma realidade imposta para salvar as nossas vidas.

Em 16 de março de 2020, a escola estava com as aulas temporariamente suspensas e, conseqüentemente, a coleta dos dados para o desenvolvimento da pesquisa também. O cenário não apresentava previsão para mudanças e o calendário apontava para uma reavaliação do método. Algumas alternativas levantadas: contato com liderança comunitária e Organização Não Governamental (ONG) como nova estratégia de campo. Nas tentativas e contatos com pessoas próximas, uma possibilidade surgiu. O primeiro contato via telefone com um dos responsáveis por uma ONG que trabalha com adolescentes localizada em Recife/PE se deu no início de agosto. Nessa conversa inicial, falamos sobre o tema da pesquisa, as técnicas e instrumentos utilizados e a expectativa da pesquisa ser concretizada no espaço da ONG. O segundo contato também por telefone, ocorreu no final do mês de agosto. Nessa conversa, foi solicitado o envio por *e-mail* do documento emitido pelo Comitê de Ética da UNICAP/PE (Anexo A), o tempo necessário para a realização da pesquisa, a realização das entrevistas em duas rodadas, a confirmação da idade dos participantes, um resumo do projeto de pesquisa, o TCLE (APÊNDICE A) e o TALE (APÊNDICE B). Tais documentos foram solicitados para aprovação do estudo pelo comitê gestor da ONG. Ressaltamos que a pesquisadora atenderia aos requisitos básicos de segurança como distanciamento, o uso de álcool e máscara.

A pedido da ONG, foi necessária a leitura de um documento intitulado de Política de Proteção Infantil que informa sobre o trabalho por eles desenvolvido. Um primeiro requisito diz respeito ao cuidado com as vestimentas e adornos utilizados pelos visitantes, uma vez que as/os beneficiários são pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social; presentes não devem ser ofertados aos adolescentes sem a devida autorização da coordenação do projeto, bem como o cuidado adotado com as/os adolescentes com 18 anos incompletos. Ainda de acordo com o documento e regras da ONG, as pessoas que não apresentam vínculo

empregatício com a instituição deveriam ser acompanhadas por um(a) educador(a) social para o contato com essas pessoas. Um possível impasse poderia surgir para a realização da pesquisa e a garantia do sigilo das entrevistas. Ficou acordado, dessa forma, que as entrevistas seriam realizadas na área de convivência, local aberto que no momento da pandemia não tinha circulação de muitas pessoas, sem a presença do(a) educador(a) social.

Na primeira semana de outubro a resposta positiva da instituição foi confirmada. Ficou combinado que a pesquisadora levaria álcool e máscara descartável para todos os participantes, além de um tapete sanitizante que seria doado para a ONG. Após dois meses de conversas, sete meses de atraso do cronograma inicial, as primeiras entrevistas foram agendadas para o dia cinco de outubro de 2020 nas instalações da ONG.

Como forma de conhecer a localização, no final de semana anterior ao início das entrevistas, a pesquisadora se dirigiu até o endereço e observou o grande movimento da rua principal do bairro com muitos comércios e a proximidade de uma estação do metrô, o que significou acesso fácil. Assim, a inquietude foi cedendo espaço para a visualização da concretude daquele momento tão aguardado. Naquele mês, esse seria o endereço percorrido todos os dias pela pesquisadora.

### 5.1.2 Uma Inserção Ecológica foi possível?

A Inserção Ecológica (IE) é uma operacionalização da abordagem teórico-metodológico de Bronfenbrenner e desenvolvido primeiramente por Cecconello e Koller (2003) e logo depois utilizados nos estudos, por exemplo, de Morais, N. (2005, 2009) e Morais, C. (2008). Posteriormente, outras pesquisas no cenário nacional fizeram uso do método de investigações em ambientes naturais – diversos microssistemas – com crianças, adolescentes e famílias (KOLLER; MORAIS; PALUDO, 2016). Cecconello e Koller (2016) afirmam que a proposta de pesquisa por observação naturalística favorece a presença do pesquisador no ambiente de pesquisa, objetivando proximidade com o objeto de estudo, além de um delineamento que inclua os quatro componentes da teoria: processo-pessoa-contexto-tempo evidenciando a interdependência entre eles. A IE deve ser usada com ética, uma vez que o pesquisador passa a integrar o cotidiano das pessoas envolvidas na execução da pesquisa (CECCONELLO; KOLLER, 2016). No método, o fenômeno estudado,

neste caso, a violência nas relações de namoro, pode ser compreendida de forma contextualizada associadas com as variáveis diretas e indiretas com as quais interagem (MORAIS, C., 2008).

Para Moraes, N., Borba e Koller (2016, p. 71), a coleta de dados, na IE, não fica deslocada do cotidiano das(os) participantes e muito menos limitado a um só encontro. O método oportuniza a troca de experiências de vida, cultura, e nesta pesquisa, o conhecimento de gírias do estado de PE e da comunidade local – a pesquisadora é do Estado de Minas Gerais –, que foi demonstrada pela curiosidade genuína do aprendizado das “novas” palavras e que se tornou uma forma de vinculação que despertava nas/os participantes um interesse de partilhar mais do que conhecimento sobre a temática, mas sim tornar a pesquisadora parte do contexto de desenvolvimento destes.

Em conversa informal registrada no diário de campo com uma educadora social de crianças de zero a três anos, consta o relato que o trabalho da fonoaudiologia seria uma área profissional que poderia auxiliar as crianças e suas famílias, uma vez que não é uma terapia oferecida pelo SUS naquele bairro. Dessa forma houve a sugestão, por parte da pesquisadora, para que a instituição fizesse contato com faculdades que ofereçam o curso de fonoaudiologia para um possível trabalho de extensão na ONG. Tais aspectos são assinalados por Moraes, N.; Borba e Koller (2016, p. 84–85) ao sinalizarem que:

a equipe de pesquisa vai ganhando espaço na instituição e na vida das pessoas com quem está trabalhando. Assim, é natural que surjam situações nas quais a equipe de pesquisa é chamada para exercer seu papel protetivo e potencializador de relações saudáveis e positivas (...) a atividade de pesquisa à luz da proposta da Inserção Bioecológica não nega e nem dispensa a relação entre pesquisador e participante. Antes, chama a atenção para o desenvolvimento que foi possível a ambos a partir da situação de interação que a situação de pesquisa gerou.

Para que a Inserção Ecológica ocorra, é necessário apoiar-se nos cinco aspectos indispensáveis para a criação dos processos proximais (MORAIS, N.; BORBA; KOLLER, 2016):

1) participantes e pesquisadores interajam e realizem atividades comuns

Mesmo com a pandemia, a instituição realizava atividades administrativas como serviços na biblioteca, catalogação de mais de 500 livros recebidos por meio de

doação de um sebo local; exames médicos anuais das crianças e das/os adolescentes que participam das atividades da instituição, além de distribuição de cestas básicas e kit de higiene para as famílias das/os beneficiários com horários agendados para evitar aglomeração. A pesquisadora pode observar as tarefas sendo executadas, além de interagir com os funcionários da ONG, principalmente no refeitório onde todas as pessoas almoçavam, inclusive a pesquisadora, fortalecendo a vinculação iniciada nos meses anteriores da presença física da pesquisadora no espaço da ONG. As(os) adolescentes, residiam nas proximidades e se dirigiam a pé para a instituição somente para a realização das entrevistas que aconteceram em duas rodadas. Em algumas situações, os encontros foram agendados no dia de exame médico ou distribuição de alimentos e higiene com intuito de facilitar e se inserir no cotidiano das/os adolescentes e instituição.

#### 2) vários encontros regulares, ao longo de um período estendido de tempo

Aconteceram visitas regulares de segunda-feira a quinta-feira das 9h às 16h durante o mês de outubro de 2020 no espaço da ONG. Três adolescentes eram entrevistados por dia e cada encontro durava aproximadamente 1h:30 cada. Também foram realizadas observações e conversas informais devidamente registradas no diário de campo com educadoras(es) sociais, cozinheiras, auxiliar de serviços gerais, coordenadora pedagógica e gestor, sempre respeitando o sigilo sobre a instituição e suas regras para visitantes.

#### 3) atividades que começam, inicialmente, mais informais e depois mais complexas

Antes do início de cada encontro foi realizado um *rapport*, oferecimento de um frasco contendo álcool em gel e máscara descartável. Posteriormente, passou-se ao preenchimento do questionário biossociodemográfico com questões de natureza menos ansiogênicas. Assim, o início da entrevista com roteiro semiestruturado foi cumprido sem intercorrências. Geralmente, a aplicação do instrumento do Busca-palavras ocorria após a questão cinco do segundo bloco do roteiro. E, por sua vez, o Conhecendo a Relações de Namoro, foi aplicado após a questão 1 do terceiro bloco. Após a aplicação destes, eram retomadas as questões da entrevista. E, por fim, o encerramento da participação com os devidos agradecimentos e palavras finais da/o adolescente.

#### 4) reciprocidade nas relações interpessoais

Nenhum participante ou responsável que foi contactado pela(o) educador social apresentou negativa diante do convite para participar da pesquisa. Parece que o

tempo de permanência e vinculação das(os) adolescentes na instituição, possibilitou, no primeiro instante, o início de uma relação de reciprocidade com a pesquisadora. Não houve faltas e nem desistências durante a realização da pesquisa. Moraes, N., Borba e Koller (2016, p. 85) apontam que “deve-se evitar fortemente a postura de pessoas que vão a campo e olham o outro como “exótico”, como uma vitrine. Deve haver, portanto, um profundo respeito entre pesquisador e participante estudado (realidade).”

Nos dois encontros realizados com cada participante, evidenciou-se o engajamento pesquisadora-participante tanto na entrevista quanto no preenchimento em conjunto dos instrumentos, aspecto que ficou notável por meio das verbalizações positivas e entusiasmadas ao finalizar o roteiro e instrumentos.

- 5) os temas abordados na pesquisa devem ser interessantes e estimular nos pesquisadores e participantes em desenvolvimento, a atenção, exploração e imaginação.

A construção dos instrumentos e roteiro de entrevista foram cuidadosamente pensados para que fossem naturais e criativos possíveis para abordar a violência nas relações de namoro entre adolescentes daquela instituição.

Por fim, foi possível a concretização da IE em um dos microssistemas das(os) adolescentes (ambiente natural), que promoveu relações sociais e o cumprimento dos cinco aspectos imprescindíveis para que seja realizada. Assinala-se a ocorrência da inserção por meio das entrevistas e demais instrumentos, além da mobilização das(os) participantes e funcionários frente à temática que, segundo eles, é nova, atual e necessária, sobretudo para instituições que trabalham com a população nesta faixa etária.

### 5.1.3 A ONG - Microssistema de desenvolvimento da pesquisa

A instituição é uma organização da sociedade civil de direito privado, do segmento da assistência social, criada no ano de 2006, denominada de ONG. O bairro onde a ONG está localizada tem 22.000 habitantes e apenas uma unidade básica de saúde com clínico geral e ginecologista que distribui 15 fichas de atendimento por dia. Não tem atendimento psicológico, quando a demanda se faz necessária é encaminhada ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de um bairro vizinho, que por sua vez, não consegue atender a demanda.

Apresenta como missão promover o desenvolvimento social, político e pedagógico de crianças e adolescentes, a partir de suas famílias, sem distinção de sexo, etnia e credo. Atende crianças e adolescentes de zero a 18 anos, em situação de vulnerabilidade social e econômica, de bairros vizinhos de onde está localizada.

O programa socioeducacional de desenvolvimento integral de crianças e adolescentes é distribuído nas áreas: física, cognitiva, socioemocional e espiritual, conforme orientações do Estatuto da Criança e Adolescente. Estes frequentam o programa no turno oposto do horário escolar, além de receberem duas refeições diárias para a garantia da segurança alimentar. Dentre os serviços, contam com formação socioprofissional com cursos livres e técnicos, voltadas para a iniciação profissional de adolescentes a partir dos 16 anos e jovens em sua primeira experiência de emprego, por meio de parceria com duas grandes empresas. As suas famílias também são assistidas, em diversos outros projetos e atividades.

Antes da pandemia, o funcionamento era das 06:00 às 20:00, de segunda-feira a sexta-feira. Durante o segundo semestre de 2020, a ONG estava apenas realizando atividades internas em regime de trabalho reduzido e escalonado. As ações desenvolvidas com as/os adolescentes estavam suspensas. Entretanto, o contato entre o(a) educador(a) social e os beneficiários continuou, via *WhatsApp*.

Anualmente, as(os) adolescentes da ONG passam por uma consulta médica que é custeada por um “padrinho” que reside no exterior, através de outra instituição internacional com forte presença no nordeste brasileiro. O espaço possui berçário, salas de aula, espaço de convivência, quadra de esportes e um refeitório para atender as/os funcionárias/os e as/os beneficiárias/os (crianças e adolescentes).

## **5.2 Participantes**

Participaram da pesquisa adolescentes que preenchiam os critérios de inclusão: ter entre 15 e 19 anos – moças e rapazes; estar namorando ou ter namorado anteriormente e como critério de exclusão – não residir com a(o) namorado ou ter vivido em união estável anteriormente. Não houve perdas, exclusões ou desistências. No entanto, como a seleção dos adolescentes não foi realizada pela pesquisadora (todos indicados pela instituição), 16 adolescentes foram entrevistados. No entanto, oito deles compuseram a amostra final.

Apoiou-se em Triviños (2009, p. 144) na qual defende que:

a escolha dos sujeitos mais capacitados para prestar ajuda à pesquisa não é fácil. Talvez o pesquisador tenha de se ver obrigado a processos de ensaios e erros reiteradas vezes antes de encontrar as pessoas adequadas para atingir os objetivos pensados.

A escolha pelos oito adolescentes do sexo biológico masculino e feminino, que compuseram a amostra final esteve embasada na representatividade dos informantes, considerando-se: a familiaridade e o envolvimento com o fenômeno do namoro/ficar (uma das adolescentes não tinha sequer passado pela experiência); a capacidade para expressar com detalhes o fenômeno da violência no namoro. Portanto, embora o material não tenha sido incluído no *corpus* de análise, foi considerado como parte da pesquisa uma vez que ajudou a contextualizar o campo. Triviños (2009) destaca que só após algumas experiências diretas o pesquisador pode indicar que um participante apresenta “condições para expressar coisas essenciais dos fenômenos” (TRIVIÑOS, 2009, p. 145).

O término da captação por novos adolescentes atendeu ao critério de saturação – reincidência e complementaridade das entrevistas. A constituição do *corpus* considerou a familiaridade com o fenômeno e o aprofundamento da temática, a partir dos quais os materiais desses oito adolescentes foram examinados e referenciados com base nos objetivos/elementos de análise do estudo (categorias analíticas). A partir dessas categorias, mediante triangulação de técnica e instrumentos de pesquisa, bem como de pesquisadores, foram identificadas as categorias empíricas, interpretadas conforme a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o contexto sócio-histórico e o individual.

Foram desenvolvidas “conversas informais”, alimentadas via contato regular com os funcionários da ONG, as quais visavam contextualizar e auxiliar na compreensão dos conteúdos abordados nas entrevistas, conversas essas registradas no diário de campo. As informações básicas sobre esses adolescentes e afetações na pesquisadora por meio do contato com eles foram inseridas no diário de campo.

As anotações do diário de campo e sobretudo as transcrições das entrevistas foram analisadas individual e coletivamente por meio de discussões entre os membros da pesquisa, tendo em vista a representatividade dos significados, a ampliação e aprofundamento das interpretações mediante o debate com as orientadoras, com vistas à troca de impressões e informações.

### 5.3 Instrumentos e técnica

Foram utilizados três instrumentos e uma técnica de pesquisa:

- 1) Questionário biossociodemográfico – teve o propósito de conhecer dados pessoais dos participantes: idade, sexo, escolaridade, religião, configuração familiar, com quem reside, tempo de namoro, nome e idade do(a) namorado(a), trabalho, situação geral da saúde física e mental (APÊNDICE C). O questionário foi baseado nos estudos de Moraes, N. (2009) e Moraes, C. (2008).
- 2) Diário de campo – apresentou a finalidade de registrar os processos proximais entre os participantes e a pesquisadora. Foi o relato fiel e cuidadosamente detalhado do que foi vivido. Descreveu aspectos concretos da pesquisa como dias em que a pesquisadora esteve na ONG, horários, pessoas presentes, percepção do ambiente físico da ONG. Conforme Moraes, C. (2008), foi destacado no diário de campo o que foi fato e o que foi comentário pessoal. O foco dos registros no diário de campo teve como base o objeto da pesquisa, que são as relações de namoro entre adolescentes. Relatos com outros atores como educadora(o) social, coordenadora pedagógica e porteiro, por meio da conversa informal, foram registrados no diário de campo, a fim de recolher mais informações sobre o microssistema ONG. O diário de campo, segundo Moraes, C., Borba e Koller (2016) é considerado uma ferramenta útil para descrever a Inserção Ecológica, uma vez que neste instrumento consta o registro com máximo de detalhes dos processos proximais entre participantes e pesquisadores ocorridos durante a pesquisa. As autoras destacam que alguns fenômenos que ocorrem aparentemente isolados podem ser registrados e, posteriormente, tal instrumento permite a observação de suas interconexões com os componentes analisados (PPCT), auxiliando, assim, na compreensão do fenômeno estudado.
- 3) Entrevista individual – semiestruturada (APÊNDICE D). com roteiro elaborado pela pesquisadora, composto por questões que atendessem aos objetivos elencados na pesquisa. Para Minayo (2014), essa tipologia de entrevista alterna entre perguntas abertas e fechadas, oferecendo ao entrevistador a oportunidade de não ficar preso às questões previamente formuladas. A autora aponta que a entrevista direciona “uma conversa com finalidade, servindo como facilitadora de abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação” (MINAYO, 2014, p. 99). As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para a análise.

4) Questionário “Conhecendo as Relações de Namoro” (APÊNDICE E) – elaborado pela pesquisadora baseado em artigos que compuseram a revisão sistemática de Andrade, Sampaio e Donard (2020) e da Escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). Esse instrumento foi pensado com o objetivo de oferecer espaço para reflexão de forma simples, sobre diversos comportamentos abusivos que, na maioria das vezes, são naturalizados e tomados como parte integrante dos relacionamentos amorosos entre adolescentes (ANDRADE; SAMPAIO; DONARD, 2020) e que, provavelmente, não seriam abordados na entrevista. A resposta é do tipo Sim ou Não; após a leitura de cada item listado, totalizando 24 comportamentos, a(o) participante foi convidado a expressar mais detalhadamente a resposta exemplificando situações que já tivessem ocorrido ou ainda ocorrem.

5) Busca Palavras (APÊNDICE F) – elaborado pela pesquisadora baseado nos apontamentos sobre relações saudáveis das instituições *Love is Respect* e *One Love Foundation*. A(o) adolescente foi convidado a selecionar, entre as 24 palavras elencadas, quais não poderiam faltar em um relacionamento saudável. Após essa etapa, a pesquisadora questionou os motivos porque os termos escolhidos eram importantes

O preenchimento dos instrumentos foi feito pela(o) adolescente e pesquisadora em conjunto, conforme Moraes, N., Koller e Raffaeli (2016), resultando no aprofundamento da temática ao possibilitar a explicação da resposta frente a determinada questão, como por exemplo, os itens do questionário Conhecendo as Relações de Namoro.

“A triangulação processa-se por meio do diálogo de diferentes métodos, técnicas, fontes e pesquisadores” (GOMES *et al.*, 2005, p. 199). Esta foi trabalhada com os seguintes materiais: entrevistas individuais transcritas, instrumentos como o Busca-Palavras e Conhecendo as relações de namoro e o diário de campo.

#### **5.4 Procedimentos para a coleta dos dados**

As pessoas que participaram escolheram o horário que melhor se adequava levando em consideração as atividades escolares on-line, bem como outros compromissos, uma vez que as atividades presenciais estavam suspensas na ONG.

Para ter acesso às instalações da ONG, um funcionário aferia a temperatura e assim, o acesso era liberado. A pesquisadora e a(o) adolescente sentaram-se a uma distância que foi possível manter o diálogo sem a necessidade de aumentar o tom de voz, mesmo com a utilização da máscara. O gravador ficou em uma pequena mesa posicionado ao lado das duas cadeiras. As adaptações impostas pela pandemia não foram regras que impediram a expressão de sentimentos que vieram à tona quando houve a verbalização de temas que suscitaram olhos marejados, risos soltos e espontâneos; observou-se que a comunicação com os olhos pode também ser a mais genuína e respeitosa conexão com a história do outro. Não houve aperto de mão ou até mesmo um abraço, mas teve olhos sorrindo expressando agradecimento.

### **5.5 Procedimentos éticos**

Para a realização desta pesquisa, foram obedecidas as orientações da Resolução 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Esta visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado. Como garantia de sigilo da identidade, as/os participantes receberam nomes de escritoras/es nascidos nos estados de Minas Gerais e Pernambuco.

O TCLE e o TALE asseguram aos participantes o direito de, a qualquer momento, desistir de ser voluntário na pesquisa sem sofrer nenhum prejuízo, além da garantia do sigilo e sua identidade. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. No momento da transcrição foram incluídas informações significativas como a entonação de voz quando verbalizavam determinados temas, momentos de silêncio entre as falas bem como a ênfase dada a certas palavras (GOMES *et al.*, 2005).

Outros documentos (Termo de concordância para a instituição – Apêndice G – e o Termo de compromisso e confidencialidade – Apêndice H) abarcam elementos de ordem ética que visam proteger a instituição e os pesquisadores.

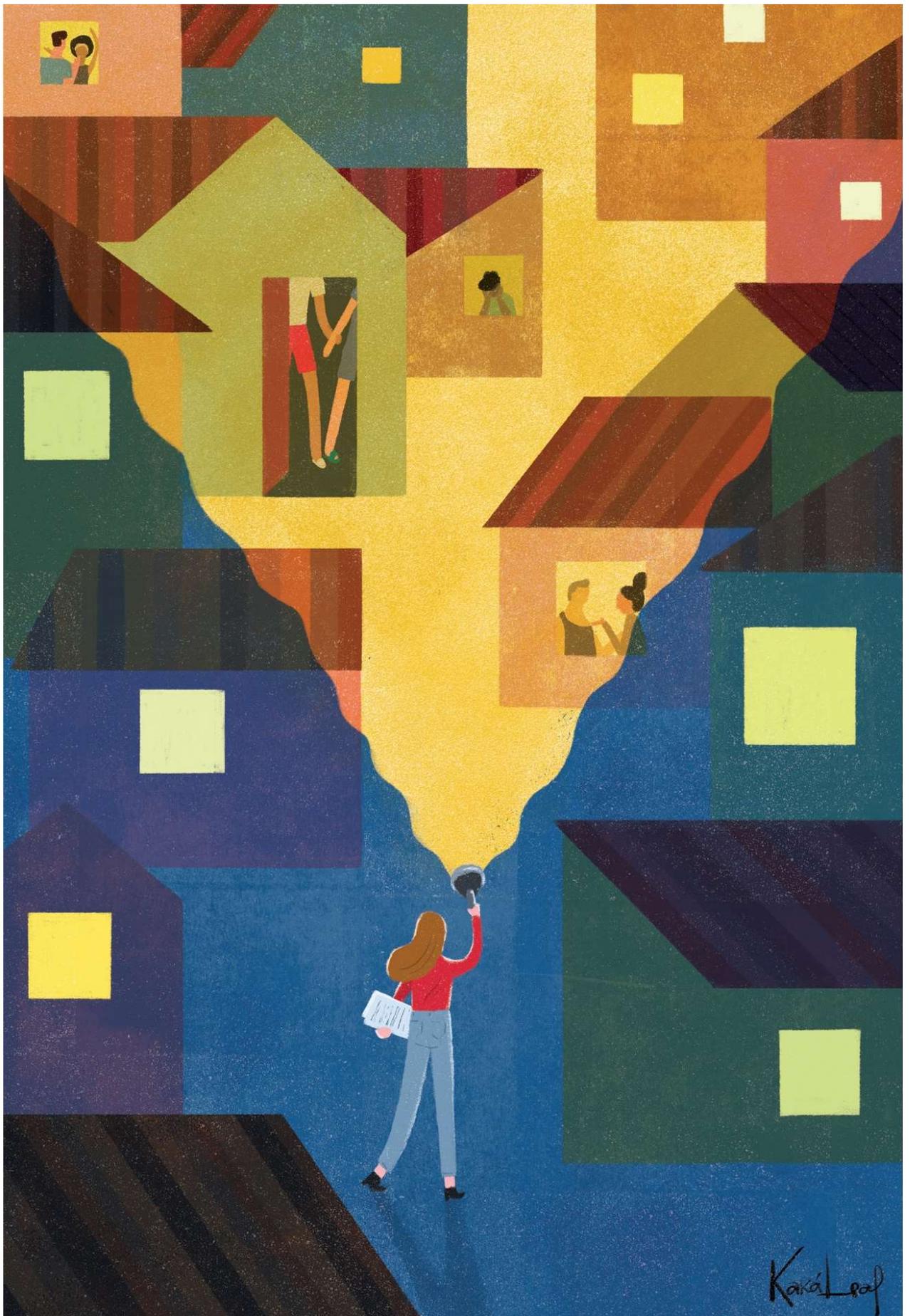
### **5.6 Procedimentos para a análise dos dados**

Na Inserção Ecológica, a análise dos dados deve privilegiar os quatro núcleos do modelo bioecológico (PPCT) (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2016). Para a análise dos dados coletados via entrevista e instrumentos, foi utilizada a Análise temática de

Conteúdo. Conforme Minayo (2014, p. 209), este procedimento equivale a “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”. Constitui-se das fases da pré-análise, organização do material, análise e interpretação dos dados coletados.

A pré-análise se concentrou “na escolha dos documentos a serem analisados; na retomada dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-as frente ao material coletado e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final” (MINAYO, 2014, p. 209). A segunda etapa foi a exploração do material, que “consiste essencialmente na operação de codificação, através da transformação dos dados brutos, visando a alcançar o núcleo de compreensão do texto” (MINAYO, 2014, p. 210). “A partir daí o pesquisador realiza as interpretações previstas no seu quadro teórico” (MINAYO, 2014, p. 210). Dessa forma, serão abordados os temas recorrentes na fala dos participantes e articulados, tomando-se como base a literatura pesquisada.

O próximo capítulo apresenta a caracterização biossociodemográfica das pessoas que participaram da pesquisa.



## 6. Resultados

Amuralhar o próprio sofrimento é se arriscar a ser  
devorada por dentro.

**Frida Kahlo**

## 6.1 Caracterização biossociodemográfica das(os) participantes

Dentre as(os) adolescentes que participam da pesquisa, quatro são do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idades entre 16 e 19 anos. Com base em estudos internacionais (VALDIVIA-PERALTA *et al.*, 2019; TEMPLE *et al.*, 2021) e nacionais (BORGES; HEINE; DELL'AGLIO, 2020; CARVALHAES; CÁRDENAS, 2021), verifica-se a participação de moças e rapazes nas investigações sobre o fenômeno da violência no namoro entre adolescentes.

Os adolescentes pesquisados residem num bairro com mais de 10 mil habitantes, localizado na cidade do Recife/PE, onde a ONG também está inserida. Segundo informações de um dos educadores sociais que trabalha na instituição há seis anos, o local é marcado por intensas atividades ligadas ao tráfico de drogas e, por isso, ocorre troca de tiro com certa frequência entre polícia e traficantes. O envolvimento no tráfico de alguns rapazes está ligado ao recebimento de, em média, R\$ 300,00 por dia de trabalho gastos com a compra de roupas, tênis, celular e corte de cabelo.

A maioria dos adolescentes é criada pela figura materna, ou seja, família monoparental (5) – três delas pela mãe biológica, uma pela avó e uma pelo pai adotivo –, além de estarem inseridos em famílias recasadas (2) e família nuclear (1). Compartilham de situações de desemprego, pobreza, condições de moradia precária, mortes precoces de pessoas próximas e figuras familiares significativas com dependência alcóolica e abuso de drogas (como cocaína), embora nenhum deles tenha relatado abuso de álcool ou outras drogas. No geral, as verbalizações apontam para uma satisfação quanto a ser um(a) beneficiário(a) da ONG e este ser um espaço que promove bem-estar, segurança e relações satisfatórias entre os adolescentes e os(as) educadoras(es) sociais, a coordenadora e a gestão da instituição. Este fato pôde ser verificado no longo tempo em que a maioria participa da instituição: As(os) participantes entre seis anos e 14 anos e as(os) funcionários com, no mínimo, seis anos de trabalho.

Notou-se que são pessoas dedicadas ao trabalho demonstrando engajamento com as atividades e o cuidado, muitas vezes, individualizado com as(os) adolescentes. Cinco dos oito participantes estavam em aulas remotas por conta da pandemia, cinco deles (duas moças e três rapazes) cursando o ensino médio, uma adolescente decidiu não continuar as atividades escolares de forma não presencial e

dois deles (uma moça e um rapaz) já haviam concluído o ensino médio. Boa parte deles(as) teve acesso ao ensino médio na modalidade integral, chamada no estado de Pernambuco de EREM (Escola de Referência do Ensino Médio).

Todas(os) adolescentes haviam sido direta ou indiretamente expostos à violência intrafamiliar, escolar ou no bairro. Parte desses são de religião evangélica e estava namorando ou já “ficou” por mais de três meses. Mesmo diante de contextos adversos, há por parte delas e deles um otimismo em relação ao futuro nomeadamente com casar-se, ter filhos e trabalho, além da capacidade de enfrentamento das circunstâncias que a vida lhes impôs. Como Moraes, N. (2005, p. 114) ressalta: “o convívio com os adolescentes permite, mesmo em pouco tempo (para quem assim se dispõe), enxergar as suas potencialidades e vê-los a partir do que possuem e não simplesmente do que lhes falta”

O quadro 1 apresenta informações como: configuração familiar, situação de moradia, emprego/desemprego, religião e trabalho da(o) participante. Logo em seguida realizou-se uma breve descrição de cada participante com informações sobre o tempo que participa da ONG, relações parentais, namoro e planos futuros.

Quadro 1 – Caracterização biossociodemografica das(os) participantes da pesquisa

Participante	Escolaridade	Configuração familiar	Situação da moradia	Quem trabalha em casa	Religião	Trabalho
<b>Adélia Prado</b> 18 anos Feminino	3º E.M.	Mãe (45 anos) Irmã (22 anos)	Residência própria 6 cômodos	2 - Adélia e mãe (cuidadora de idoso)	Evangélica	Menor Aprendiz
<b>Carolina de Jesus</b> 17 anos Feminino	1º E.M. – EREM*	Mãe (39 anos) Irmã (14 anos)	Residência alugada 5 cômodos	1 - Mãe (empregada doméstica)	-	Não trabalha
<b>Conceição Evaristo</b> 18 anos Feminino	2º E.M.	Mãe (53 anos) Tio (46 anos) Irmão (30 anos) Irmão (20 anos)	Residência própria 3 cômodos	2 - Conceição e irmão do meio	Evangélica	Menor Aprendiz
<b>Fernando Sabino</b> 17 anos Masculino	2º E.M. – EREM	Pai adotivo (33 anos) Avô adotivo (65 anos) Primo (14 anos) Primo (16 anos)	Residência alugada 6 cômodos	2 - (pai e avô aposentado)	Evangélica – não frequenta regularmente	Não trabalha
<b>Guimarães Rosa</b> 19 anos Masculino	Ensino Médio Completo – EJA	Mãe (59 anos) Padrasto (61anos) Irmão (35 anos) Irmão (25 anos) Irmão (21 anos) Irmã (17 anos) Irmã (16 anos) Sobrinho (3 anos)	Residência alugada 7 cômodos	2 - Mãe (empregada doméstica) e irmão (área de refrigeração)	Evangélica	Não trabalha

<b>João Cabral</b> 18 anos Masculino	2º E.M. – EREM	Mãe (34 anos) Padrasto (42 anos) Irmã (3 anos)	Residência própria 2 cômodos	1 (mãe – autônoma)	-	Menor Aprendiz
<b>Lenine</b> 16 anos Masculino	2º E.M. – EREM	Mãe (50 anos) Pai (56 anos) Irmã (32 anos) Sobrinha (7 anos) Sobrinho (6 anos) Sobrinha (2 anos)	Residência própria 8 cômodos	3 - Mãe (cobradora de ônibus); irmã, e pai (trabalhos informais)	Evangélica	Não trabalha
<b>Lia de Itamaracá</b> 18 anos Feminino	Ensino Médio Completo – EREM	Avó (70 anos) Irmão (21 anos) Irmão (13 anos)	Residência própria 7 cômodos	1- Irmão recebe benefício	Evangélica	Trabalho informal (cuidador a de idosa)

EREM\*: Escola de Referência do Ensino Médio com turno integral  
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

**Adélia Prado, 18 anos** – Frequenta a ONG há 14 anos e quando é possível exerce atividades voluntárias com crianças atendidas no projeto. Namora Luis, 28 anos (tem um filho de quatro anos e trabalha numa loja de marcenaria), há dois meses e no passado recente namorou Moisés, 19 anos, por dois anos. Os pais tiveram união estável permeada por conflitos e infidelidade conjugal por parte do pai. Eles se separaram quando a mãe estava grávida de Adélia. Ela não mantém contato com pai desde a infância. A maior parte do sustento das duas filhas foi responsabilidade da mãe e, atualmente, o pai que está desempregado e arca com um auxílio de R\$ 75,00 para cada filha. Ao nascer, Adélia teve crises convulsivas que deixaram de se apresentar ao longo da infância. Aos 10 anos a medicação foi suspensa e, desde então, não é mais necessário o uso de anticonvulsivantes. Aos sete anos foi submetida a uma cirurgia para retirada de um nódulo benigno no pescoço. Por conta da demora nos atendimentos do SUS, os pais dividiram os custos de um plano de saúde. Atualmente, Adélia arca com o plano de saúde com o dinheiro que recebe como menor aprendiz. Planeja fazer faculdade de medicina ou enfermagem.

**Carolina de Jesus, 17 anos** – Frequenta a ONG há 10 anos. Além dela, a irmã mais nova e três primos participam das ações da instituição. Namorou Antônio, 21 anos, por 17 dias e “ficou” com Jonas, 19 anos, por dois anos. Escolheu não frequentar as aulas remotas, situação imposta pela pandemia da COVID-19, pensando posteriormente, em fazer supletivo. Os pais de Carolina de Jesus tiveram um rápido envolvimento e sua mãe escolheu não revelar ao seu pai sobre a gravidez, porque já estava morando com o pai da sua outra irmã quando descobriu. A participante nunca teve aproximação com o pai biológico e a responsabilidade com a sua criação ficou a cargo de sua mãe. Quando precisa de algum atendimento médico busca o posto de saúde do bairro. Gosta muito de fazer o cabelo, unha e maquiagem.

**Conceição Evaristo, 18 anos** – Frequenta a ONG há 12 anos. Participa de várias atividades propostas pela instituição. Além dela, duas primas também estão na instituição. Em 2019 se voluntariou para algumas ações no contraturno da escola. Namorou Lucas, 18 anos, por dois anos e João, 16 anos, por três meses. Começou a fazer acompanhamento médico por conta da irregularidade do ciclo menstrual no posto de saúde do bairro. Alfredo, pai de Conceição, teve uma relação extraconjugal com sua mãe e desse envolvimento nasceram, o irmão do meio, Carlos e a participante. O irmão mais velho é fruto de outro relacionamento. Ela diz ser a menina que a mãe tanto esperou. Alfredo faleceu há mais de 10 anos. Quando estava vivo

tinha uma relação próxima com os dois filhos e sustentava financeiramente a família. Deseja passar em três concursos públicos e fazer trabalho voluntário na África.

**Fernando Sabino, 17 anos** – Frequenta a ONG há 11 anos. Além dele, três irmãos participam das atividades. Namorou Cecília, 16 anos, por quatro meses e teve outras “ficadas”. Fernando tem sete irmãos de três relacionamentos que residem com a mãe, Júlia. Fernando “adotou” Jorge como pai desde os 12 anos. Atualmente, eles aguardam os trâmites do processo de guarda. *“Quando eu vi ele já era meu pai e eu já era filho dele”*. Júlia e Jorge são amigos há muito tempo e Jorge sempre teve uma relação de proximidade com o participante. Fernando mantém bom relacionamento com os pais biológicos que se separaram quando ele era pequeno, mas houve relatos que a relação tinha muitos conflitos. O único acompanhamento médico anual que faz é o oferecido pela ONG e quando tem alguma emergência vai ao posto de saúde do bairro. Pretende fazer os cursos voltados ao mercado de trabalho que são oferecidos pela instituição.

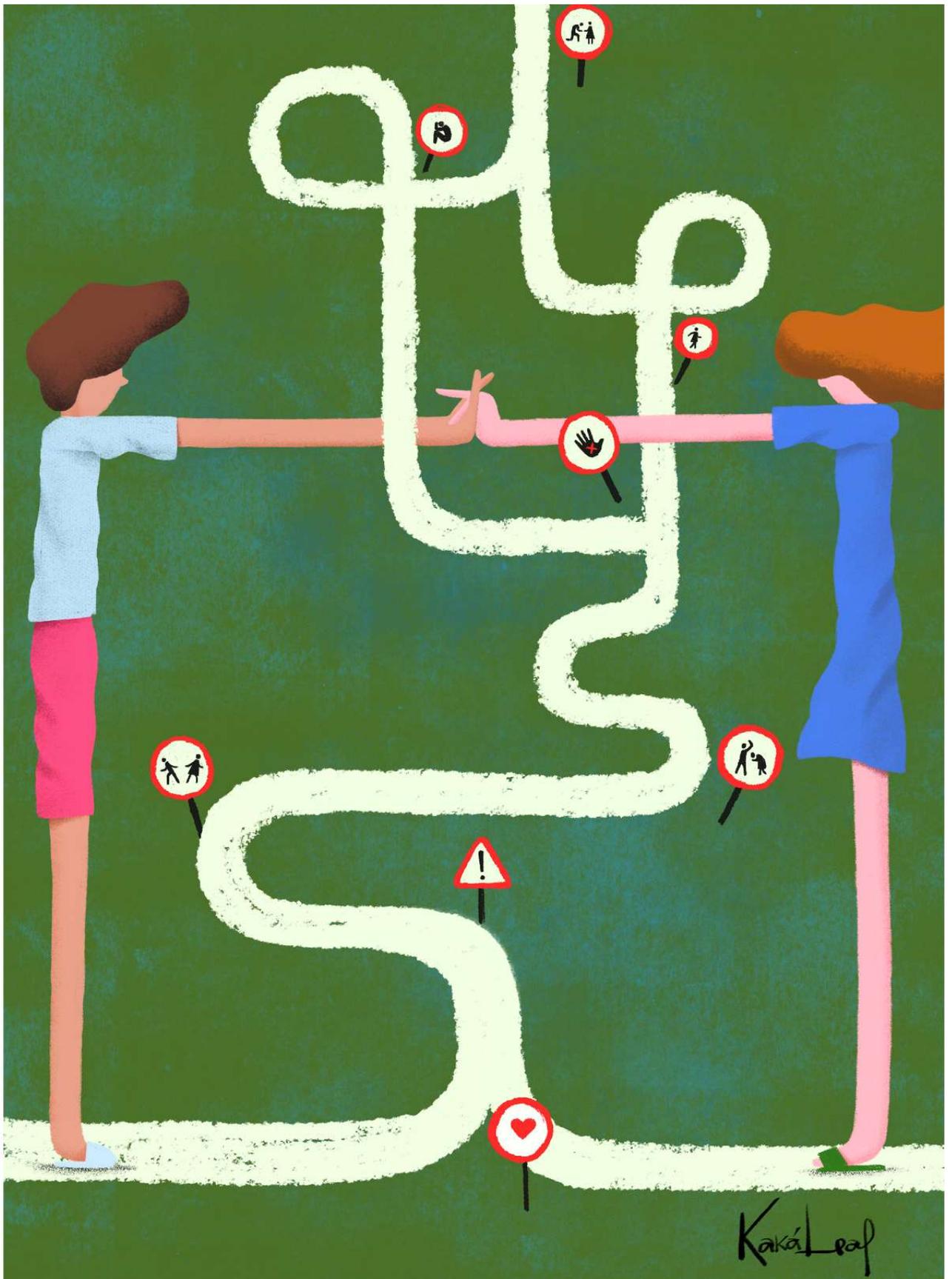
**Guimarães Rosa, 19 anos** – Frequenta a ONG há seis anos e é voluntário nas oficinas de esportes. Realizou os cursos voltados ao mercado de trabalho. Além dele, uma irmã também participa das atividades da instituição. Namorou Grazi, 18 anos, por dois anos. A relação conjugal dos pais foi atravessada pelas violências física e psicológica, principalmente quando a mãe faz uso em excesso de bebidas alcoólicas. Além disso, a mãe de Guimarães Rosa até o momento em que a entrevista foi realizada, perpetrava violência psicológica contra os filhos quando bebia. Ele tem 19 irmãos (um deles já falecido) de três relacionamentos da mãe. Ressalta o acolhimento que recebeu na igreja em que frequenta: *“acho que o tratamento que a gente não teve em casa e em outros lugares, a gente se apega. E em casa não tive muito carinho, na igreja eu tive carinho e amor.”*

**João Cabral, 18 anos** – Frequenta a ONG há 14 anos, ressalta que as atividades esportivas são as suas favoritas. Frequentou quando mais novo, as oficinas de leitura e reforço escolar, e na adolescência cursos voltados para o mercado de trabalho: *“eu gosto de tudo aqui, as pessoas, os professores são tudo legais”*. Namorou Valentina, 17 anos, por um ano e sete meses e namora Francis, 15 anos, há quatro meses, além de outras “ficadas”. Os pais estão separados desde que ele tinha três anos e diz não conhecer o pai. Não tem contato com nenhuma pessoa da família paterna. Na infância, até o momento, a mãe foi responsável pela criação dele.

Na adolescência, começou a fazer bicos como ajudante de pedreiro e carga e descarga de mercadorias. Quer casar-se, ter uma “*casinha*” e filhos.

**Lenine, 16 anos** – Frequenta a ONG há dez anos, gosta das atividades voltadas ao esporte como futebol, vôlei e handball. Além dele, uma sobrinha de sete anos frequenta a instituição. Namorou Yolanda, 14 anos, por dois anos e teve outras “ficadas”. Os pais têm união estável há mais de dez anos. Já houve um episódio de violência psicológica por meio de xingamentos do pai contra a mãe, após o uso em excesso de bebida alcóolica por esta. Quando necessita de atendimento médico, utiliza a rede privada de saúde (benefício oferecido pela empresa em que a mãe trabalha). Atualmente tem ido ao dermatologista para cuidar das espinhas que começaram a aparecer. Nasceu com sopro cardíaco que não necessitou de intervenção cirúrgica. Às vezes faz uns bicos para conseguir dinheiro.

**Lia de Itamaracá, 18 anos** – Frequenta a ONG há 13 anos. Se considera bastante participativa nas atividades oferecidas, e já concluiu os cursos voltados ao mercado de trabalho. Além dela, o irmão caçula também participa das oficinas de esportes, gincanas. O irmão mais velho, já participou da instituição. “Fica” há mais de dois anos com Roberto, 21 anos, “*então acho que já é considerado namoro, né?*”. Roberto faz bicos, pois perdeu o emprego no início da pandemia. A mãe de Lia, Otávia, faleceu há seis anos, aos 33 anos. Foi viciada em álcool desde o início da adolescência. Sobre o seu pai, relata não saber quem é. Os três irmãos foram criados pelos avós desde o nascimento, pois Otávia ficava por meses sem ir para casa. O avô faleceu há mais de oito anos. Faz acompanhamento psiquiátrico e psicológico em um hospital público há mais de dois anos, pois foi vítima de violência sexual cometida pelo pai do irmão caçula por anos seguidos. Além disso, faz consultas regulares com ginecologista do posto de saúde por conta de fortes cólicas menstruais. Quer noivar, casar, morar junto, ter filhos, e por fim, fazer faculdade de psicologia.



7. Discussão /  
7.1 Estudo 1

### **Cuide Bem do seu Amor**

*A vida sem freio  
Me leva, me arrasta, me cega  
No momento em que eu queria ver.  
O segundo que antecede o beijo  
A palavra que destrói o amor  
Quando tudo ainda estava inteiro  
No instante que desmoronou.*

*Palavras duras em voz de veludo  
E tudo muda, adeus velho mundo  
Há um segundo, tudo estava em paz!*

*Cuide bem do Seu Amor  
Seja quem for.*

*E cada segundo, cada momento cada instante  
É quase eterno, passa devagar.  
Se o seu Mundo for o mundo inteiro,  
Sua vida, seu amor, seu lar.  
Cuide de tudo que for verdadeiro,  
Deixe tudo que não for passar.*

**Hebert Vianna**

## Atravessamentos da violência no namoro entre adolescentes: uma leitura bioecológica

### Resumo

A violência nas relações amorosas entre adolescentes vem recebendo atenção crescente no cenário acadêmico brasileiro. Pesquisa desenvolvida na primeira década dos anos 2000, em dez capitais brasileiras, revelou que a maioria das moças e rapazes perpetra e sofre simultaneamente vários tipos de violência no relacionamento. Desde então, observa-se escassez de exploração nesse campo, sobretudo com adolescentes em situação de vulnerabilidade econômica e social. Este estudo objetivou compreender as relações de namoro entre adolescentes, identificando atravessamentos das experiências da violência no seu desenvolvimento, buscando situar o fenômeno mediante entendimento contextualizado e multifatorial. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou como método de investigação a Inserção Ecológica, realizada numa ONG na cidade do Recife/PE. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, concretizadas em dois encontros com cada adolescente. As conversas informais com trabalhadores da ONG foram registradas no diário de campo. A amostra final foi composta por oito adolescentes de ambos os sexos, entre 16 e 19 anos. Os dados foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo temática, sob o enfoque da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Os resultados indicam que as expressões de violência psicológica, digital e física são as que mais atravessam as relações amorosas dos adolescentes; alguns reconhecem que já se envolveram em relacionamentos marcados pelo controle de suas atividades cotidianas e on-line, mas demonstram certa dificuldade na construção de contornos mais saudáveis nas relações.

**Palavras-chave:** Adolescência. Violência no namoro. Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

### Introdução

O namoro é uma relação amorosa acordada entre o casal que, em muitas culturas é vista como uma etapa de experimentação para o amor. A intensidade das expressões físico-afetivas como beijos, toques nas mãos, abraços e toques pelo corpo e para os jogos de sedução oportunizam aos adolescentes viverem novas situações que nesta fase do ciclo vital ocupam espaço privilegiado. Entretanto, alguns casais experimentam episódios de violência nas relações amorosas iniciais (CDC, 2020; SALDÍVAR-HERNÁNDEZ, 2019).

Dados da pesquisa *Youth Risk Behavior Survey and the National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* indicam que um em cada onze adolescentes do sexo feminino e cerca de um em cada 14 estudantes do sexo masculino, estudantes

do ensino médio relatam ter experimentado violência física no namoro no ano anterior a da realização do estudo (Basile *et al.*, 2020). A violência nas relações amorosas – namoro e “ficar” – entre adolescentes vem recebendo uma atenção crescente no cenário acadêmico brasileiro. Tal visibilidade iniciou-se com a pesquisa desenvolvida entre os anos 2007 e 2009 com 3.600 adolescentes entre 15 e 19 anos, em dez capitais brasileiras, revelando dados alarmantes sobre o fenômeno: a maioria das moças e dos rapazes (76,6%), simultaneamente perpetra e sofre vários tipos de violência no relacionamento. Na violência verbal, esse número sobe para 96,9% (OLIVEIRA, Q *et al.*, 2011).

A violência no namoro pode ser compreendida como padrão de comportamento abusivo utilizado para exercer poder e controle sobre a parceria (termo neutro usado neste estudo em substituição das palavras parceira ou parceiro no âmbito da relação amorosa). Dito de outro modo, os comportamentos violentos exercidos de diferentes maneiras, possibilitam o ganho e a manutenção de poder e controle de uma pessoa sobre outra. Qualquer adolescente pode se envolver em uma relação séria ou casual violenta, independente da sua identidade de gênero, orientação sexual, posição socioeconômica, raça, religião ou cultura (LOVE IS RESPECT, 2019).

A perspectiva teórica adotada neste artigo é a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH). O aporte teórico se mostra oportuno para a compreensão ampliada à violência no namoro, pois promove o entendimento contextualizado e multifatorial, ausentando-se de determinismos e concepções lineares. A TBDH defende que o desenvolvimento humano é compreendido a partir da interdependência e interações recíprocas ao longo de gerações entre a pessoa e seu ambiente. Urie Bronfenbrenner (2011) desenvolveu um novo olhar o qual propõe que os processos psicológicos humanos não são apenas propriedades da pessoa, mas sim, um conjunto de sistemas interdependentes em que o sujeito está inserido (NARVAZ; KOLLER, 2011). A TBDH passou por diversas modificações ao longo de 40 anos até alcançar a sua forma mais madura com os quatro componentes do modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT) que são indissociáveis e interdependentes (BRONFENBRENNER, 2011; ROSA; TUDGE, 2013).

Os Processos Proximais são as interações que acontecem entre a pessoa e o contexto do mais imediato ao mais distante, de forma recíproca, duradoura e bidirecional. Conforme suas características, podem gerar resultados positivos, designados como efeitos de competência, representados pela aquisição de

conhecimentos e habilidades sociais; ou negativos, denominados como efeitos de disfunções, identificadas por dificuldades na manutenção e integração do comportamento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006; ROSA; TUDGE, 2017).

A Pessoa relaciona-se com as características biológicas, psicológicas e sociais (biopsicossociais), ou seja, características individuais que influenciam o engajamento nos processos proximais. Há três atributos da pessoa que interferem no curso do desenvolvimento. O primeiro diz respeito às disposições/forças que podem ser consideradas geradoras: aquelas que influenciam o desenvolvimento dos processos proximais; ou desorganizadoras que dificultam a manutenção dos processos proximais. O segundo atributo, os recursos são características biopsicológicas da pessoa que influenciam a sua capacidade para envolver-se de modo efetivo nos processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011). Podem ser ativos (aumentam as possibilidades construtivas ao longo do curso da vida) ou passivos (condições que limitam a integridade funcional do organismo) (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006; BRONFENBRENNER, 2011; ROSA; TUDGE, 2017). A demanda é o terceiro atributo da pessoa e apresenta potencial de convidar ou desencorajar reações de pessoas no contexto social e podem fomentar ou interromper os processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011; LORDELLO; COSTA, 2015).

O Contexto, o terceiro componente do modelo bioecológico, refere-se às interconexões entre e dentro dos quatro sistemas do ambiente ecológico: microsistema (ambiente mais imediato em que a pessoa em desenvolvimento está inserida num complexo de inter-relações); mesossistema (relação entre microsistemas); exossistema (ambiente em que a pessoa não está presente, mas que ocorrem eventos fatos que influenciam o seu desenvolvimento) e macrosistema (refere-se à subcultura ou cultura, organização social e sistemas de crença de uma determinada sociedade) (BRONFENBRENNER, 2011; NUNES; MORAIS, 2018). O Tempo ou Cronossistema, quarto e último componente do modelo, trata-se da influência do momento histórico em que os outros sistemas estão situados, além de comportar as mudanças do próprio indivíduo em sua história de vida. Na teoria este é dividido em: a) microtempo – continuidade e descontinuidade de episódios frequentes dos processos proximais; b) mesotempo – periodicidade desses episódios por amplos intervalos como dias e semanas; c) macrotempo – mudanças em eventos na sociedade dentro e por meio das gerações (BRONFENBRENNER, 2011).

Essa pesquisa apresenta como objetivo compreender as relações de namoro entre adolescentes, identificando atravessamentos das experiências da violência no seu desenvolvimento.

### **Método**

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida por meio da inserção ecológica, que envolve a sistematização dos quatro aspectos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH): processo, pessoa, contexto e tempo (PPCT). O método foi proposto, primeiramente, por Cecconcello e Koller (2003), e revisado por Prati *et al.* (2008) e visa à inserção do pesquisador no ambiente em que a pesquisa se realizará, neste caso uma ONG (Organização Não Governamental), um microssistema de desenvolvimento de adolescentes.

Segundo Prati *et al.* (2008), a inserção ecológica apresentada, inicialmente por Cecconcello e Koller (2003) evidencia uma ampliação do conceito de processos proximais ao inferir que, além do desenvolvimento das pessoas daquele microssistema específico, (os) pesquisadoras(es) inseridos diretamente no contexto passam a ter o seu próprio desenvolvimento alterado, uma vez que a presença séria, ética e comprometida produz a troca de informações e energia estabelecendo processos proximais.

A inserção ecológica foi concretizada em um dos microssistemas das/dos adolescentes (ambiente natural), que promoveu relações sociais e o cumprimento dos cinco aspectos imprescindíveis para que seja realizada: i) engajamento de participantes e pesquisadora em uma atividade; ii) regularidade da presença significativa por período de tempo estendido, não ocorrendo de maneira efetiva em atividades meramente regulares; iii) atividades realizadas devem ser sucessivamente mais complexas; iv) reciprocidade nas relações, as entrevistas ocorreram como uma conversa com orientação horizontalizada e a pesquisadora mostrou-se sempre à disposição para prestar qualquer informação aos participantes, bem como o interesse genuíno e curiosidade pela história de vida das(os) adolescentes e v) o tema abordado na pesquisa deve ser interessante e estimular nos pesquisadores e participantes em desenvolvimento, a atenção, exploração e imaginação, verificados na prontidão e entusiasmo das(os) participantes ao narrar suas relações amorosas, familiares, escolares e comunitárias, por meio da entrevista e instrumentos. Além da mobilização

positiva das(os) participantes e trabalhadores frente a temática que segundo eles, é nova, atual e necessária, sobretudo para instituições que trabalham com a população nesta faixa etária.

### **Contexto: Microssistema de desenvolvimento da pesquisa**

A instituição onde a inserção ecológica aconteceu é uma organização da sociedade civil de direito privado, do segmento da assistência social, criada no ano de 2006. Localiza-se na cidade do Recife, estado de Pernambuco. Atende crianças e adolescentes de zero a 18 anos e foi denominada de ONG neste estudo para a garantia do sigilo. As(os) beneficiárias(os) adolescentes frequentam a instituição no turno oposto do horário escolar, além de receberem duas refeições diárias para a garantia da segurança alimentar.

Dentre as atividades oferecidas, elenca-se a formação socioprofissional, por meio de cursos livres e técnicos, voltados para iniciação profissional de adolescentes a partir dos 16 anos e jovens em sua primeira experiência de emprego, por meio de parceira com duas grandes empresas. As suas famílias também são assistidas, em diversos outros projetos e atividades. No momento de realização da pesquisa, outubro de 2020, as atividades com as crianças e adolescentes estavam suspensas devido à pandemia da Covid-19. Entretanto, o contato via *WhatsApp* entre as(os) beneficiárias(os), suas famílias e educador(a) social foi mantido. As atividades administrativas estavam operando em regime de escala para evitar a aglomeração de pessoas. A aferição de temperatura, o uso da máscara e álcool em gel eram obrigatórios para acessar a ONG.

O espaço que a instituição ocupa possui berçário, salas de aula, espaço de convivência, quadra de esportes e um refeitório para atender as/os funcionárias/os e as/os beneficiárias/os (crianças e adolescentes). Ressalta-se que a ONG nunca desenvolveu trabalhos relacionados com a temática da violência do namoro entre adolescentes.

### **Participantes**

Oito adolescentes de ambos os sexos, entre 16 e 19 anos participaram da pesquisa, pois preenchiam o critério de inclusão – estar namorando ou ter namorado

anteriormente e exclusão – não residir com a(o) namorado ou ter vivido em união estável anteriormente. Não houve perdas, exclusões ou desistências. Também foram desenvolvidas “conversas informais”, alimentadas via contato regular com os integrantes da ONG como educadora(r) social, coordenadora do projeto, cozinheira, gestor e porteiro, as quais visavam contextualizar e auxiliar na compreensão dos conteúdos abordados nas entrevistas, conversas essas registradas no diário de campo.

O término da captação por novos adolescentes atendeu ao critério de saturação – reincidência e complementaridade das entrevistas (TURATO, 2008), de modo que o material construído colaborou para a compreensão geral do fenômeno e dos quatro construtos – PPCT – da TBDH (BRONFENBRENNER, 2011). A partir do material construído em campo, mediante triangulação de técnica e instrumentos de pesquisa, bem como de pesquisadores, foram identificadas as categorias empíricas, interpretadas conforme a TBDH. As anotações do diário de campo e sobretudo as transcrições das entrevistas, foram analisadas individual e coletivamente por meio de discussões entre os membros da pesquisa, tendo em vista a representatividade dos significados, a ampliação e aprofundamento das interpretações mediante o debate entre as pesquisadoras, com vistas à troca de impressões e informações.

### **Procedimentos**

A inserção ecológica foi realizada durante o mês de outubro de 2020, totalizando 16 visitas distribuídas de segunda a quinta-feira das 9h às 16h. O redimensionamento do campo foi necessário por conta da Covid-19.

Por conta do cenário pandêmico, o contato inicial para a marcação da primeira rodada da entrevista foi realizado pela(o) educadora(or) social que, por sua vez forneceu para as(os) interessadas(os) dados iniciais do estudo como: tema, os objetivos da pesquisa e a realização em duas etapas. O segundo encontro foi agendado diretamente pela pesquisadora. Três adolescentes foram entrevistados por dia e cada encontro durava aproximadamente 1h30 cada.

### **Instrumentos e Técnica**

Foram utilizados três instrumentos e uma técnica de pesquisa:

- Questionário biossociodemográfico;
- Diário de campo – apresentou a finalidade de registrar os processos proximais entre os participantes e a pesquisadora. Além dos relatos resultados de conversas informais com funcionários da instituição.
- Entrevista individual semiestruturada – objetivou aprofundar a temática da violência do namoro entre as(os) adolescentes. Estas foram gravadas e transcritas na íntegra para a análise.
- Questionário “Conhecendo as Relações de Namoro” – teve como objetivo oferecer espaço para reflexão de forma simples, sobre diversos comportamentos abusivos que, na maioria das vezes, são naturalizados e tomados como parte integrante dos relacionamentos amorosos entre adolescentes. Foi elaborado baseado em artigos que compuseram a revisão sistemática de Andrade, Sampaio e Donard (2020) e da Escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) (MINAYO *et al.* 2011). A resposta é do tipo Sim ou Não; após a leitura de cada item listado, totalizando 24 comportamentos, a(o) participante foi convidado a expressar mais detalhadamente a resposta exemplificando situações que já tivessem ocorrido ou ainda ocorrem.
- Busca Palavras – objetivou-se conhecer o que as(os) adolescentes compreendem sobre as relações de namoro saudáveis. A(o) adolescente foi convidado a selecionar, entre as 24 palavras elencadas, quais não poderiam faltar em um relacionamento saudável. Foi elaborado baseado nos apontamentos sobre relações saudáveis das instituições *Love is Respect* (2019) e *One Love Foundation* (2020).

O encontro foi iniciado com uma conversa informal sobre temas como isolamento social, lazer, Covid-19, atividades cotidianas e, posteriormente, o preenchimento do questionário biossociodemográfico com questões de natureza menos ansiogênicas. Geralmente, a aplicação do instrumento do Busca-palavras ocorria após a questão cinco do segundo bloco do roteiro. E, por sua vez, o Conhecendo a Relações de Namoro, foi aplicado após a questão 1 do terceiro bloco. Após a aplicação destes, eram retomadas as questões da entrevista.

## **Análise de dados**

Na Inserção Ecológica, a análise dos dados deve privilegiar os quatro núcleos do modelo bioecológico (PPCT) (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2016). Para a análise dos dados coletados via entrevista, diário de campo e instrumentos, foi utilizada a Análise temática de Conteúdo. Conforme Minayo (2014, p. 209), este procedimento equivale a “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”. Constitui-se das fases da pré-análise, organização do material, análise e interpretação dos dados coletados. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. No momento da transcrição foram incluídas informações significativas como a entonação de voz quando verbalizavam determinados temas, momentos de silêncio entre as falas bem como a ênfase dada a certas palavras (GOMES *et al.*, 2005).

## **Procedimentos éticos**

Para a realização desta pesquisa, foram obedecidas as orientações da Resolução 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, CAAE: 24624619.7.0000.5206. Esta visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado. Como garantia de sigilo da identidade, as/os participantes receberam nomes de escritoras/es e personalidades nascidas(os) nos estados de Minas Gerais e Pernambuco.

Importante salientar que o TCLE (para pais/ responsáveis e adolescentes com mais de 18 anos) e o TALE (adolescentes com menos de 18 anos) foram cuidadosamente escritos e pensados para assegurar aos participantes o direito de, a qualquer momento, desistir de ser voluntário na pesquisa sem sofrer nenhum prejuízo, além da garantia do sigilo e sua identidade, bem como objetivos e temática da pesquisa.

## **Resultados e discussão**

A seguir serão apresentadas e discutidas cinco categorias: O que é namoro? Concepção de violência no namoro; Sinais de alerta para episódios de violência no namoro; Entendimentos sobre namoro saudável; Aprendizagens e influências positivas das relações amorosas.

### O que é namoro?

A literatura refere que o namoro subtende relações socioculturais construídas que se ligam às regras estabelecidas como fidelidade, monogamia e, principalmente, encontros constantes entre a parceria. Abordar o namoro implica conhecer os sentidos que os adolescentes atribuem às suas relações amorosas no contexto social que pertencem (SÁNCHEZ *et al.*, 2011).

De maneira geral, as(os) adolescentes desta pesquisa tiveram suas relações amorosas iniciais na escola – “a gente se conheceu na escola mesmo” – Lenine, 16 anos; com pessoas da mesma rua onde residem – *a gente trocava mensagem pelo WhatsApp, mas ela mora aqui mesmo no beco* – João Cabral, 18 anos; nas redes sociais – “a gente se conheceu pelo Facebook” – Carolina de Jesus, 17 anos; na ONG – “a gente se conheceu aqui na ONG” – Guimarães Rosa, 19 anos; ou ainda, eram amigas(os) de pessoas conhecidas – “eu tava na festa de um conhecido, daí minha amiga apresentou a gente” – Adélia Prado, 18 anos. Como relataram que conheceram os(as) namorados(as) ou “ficantes” no próprio bairro ou na escola, tal proximidade geográfica favoreceu a continuidade da relação durante a pandemia da Covid-19 de forma presencial, frequentando a casa um do outro. Neste cenário, verifica-se que não houve aumento da utilização dos aplicativos de mensagem instantânea como *WhatsApp* para manter o contato com a parceria por conta do isolamento social no ano de 2020.

O Quadro 2 apresenta breve contextualização dos participantes desta pesquisa.

Quadro 2 - Caracterização sociodemográfica e relações amorosas

--	--	--	--	--

Nome/idade	Escolaridade	Configuração Familiar	Quem trabalha	Relação amorosa/ tempo de relacionamento
<b>Adélia Prado</b> 18 anos	3º E.M.	Mãe e irmã	Adélia (menor aprendiz) e mãe (cuidadora de idoso)	Luís, 28 anos/ três meses (atual) Moisés*, 19 anos/ Dois anos e cinco meses
<b>Carolina de Jesus</b> 17 anos	1º E.M. – EREM**	Mãe e irmã	Mãe (empregada doméstica)	Antônio*, 21 anos/ 17 dias Jonas*, 19 anos/ dois anos
<b>Conceição Evaristo</b> 18 anos	2º E.M.	Mãe, tio e dois irmãos	Conceição (menor aprendiz), mãe (dona de casa)	Lucas*, 18 anos/ dois anos João*, 16 anos/ três meses
<b>Fernando Sabino</b> 17 anos	2º E.M. – EREM**	Pai adotivo, avô adotivo e dois primos	Pai (educador social) e avô (aposentado)	Cecília*, 16 anos/ Quatro meses
<b>Guimarães Rosa</b> 19 anos	Ensino Médio Completo – EJA	Mãe, padrasto, três irmãos, duas irmãs e um sobrinho	Mãe (empregada doméstica) e irmão (área de refrigeração)	Grazi*, 18 anos/ Dois anos
<b>João Cabral</b> 18 anos	2º E.M. – EREM**	Mãe, padrasto e uma irmã	mãe (autônoma)	Francis, 15 anos/ 04 meses (atual) Valentina*, 17 anos/ um ano e sete meses
<b>Lenine</b> 16 anos	2º E.M. – EREM**	Mãe, pai, irmã, duas sobrinhas e um sobrinho	Mãe (cobradora de ônibus); irmã, e pai e (trabalhos informais)	Yolanda*, 14 anos / dois anos
<b>Lia de Itamaracá</b> 18 anos	Ensino Médio Completo – EREM**	Avó e dois irmãos	Irmão recebe benefício BPC***	Roberto, 21 anos/ Mais de dois anos (atual)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

\*relação amorosa anterior

\*\*Escola de Referência do Ensino Médio com turno integral

\*\*\*Benefício de Prestação Continuada

Nota-se que as parcerias das relações amorosas tinham a mesma faixa etária das(os) adolescentes, com exceção do namorado de Adélia Prado, dez anos mais velho que ela e já pai de uma criança de cerca de três anos. Nenhuma(um) das(os) adolescentes vivenciou gravidez na adolescência ou abuso de álcool e outras drogas. O início das relações amorosas mais sérias foi iniciado por volta dos 14 anos, tanto

para as moças quanto para os rapazes, fato que coaduna com o estudo de Barth, Wagner e Levandowski (2017). Entretanto, para alguns adolescentes do sexo masculino, o interesse romântico e o primeiro beijo se deu em torno dos 11 anos.

A verbalização das(os) participantes sobre o que é namorar possibilitou compreender que esta é uma fase da relação amorosa com exclusividade da parceria que antecede ao casamento e o início da própria família. Para alguns deles, primeiro deve “ficar”, para conhecer a pessoa para depois assumir um relacionamento mais sério, sendo o namoro uma etapa com vistas ao matrimônio. Ademais, percebe-se como fator importante, o conhecimento do relacionamento amoroso por outras pessoas significativas como pais ou responsáveis e, principalmente a rede de amizade.

Namoro pra mim é base, você namora, pra depois você casar e ter sua família, seu futuro [...] você vai ficando pra depois namorar, tipo pra conhecer uma pessoa, ver se vai dar certo com a pessoa (João Cabral, 18 anos).

Pra mim tem três fases que é: namoro, noivado e casamento. Então pra você chegar no casamento você vai ter que passar pelas duas primeiras fases (Conceição Evaristo, 18 anos).

Namoro é um pré-casamento. Ou seja, se eu namorar com uma pessoa vai ser uma pessoa que eu vejo nela que é uma boa pessoa pra eu casar (Lenine, 16 anos).

Para duas adolescentes, o tempo do relacionamento (cronossistema), a frequência regular de encontros e a exclusividade da parceria não foi algo que condicionou denominar de namoro o envolvimento amoroso. Para um casal, passar do “ficar” para o namorar muitas vezes não é algo marcado, mas que ocorre naturalmente, até o momento em que os dois confirmem que estão namorando, ou seja, estão num compromisso sério (STENGEL, 2003), a literatura ainda aponta o ficar “ficando” como mais uma modalidade de relação amorosa entre adolescentes (CHAVES, 2016).

Conversamos assim, “vamo namorar e tal”, aí a gente: “vamo ficar sério”, não, também não (risos). “Tá na hora não” (risos). Aí depois, tá até hoje, foi enrolando, enrolando. E sei lá, se enrolou. E já tem dois anos e pouco, porque a gente ainda tá ficando (Lia de Itamaracá, 18 anos).

Namorei por 17 dias e fiquei por dois anos com outra pessoa. Ele queria me pedir em namoro, só que eu não quis, porque eu nunca confiei, depois que levei gaia, eu não confiei mais em homem. Aí eu disse a ele, não quero namorar. Aí a gente foi ficando assim (Carolina de Jesus, 17 anos).

Na análise do relato de uma das adolescentes, o motivo que perpassa a escolha de não nomear de namoro a relação aparenta estar associado com as características da Pessoa como insegurança e desconfiança na parceria que parece coadunar com uma rede de vínculos fragilizada do seu microssistema familiar. A mãe fazia uso abusivo de álcool desde a adolescência, passando longos períodos sem visitar a filha, falecendo aos 33 anos. Quanto ao pai, relata não ter qualquer contato ou mesmo saber quem ele é. Desde o nascimento foi criada pelos avós. Logo após o falecimento da mãe, enfrentou a morte da única tia e do avô por quem nutria afetos positivos: “meu avô ele era meu príncipe, eu brincava com ele de boneca, era bom”. Lia de Itamaracá, 18 anos.

Carolina de Jesus, 17 anos, aponta uma traição que descobriu no primeiro namoro, o que fez com que tivesse dificuldades de “confiar nos homens”, temia que isso poderia se repetir em outra relação e não estaria “pronta para passar” por isso de novo. Observa-se a possibilidade de evitar novos relacionamentos amorosos (insegurança) reforçados pela traição. Mesmo apresentando características desorganizadoras (BRONFENBRENNER, 2011; ROSA; TUDGE, 2017) – tendência de evitar ou se afastar de uma atividade – como insegurança e dificuldade de estabelecer confiança, aspectos que poderiam comprometer o engajamento nos processos proximais. De outro modo, há uma disposição para novas relações amorosas, conforme assinalam Nunes e Morais (2018, p. 290), “as características da Pessoa não são estáticas e podem ser transformadas, ainda que esteja submetida a condições adversas.”

### **Concepção de violência no namoro**

Identificamos que as(os) adolescentes nomeiam como violência no namoro as características das tipologias física – uso intencional da força com o objetivo de causar medo e possíveis lesões na parceria – e psicológica – ameaçar, insultar e prejudicar a autoestima da parceria (CDC, 2020; FERREIRA; ABREU; NEVES, 2019). E na concepção destes, a psicológica (verbal) é aquela que mais comumente ocorre em

concordância com a prevalência de pesquisas internacionais (ZÁRATE *et al.*, 2018; VALDIVIA-PERALTA *et al.*, 2019) e nacionais (BORGES *et al.*, 2020; CAMPEIZ *et al.*, 2020), nomeadamente em comportamentos de controle de roupa, amizades, xingamentos e desqualificação da parceria, formando um conjunto de comportamentos que abarcam a violência psicológica (O'LEARY; SLEP, 2003).

As adolescentes são mais vítimas desse tipo de violência que perpassa o controle das vestimentas e de seus corpos (Martínez-Gómez *et al.*, 2021), reforçando os comportamentos tradicionais de gênero.

Não só violência física, mas também quando a pessoa se sentir dono da pessoa. Quer controlar tudo que ela faz, quer controlar tudo que ela veste. O que acontece mais é o controle e esse negócio de xingamento (Carolina de Jesus, 17 anos).

É ser mais agressivo. É como forçar algo que a mulher não quer. Tem a violência psicológica, tem a física, tipo o homem rebaixar a mulher, dizendo que ela não serve, que ela não presta (Guimarães Rosa, 19 anos).

Quando a gente escuta o nome violência, você acha que é só física. Mas tem a psicológica, que eu acho que é uma das piores, é a que mais tem e fica na sua cabeça aquilo, na sua mente. E eu acho que o físico nem te machuca tanto como o psicológico. É aquele ditado: palavra machuca mais que uma tapa na cara (Conceição Evaristo, 18 anos).

Física e psicológica. É física quando homem bate em mulher. Ou mulher bater em homem e psicológica quando afeta o psicológico da pessoa. A psicológica é tipo: “porra, tu não presta”. “Não faz nada certo”, “esse short tá muito curto, tá parecendo uma puta” (fala sussurrando) (João Cabral, 18 anos).

Apesar da espontaneidade demonstrada ao verbalizar sobre os tipos de violência que mais ocorrem no namoro, o conhecimento por si parece não ser suficiente para evitar a sua ocorrência nos relacionamentos, podendo assim ser considerado uma força desorganizadora que não contribui para a formação de competências para manejo de um namoro abusivo (SOUZA, 2020). O estudo da violência psicológica é especialmente importante (OLIVEIRA, Q. *et al.*, 2014), uma vez que, frequentemente, precede a agressão física, acarreta danos à saúde mental, é mais persistente na duração, ou seja, a parceria pode ficar por muito tempo envolvida na relação, pois esse não confere marcas visíveis, diferente do que ocorre, muitas vezes, na violência física.

Alguns comportamentos relacionados à preocupação com a autoimagem foram identificados nas narrativas tanto de moças quanto de rapazes. Foram especialmente citados o cuidado com o cabelo como forma de sentir-se mais atraente, verificando assim traços pessoais de atividade que parecem fomentar os processos proximais. A demanda é o atributo da pessoa que se refere aos aspectos mais aparentes que são capazes de instigar reações do contexto social (BRONFEBRENNER; MORRIS, 2006).

Faço uns oias (trabalho informal) pra pagar meu corte de cabelo. Gosto dele assim: cabelinho na régua pra ficar bonito (Lenine, 16 anos).

Comecei o cronograma capilar pro meu cabelo, que ele tem uma dificuldade muito grande de crescer. Daqui a 4 meses eu vou continuar fazendo esse tratamento com um tônico que eu tô usando pra ficar mais atraente (Adélia Prado, 18 anos).

Eu gosto de me cuidar, ficar cheiroso pra minha namorada, com o cabelo sempre cortadinho (João Cabral, 18 anos).

Eu escovo meu cabelo, eu dou chapinha, eu maquio, eu faço a minha unha. Eu faço de tudo (Carolina de Jesus, 17 anos).

### **Sinais de alerta para episódios de violência no namoro**

Para alguns participantes o primeiro namoro não foi considerado uma experiência positiva, pois foi atravessado por situação de traição e episódios de violência. “No momento não estou namorando, graças a Deus! O negócio foi complicado” (Lenine, 16 anos); “graças a Deus, não estou namorando” (Conceição Evaristo, 18 anos). Apesar desses relatos, mostram-se dispostos a conhecer novas pessoas, preferencialmente nos relacionamentos mais efêmeros como o “ficar”.

A violência digital – ato intencional de controlar, ameaçar, humilhar e insultar a imagem da parceria, incitar constrangimento e perseguição por meio do uso dos dispositivos eletrônicos como celular e tablete conectados à Internet (FLACK; DESLANDES, 2019) – foi identificada nas relações amorosas sem ser assim nomeada. Foi possível inferir que parecem comportamentos naturalizados entre os adolescentes, que resultam em conflitos, estresse, invasão de privacidade digital como sinônimo de confiança e o controle da fidelidade motivada pela insegurança no manejo da relação amorosa, na maioria dos casos.

Talvez por ser uma expressão de violência contemporânea e que apenas recentemente (FLACK; DESLANDES, 2019; ANDRADE; SAMPAIO; DONARD, 2020) começou a receber atenção tanto no meio acadêmico como na sociedade, as(os) adolescentes ainda não conseguem diferenciar das outras expressões de violência. Todavia, relatam que o controle do celular, ainda que escondido ou não da parceria, é algo que, para os adolescentes de ambos os sexos, pode revelar algum segredo relacionado a uma possível infidelidade real ou imaginária, inspecionando os contatos, as ligações realizadas e recebidas, além das mensagens; checar a localização da parceria por meio de várias ligações durante o dia; controlar a prontidão da parceria para responder várias mensagens seguidas provocando desconforto e curtir a foto de uma pessoa do gênero oposto, ainda que conhecida.

Todos esses comportamentos podem ser compreendidos como forma de exercer poder e controle sobre a parceria, são confirmados na literatura no âmbito da violência digital nomeadamente como comportamentos de controle e monitoramento das atividades on-line (ANDRADE; SAMPAIO; DONARD, 2020). Estar em um relacionamento amoroso parece ser visto por alguns parceiros(as) como um suposto direito à invasão da individualidade, intimidade e privacidade, fazendo com que esses aspectos tão caros à construção de relações amorosas saudáveis, passem despercebidos. A dinâmica dos comportamentos de controle – monitorar, controlar e vigiar – no namoro pode resultar, para muitas pessoas, em vivências constantes de “desassossego” e inquietação (LUCIO-LÓPEZ; PIETRO-QUEZADA, 2014).

Eu ficava ligando pra saber onde ela tava. Ela me pedia para ver os contatos do zap [...] eu tinha medo que ela tivesse alguma conversa. Eu era muito ciumento, daí eu só via o nome dos contatos no zap para ver se tinha algum nome carinhoso salvo (Guimarães Rosa, 19 anos).

Uma vez eu peguei uma conversa dele no celular com uma menina. Às vezes, a gente imagina mil coisas, mas às vezes é tão simples. Eu fiquei meio balançada. Eu briguei com ele, quase que eu matava. Eu fico investigando, quando ele tá botando a senha eu olho um numerozinho, olho um negocinho, olho outro e de repente eu já sei a senha toda (Lia de Itamaracá, 18 anos).

Eu ficava estressado, às vezes, com minha ex-namorada, tipo no zap, se eu demorava a responder, ela falava: “Tá demorando a responder, tá falando com quem? “Tá falando com as meninas, é?”. Aí ficou chato demais, era estressante (João Cabral, 18 anos).

Curtidas dá briga. É besteira, mas pro homem possessivo, não. Se ele ver que tá havendo alguma coisa, ou ele achar na cabeça dele, ele vai pra cima, vai querer tirar satisfação (Conceição Evaristo, 18 anos).

Ele me deu a senha pra eu poder entrar no celular [...] ele sempre deixava eu ver. Ele tinha até minha digital no celular dele. E ele tinha no meu. Eu não tinha nada que esconder, então tava lá (Carolina de Jesus, 17 anos).

Foram identificadas nas dinâmicas relacionais íntimas das(os) participantes: o controle das amizades (off-line e on-line); agressões físicas como aperto no braço; bater na parede como forma de expressar a frustração e a raiva; xingamentos; controle do vestuário especialmente para com as adolescentes do sexo feminino; desentendimentos que resultam na quebra de objetos e ameaças constantes de terminar o relacionamento para obter controle do comportamento da parceria. A literatura (FERREIRA; ABREU; NEVES, 2019; *LOVE IS RESPECT*, 2019) aponta sobre os vários sinais de alerta ou escalada da violência que pode haver nas relações de namoro, conforme verificado nesta pesquisa. A violência bidirecional ou mútua (PÉREZ-RUÍZ *et al.* 2018; GUEVARA-MARTÍNEZ *et al.*, 2017) foi identificada nas relações íntimas das(os) participantes, apresentando-se com tipologias e em momentos diferentes na dinâmica da relação do casal. Em alguns casos, é possível compreender que a violência unidirecional torna-se bidirecional, configurando um padrão de resolução inadequada de conflitos.

Um namorado impedia que eu saísse com meus amigos, que ele não gostava que eu andasse com homem [...] ele já apertou meu braço. O meu outro namorado, ele não gostava muito de um amigo meu, ele dizia pra eu me afastar porque ele não prestava [...] eu não gostava que ele andasse com a ex-namorada, mas não é por causa de sentir ciúme, era que eu não gostava muito dela, ela não ia com a minha cara e eu não ia com a dela. Eu já quebrei uma corrente de um namorado (risos), porque eu tava estressada com ele. Ele quase surtou dentro de casa (risos) (Carolina de Jesus, 17 anos).

A minha ex-namorada dava cada murro na parede nas brigas que eu ficava assustado. Eu não conseguia conversar com ela. Ela mandava tomar naquele canto e tal. E eu falava “puta que pariu, porra”, “essa mizéra” [...] era uma gritaria se eu falasse: “eu vou ali com os meninos”, minha ex-namorada dizia: “Se tu for, a gente acaba”, acaba agora mesmo. Eu também já fiz isso com ela, “se tu for eu acabo”, porque tipo era direitos iguais. Naquele tempo, ela fazia, eu fazia (João Cabral, 18 anos).

Ocorreu dela ficar muito braba comigo. Acontecia muita coisa a gente brincando: “sai pra lá, mizera”, ela já me bateu na brincadeira (Lenine, 16 anos).

Eu já fui agressiva com ele. Eu sou. Fico com raiva, fico querendo bater, aquelas tapinha assim pra se ligar, puxão de cabelo já dei também [...] se for elogiar alguém aí eu fico com ciúmes. Só se for mulher, homem não (Lia de Itamaracá, 18 anos).

O ciúme, a imaturidade, o estresse, a impulsividade e a insegurança foram ressaltadas pelas(os) adolescentes como comportamentos que eliciam episódios de violência. Estas características desorganizadoras parecem se apresentar como possível dificuldade em ter controle do comportamento e das emoções, o que denota uma característica desorganizadora da pessoa na manutenção de um relacionamento saudável e até mesmo o rompimento do ciclo de comportamentos violentos no âmbito da relação amorosa. No geral, foi possível verificar tais atributos desorganizadores no casal, uma vez que se mostram presentes nas primeiras experiências com as relações íntimas e na concretização do vínculo do “ficar” para o namorar, muitas vezes mostrando recursos ainda a serem desenvolvidos e de baixa autoestima para lidar com aspectos requeridos nas relações (LORDELLO; COSTA, 2015).

Nesta fase desenvolvimental, o interesse e a materialização das primeiras parcerias amorosas surgem carregadas pela descoberta do prazer proporcionadas pelos toques íntimos, do ser desejada(o), e geralmente são acompanhadas por emoções como ciúmes, ansiedade, frustração, desapontamento e confusão relacionados aos seus próprios sentimentos. Assim, parece que os recursos biopsicológicos ativos que se referem a conhecimentos e habilidades necessárias para o funcionamento dos processos proximais (BRONFENBRENNER, 2011) podem se apresentar pouco eficaz, diminuindo as possibilidades de uma relação amorosa construtiva, conforme descrito abaixo:

Eu tinha muito ciúme dela, porque como as meninas são muito bonitas, aí fica várias pessoas olhando, aí eu não ficava muito bem. Ficava com um pouquinho de raiva, arretado (Fernando Sabino, 17 anos).

Eu sou muito sem paciência, uma vez eu tinha uma unha maior ainda e danei a mão assim, saí rasgando as costas dele, ele ficou arretado. Depois a gente conversou e ficou tudo de bom (Carolina de Jesus, 17 anos).

Eu era muito ciumento [...] ciúmes dos amigos e das amigas da escola e de perto da rua dela (Guimarães Rosa, 19 anos).

É falta de segurança, o medo de perder, então age de uma forma que talvez possa colocar a pessoa um pouco pra trás, com medo de que aquilo possa acontecer (Conceição Evaristo, 18 anos).

Em contrapartida, alguns atributos da parceria foram ressaltados como apaziguadoras em momentos de conflitos, conforme segue:

Eu sou fogo, explosiva e estressada e ele era a água, a calma que me faltava, ele dizia: “fica tranquila, tudo vai dar certo, vamos conversar” (Conceição Evaristo, 18 anos).

Ele sempre conseguiu acalmar a fera. Isso aí é uma das coisas que ele mais bota pra cima é a minha autoestima. Ele fica me chamando de princesa o tempo todo [...] Ele já sabe quando eu tô estressadinha, ele pergunta: “que foi?”, eu respondo: “não quero conversar porque estou estressada”, aí ele: “foi o que minha princesa linda?” (Lia de Itamaracá, 18 anos).

Quanto às forças organizadoras e recursos biopsicológicos ativos (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006), o reconhecimento de comportamentos abusivos por algumas adolescentes reforça a ação transformadora da Pessoa com vistas a romper o ciclo de violência, posicionando-se de forma ativa em prol de relações proximais mais saudáveis:

Eu já tinha formado na mente que um relacionamento que fosse abusivo pra mim já não era saudável. Mas quando ele chegou pra falar da minha roupa e pegar no meu braço. Aí eu disse: “não, esse menino já tá muito coisado”. Ele pediu desculpas, ele fez: “Mas é porque eu tenho muito medo de perder a pessoa”. Aí eu fiz: “sim, mas desse jeito você vai perder. Ninguém quer viver num relacionamento a qual você tá toda hora falando da roupa, você tá a toda hora dizendo que não quer ela com os amigos” (Carolina de Jesus, 17 anos).

Eu gosto de roupas apertadas, acochada; vestido apertado que marquei isso aqui meu (pega nos quadris). Ele não gostou, e eu: “tá bom, se você quiser a gente vai sair assim, se você não quiser, eu fico em casa, porque eu não vou trocar de roupa por causa de um querer seu. Você não trocaria de roupa por causa de um querer meu” (Lia de Itamaracá, 18 anos).

De outro modo, para um dos adolescentes, a característica de extroversão considerada uma força geradora de amizades e engajamento social, apresentada pela parceria, não era percebida de maneira positiva, possivelmente por conta da insegurança que ele apresenta diante de sua história de vida e fragilidade de seus

vínculos familiares “tinha medo dela, numa dessas amizades se apaixonar por outra pessoa, gostar de outra pessoa, (Guimarães Rosa, 19 anos).” Essa dificuldade de aceitar as diferenças pode contribuir para o tolhimento da liberdade e desenvolvimento como algo relacionado a “coisificação da parceria”.

Ao analisar tais relatos sob a lente da TBDH foi possível observar que os processos proximais parecem mostrar mais efeitos de disfunção do que competência. Estes influenciam o desenvolvimento variando de maneira articulada com as características da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2011), além disso, não devem ser considerados estáticos, determinantes, universais ou unidirecionais (ROSA; TUDGE, 2017). A relação violenta é considerada uma disfunção dos processos proximais (CARVALHO-BARRETO, 2009) pela dificuldade da parceria diante da imposição de poder e controle de um para o outro, expressados sob as variadas tipologias de violência, como a psicológica, a digital e a física, todas identificadas neste estudo.

### **Entendimentos sobre namoro saudável**

Explorou-se algumas características do namoro saudável entre as(os) adolescentes entrevistadas(os), pois entende-se que tão importante quanto lançar luz sobre o fenômeno da violência e suas implicações para as relações afetivo-sexuais, faz-se relevante construir reflexões sobre relações saudáveis e promotoras de desenvolvimento. Percebe-se que estas podem ser consideradas forças organizadoras e processos proximais que geram competência e aquisição de conhecimentos. Os traços mais elencados foram: confiança, privacidade, fidelidade, respeito, honestidade, limites, comunicação e amizade.

Ser honesto um com o outro cria mais confiança [...] a base do relacionamento é o respeito e a confiança. A fidelidade é o principal. Amizade, acho que o namoro tem que ter. A gente entender o outro, ser melhor amigo do outro, entender os problemas do outro [...] Controle também, por exemplo, a gente tá brigando porque também tem algumas brigas, mas você tem que ter controle para não explodir, não gritar (João Cabral, 18 anos).

Privacidade faz parte do namoro saudável. Porque assim, tem homens que por mais tenha amizade com mulher ele quer saber o que ela tá conversando, e não é assim. Tem coisas que mulheres conversam que só pertence as mulheres, então acho que privacidade é

importante. E a privacidade já puxa o que? Já puxa confiança, que puxa o que? O respeito (Lia de Itamaracá, 18 anos).

Para o *Love is respect* (2019) e o *One Love Foundation* (2020), tais aspectos são considerados imprescindíveis para a construção de um relacionamento amoroso saudável. Apesar de não ter sido verbalizado com frequência, o consentimento é outro aspecto que merece destaque, principalmente para as questões sexuais e de como vão se comportar em público. Consentimento diz respeito a um “sim” com entusiasmo e certeza. Em alguns casos, a parceria pode dizer “não” por meio da linguagem corporal sem responder verbalmente: afastando-se, olhando para baixo, ou até mesmo indicando que não deseja ficar sozinho(a) com alguém. Não observamos questões ligadas à violência sexual nesta pesquisa; pelo contrário, houve verbalizações que remetem respeito ao tempo do outro e negociação sobre toques íntimos não autorizados.

Como Santos (2019), verificou-se que fatores como engajamento, reciprocidade nas relações, complexidade crescente e período regular de tempo mostraram o quanto são significativos para a manutenção dos processos proximais ao se relacionar com alguém, além da possibilidade de aprimoramento, os quais podem gerar efeitos de competência, sugerindo melhorar a cada experiência íntima. Nesta perspectiva, verificou-se certo estranhamento, em algumas narrativas, quando começaram a desfrutar de um relacionamento centrado na liberdade, ausência de controle, construção de limites e comunicação aberta.

Meu atual namorado até acha estranho quando eu não fico cobrando muita coisa dele, porque a antiga namorada dele cobrava tanto dele, queria que ele tivesse o tempo com ela. Quando eu digo: “tá certo, vai só, eu não quero ir. Ele fica: “sério, tu não vai querer ir? Tu não vai falar nada? Tu não vai questionar o horário?”, aí eu: “não, porque a vida é tua”, e ele fica achando muito estranho eu dizer isso. Porque ele ficou tanto preso na rédea dela, querendo saber tudo, que quando eu não faço, ele acha estranho (Adélia Prado, 18 anos).

Com a minha namorada agora é tranquilo. Às vezes eu demoro a responder no zap, eu falo: tô falando com a minha mãe ou falando com alguém do curso ou da escola. Ela entende. Ela fala: “ah, tá bom, tranquilo”. É até estranho porque minha ex-namorada eu tinha que responder na hora (João Cabral, 18 anos).

De maneira geral, as(os) adolescentes demonstraram que a prontidão para o diálogo entre o casal é de vital importância para evitar conflitos, muito embora, parece

não ser uma habilidade transformada em ação para alguns deles. Numa das narrativas, foi utilizada a metáfora de um copo transbordando, em alusão à possibilidade de evitar muitas “brigas”, utilizando a comunicação de sentimentos de ambos.

Um casal que chegasse à base de conversa, esse copo não ia acabar enchendo de uma forma que pudesse chegar ao fim ou então a uma briga. Seria um copo que vai enchendo, mas a pessoa vai bebendo a água, a outra pessoa vai bebendo, eles vão tirando o peso do que tá acontecendo. É como se eles fossem entendendo um ao outro, mas o que normalmente não acontece (Adélia Prado, 18 anos).

Era muito estranho nosso namoro, tipo a gente nunca soube conversar. A gente meio que acabava por um dia e depois voltava [...] todo dia a gente brigava (João Cabral, 18 anos).

### **Aprendizagens e influências positivas das relações amorosas**

Ao analisar o Tempo/Cronossistema constatamos que ao longo do tempo o namoro também promoveu a descoberta de sentimentos bons e experiências que proporcionaram momentos de aprendizagens, em consonância com Bronfenbrenner (2011). Um dos adolescentes, expressou a magnitude ao perceber que aprendeu a dizer “eu te amo” com a namorada no relacionamento que durou mais de dois anos. Tal aprendizagem e descoberta revelou-se com significados atribuídos por ele relacionados com a sua história de vida. Para alguns adolescentes, a primeira relação vivida num período maior de tempo – namoro e ficar “ficando” –, proporcionou reconhecer comportamentos relacionados à “imaturidade” do casal por não saber enfrentar questões do relacionamento.

A gente tá num relacionamento agora sério, eu quero uma coisa bem séria, bem certa. Porque eu já namorei com minha ex-namorada, aí eu falava: se eu errei aqui, nisso, contigo eu vou acertar, como se com minha ex fosse só um teste e com a atual é o certo. Se eu errei, tipo, desconfiando muito, aí com ela, quero ser melhor, se eu errava lá no passado, com minha namorada atual vou acertar (João Cabral, 18 anos).

Eu não tinha tido nenhuma experiência de namorar antes. Porque como aconteceu aquele fato comigo (ofensa sexual), então eu tinha meio que medo das pessoas. Tanto é que tipo aprendi a beijar com ele com 16 anos. Antes eu ficava cobrando muito, cobrava muita atenção. Eu ficava tipo: “ah, tu não me dá atenção”. Agora é como se o relacionamento tivesse amadurecido. Hoje em dia eu já tô mais

calma. Antes que eu era mais ciumenta, mais doida (Lia de Itamaracá, 18 anos).

Eu pensava que era uma coisa, mas não era tão do jeito que eu pensava. Aí acabou. Pensei que ia ser legal e tal, que não ia ter problemas, poxa, mil maravilhas [...] quando passava na rua, o pessoal todinho olhava, aí eu ficava... “poxa, porquê todo mundo tá olhando? deve ser a roupa”. Naquele tempo, a minha cabeça era outra, eu não pensava muito [...] a pessoa aprende a analisar as coisas com o tempo (Fernando Sabino, 17 anos).

No namoro de agora, a gente criou uma estratégia pra nenhum dos dois ficar chateado quando não puder falar atender o telefone: só mandar uma mensagem dizendo: “urgente, aí depois tu liga, aí eu vou saber que é urgente”. Aí quando é alguma coisa importante, que até agora não aconteceu nada, aí eu vou mandar uma mensagem: “urgente” antes e ligar (Adélia Prado, 18 anos).

O componente tempo comporta as mudanças do próprio indivíduo em sua história de vida (BRONFENBRENNER, 2011). Alguns relatos remetem ao reconhecimento de comportamento como a insegurança referindo-se a uma possível infidelidade que eram corriqueiras em um relacionamento passado, e no namoro atual, observa-se a tentativa, o movimento de fazer algo de diferente, isto é o tempo decorrido (NUNES; MORAIS, 2018) entre um relacionamento e outro foi importante para o surgimento de um novo sentido para o estabelecimento de novos processos proximais.

### **Considerações finais**

Tomou-se como base a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) para compreender as relações de namoro entre adolescentes, identificando atravessamentos das experiências da violência no seu desenvolvimento. Enquanto fenômeno humano complexo, identificou-se que a violência, em suas diversas possibilidades de manifestação, atravessou as relações de namoro dos adolescentes que participaram desta pesquisa.

Entretanto, apesar da espontaneidade demonstrada ao verbalizar sobre os tipos de violência que mais ocorrem no namoro, em muitos casos, os adolescentes nem sempre nomearam esse fenômeno em suas vertentes como “violência”, especificamente. Reconheceram as tipologias física e psicológica. A violência digital não foi citada entre as(os) participantes. Identificou-se, entretanto, que os comportamentos de controle e vigilância atrelados ao uso do celular, aplicativos de

troca de mensagens (*WhatsApp*) e redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) eram vistos como sinônimo de confiança e controle da fidelidade, motivados pela insegurança no manejo da relação amorosa. Assim, o compartilhamento de senhas, controle de postagens e curtidas, ligações e mensagens sucessivas com o intuito de saber a localização e afazeres da parceria eram corriqueiros e naturalizados nas relações amorosas resultando em conflitos, estresse e invasão de privacidade digital.

O namoro foi visto como uma fase da relação amorosa com exclusividade da parceria que antecede ao casamento e o início da própria família, aspectos marcados pela construção social desses adolescentes. Para alguns deles, o namoro ou o ficar “ficando” por um tempo maior proporcionou reconhecer comportamentos relacionados à “imaturidade” do casal por não saber enfrentar questões do relacionamento e que foram experiências significativas levadas para relacionamentos posteriores.

A TBDH mostrou-se oportuna para a compreensão da violência no namoro entre adolescentes, pois auxiliou a compreensão aprofundada sobre a inter-relação e interdependência das características da pessoa, dos processos proximais, do contexto de desenvolvimento do mais próximo ao mais distal e do tempo desde o momento presente ao tempo histórico social.



## 7. 2 Estudo Dois

**Isso**

*Isso  
Que acontece com a gente  
Acontece sempre  
Com qualquer casal*

*Isso  
Ataca de repente  
Não respeita cor  
Credo ou classe social  
Isso, isso*

*Parecia que não ia  
Acontecer com a gente  
Nosso amor era tão firme  
Forte e diferente*

*Não vá dizer  
Que eu não avisei você  
Olha o que vai fazer*

*Não adianta mesmo reclamar  
Acreditar que basta  
Apenas se deixar levar*

*Isso  
Que atrapalha nossos planos  
Derrubou o muro  
Invadiu nosso quintal*

**Antônio Carlos Bellotto**

## A violência no namoro entre adolescentes sob a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano

### Resumo

A violência no namoro entre adolescentes é um problema social e de saúde pública que traz repercussões ao longo do desenvolvimento. O objetivo deste estudo é compreender a influência do contexto nas relações de namoro e as estratégias adotadas por adolescentes diante da violência à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Trata-se de um estudo qualitativo que utilizou como método de investigação a Inserção Ecológica realizada numa ONG na cidade do Recife/PE. Como instrumentos e técnica destacam-se: 1) Questionário biossociodemográfico; 2) Questionário “Conhecendo as relações de namoro”; 3) “Busca palavras”; 4) Diário de campo e 5) Entrevistas semiestruturadas concretizadas em dois encontros com cada adolescente. Além disso, as conversas informais com trabalhadores da ONG foram registradas no diário de campo. A amostra final foi composta por oito adolescentes de ambos os sexos, entre 16 e 19 anos. Os dados foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelam que os adolescentes são expostos e/ou vítimas diretas de violência nos principais microssistemas de desenvolvimento; a violência digital ocorre de maneira frequente e naturalizada no namoro; os adolescentes recorrem primeiramente aos amigos para o enfrentamento da violência no namoro.

**Palavras-chave:** Adolescente. Violência no namoro. Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

### Introdução

A violência no namoro é considerada um problema de saúde pública que pode impactar a saúde mental e física de adolescentes a curto e longo prazo (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2016; *Centers for Disease and Control and Prevention* [CDC], 2020). A literatura internacional (OYARZÚN; PEREDA; GUILERA, 2021) e nacional (BORGES *et al.*, 2020) revela índices alarmantes do fenômeno entre adolescentes. É também compreendido como uma forma precoce de violência entre parceiros íntimos (OMS, 2016), com as primeiras experiências ocorrendo entre 11 e 17 anos de idade (BREIDING; CHEN; BLACK, 2014). Essa violência pode ocorrer de diversas formas, sendo as mais comuns entre adolescente as expressões, psicológica (CARVALHAES; CÁRDENAS, 2021), digital (OLIVEIRA, A. *et al.*, 2021) e física (BORGES *et al.*, 2020).

A violência nas relações amorosas entre adolescentes passou a ser objeto de pesquisa no início dos anos 80 do século XX nos Estados Unidos

(MAKEPEACE, 1981). A partir dessa investigação, o fenômeno foi considerado como uma problemática distinta e separada da violência conjugal. É importante destacar que, conceitualmente, a violência no âmbito do matrimônio se refere às agressões que ocorrem entre um casal, nas quais há a existência de coabitação dos cônjuges (CASTRO; CASIQUE, 2010).

Neste artigo adotaremos como referencial teórico a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) desenvolvida por Bronfenbrenner (2011), uma vez que permite uma leitura ampliada e aprofundada diante da complexidade do fenômeno da violência no namoro entre adolescentes, sem concepções lineares. O modelo inclui quatro componentes – Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT) – para compreender o desenvolvimento humano de forma interdependente entre os diferentes sistemas em que a pessoa está inserida. O primeiro componente do modelo é denominado Processo ou Processos Proximais e refere-se às formas singulares de interação entre a pessoa e o ambiente, sendo considerado como gerador do desenvolvimento. Os processos proximais podem produzir dois tipos de efeitos: competência que é a aquisição e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e capacidade para conduzir e direcionar seu próprio comportamento; e disfunção que inclui as dificuldades em manter o controle e a integração do comportamento (NARVAZ; KOLLER, 2011; ROSA; TUDGE, 2017; KOLLER; RAFFAELLI; MORAIS, 2020).

O segundo componente é a Pessoa que abarca as características do indivíduo. São assinalados três atributos que influenciam o engajamento ou interferem a ocorrência dos processos proximais: a) forças/disposições – ativam os processos proximais, apresentando-se como geradoras (fortalece a continuidade do desenvolvimento, a ampliação da competência, bem como a continuação de processos proximais consequentemente mais complexos) ou disruptivas (dificuldades em manter o controle sobre seu comportamento e emoções, impossibilitando o engajamento nos processos proximais); b) recursos - características biopsicológicas da pessoa que podem facilitar o ajuste a determinado contexto; c) demanda – habilidades ou características da pessoa que apresentam potencial de convidar ou desencorajar reações de pessoas no contexto social (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006; SANTOS, 2019).

O contexto, terceiro componente do modelo, abarca a interação de quatro níveis ambientais, sendo: microsistema, mesossistema, exossistema e

macrossistema evidenciando influências bidirecionais dentro e entre eles, situando a pessoa inserida em um sistema de relações afetado por vários níveis do ambiente do mais próximo ao mais distal. O microssistema, é o ambiente imediato onde ocorrem os processos proximais, ou seja, as relações interpessoais vivenciadas face-a-face pela pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2011; NUNES; MORAIS, 2018). Johnson e Pupilampu (2008) propõem uma nova dimensão do microssistema, denominada de “subsistema tecnológico” ou “tecossistema”, um refinamento para a organização da teoria de Bronfenbrenner a respeito das influências ambientais no desenvolvimento. Inclui a interação da pessoa com elementos vivos (por exemplo, pares) e não vivos (por exemplo, *hardware*) com as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) que ocorrem em ambientes imediatos ou diretos, mais comumente casa e escola na adolescência (JOHNSON, 2010). No geral, o uso da Internet também pode ser associado com a perpetração e a vitimização de violência, conforme apontado por Andrade, Sampaio e Donard (2020), seja por meio do monitoramento contínuo das atividades on-line da parceria ou mesmo por ser mais um locus de aprendizagem de respostas violentas. O mesossistema é formado por microssistemas, abrangendo as relações e trocas entre um ambiente e outro. O exossistema é definido como um ambiente em que a pessoa não está diretamente inserida como participante ativo, mas no qual ocorrem fatos que influenciam seu desenvolvimento. Para Bronfenbrenner (2011), qualquer instância social seja ela Federal, Estadual ou Municipal que detém a responsabilidade pela tomada de decisões que influenciam na condição de vida familiar e da pessoa, pode operar como um exossistema.

O macrossistema, ambiente mais distante, refere-se à subcultura ou cultura, organização social e sistemas de crença de uma determinada sociedade (BRONFENBRENNER, 2011). Por último, o Tempo ou Cronossistema, quarto componente do modelo bioecológico, relaciona-se à influência do momento histórico, além de incluir as mudanças da pessoa em sua história de vida. É analisado a partir de três níveis, sendo o microtempo – o momento presente; o mesotempo – acontecimentos de dias, semanas e anos; e o macrotempo – tempo histórico e social no qual a pessoa se encontra (BRONFENBRENNER, 2011; Narvaz e Koller, 2011).

Considerando a complexidade envolvida na violência no namoro e uma possível lacuna de investigações a respeito da teoria Bioecológica e a violência no namoro entre adolescentes (LORDELLO; COSTA, 2015; SANTOS, 2019, SOUZA,

2020), o objetivo deste estudo é compreender a influência do contexto nas relações de namoro e as estratégias adotadas por adolescentes diante da violência à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

### **Método**

Pesquisa de natureza qualitativa desenvolvida pelo método da Inserção Ecológica. Esta foi concretizada em um dos microsistemas dos adolescentes (ambiente natural), uma ONG, que promoveu relações sociais e o cumprimento dos cinco aspectos imprescindíveis: i) engajamento de participantes e pesquisadora em uma atividade; ii) regularidade da presença significativa por período de tempo estendido, não ocorrendo de maneira efetiva em atividades meramente regulares; iii) atividades realizadas devem ser sucessivamente mais complexas; iv) reciprocidade nas relações; v) o interesse e estímulo do tema da pesquisa deve ser interessante e estimular nos pesquisadores e nos participantes, a atenção, exploração e imaginação, verificados na prontidão e entusiasmo das(os) participantes ao narrar suas relações amorosas, familiares, escolares e comunitárias.

#### **Microsistema de desenvolvimento da pesquisa**

A instituição onde a inserção ecológica foi realizada é uma organização da sociedade civil de direito privado, do segmento da assistência social, criada no ano de 2006. Localiza-se na cidade do Recife, estado de Pernambuco. Atende crianças e adolescentes de zero a 18 anos e foi denominada de ONG neste estudo para a garantia do sigilo. As(os) beneficiárias(os) frequentam a instituição no turno oposto do horário escolar, além de receberem duas refeições diárias para a garantia da segurança alimentar.

Dentre as atividades oferecidas, elenca-se a formação socioprofissional, através de cursos livres e técnicos, voltado à iniciação profissional de adolescentes a partir dos 16 anos e jovens em sua primeira experiência de emprego, por meio de parceria com duas grandes empresas. As suas famílias também são assistidas em diversos outros projetos e atividades. No momento de realização da pesquisa, outubro de 2020, as atividades com as crianças e adolescentes estavam suspensas devido a pandemia da Covid-19. Entretanto, o contato via *WhatsApp* entre as(os)

beneficiárias(os), suas famílias e educadora(or) social foi mantido. As atividades administrativas estavam operando em regime de escala para evitar a aglomeração de pessoas. A aferição de temperatura, o uso da máscara e álcool em gel eram obrigatórios para acessar a ONG.

O espaço que a instituição possui berçário, salas de aula, espaço de convivência, quadra de esportes e um refeitório para atender as/os funcionárias/os e as/os beneficiárias/os (crianças e adolescentes). Ressalta-se que na ONG nunca foram desenvolvidos trabalhos relacionados com a temática da violência do namoro entre adolescentes.

### **Participantes**

Participaram da pesquisa oito adolescentes dos sexos feminino e masculino, entre 16 e 19 anos, pois preenchiam o critério de inclusão – estar “ficando” ou namorando ou ter namorado anteriormente, por um período mínimo de três meses. Não houve perdas, exclusões ou desistências.

O término da captação por novos adolescentes atendeu ao critério de saturação – reincidência e complementaridade das entrevistas (TURATO, 2008). A constituição do *corpus* considerou a familiaridade da(o) participante com o fenômeno e o aprofundamento individual/vertical, a partir dos quais os materiais foram examinados e referenciados com base nos objetivos/elementos de análise do estudo (categorias analíticas). A partir dessas categorias, mediante triangulação de técnica e instrumentos de pesquisa, bem como de pesquisadores, foram identificadas as categorias empíricas, interpretadas conforme a teoria adotada, além do contexto sócio-histórico e individual.

Desenvolveram-se também “conversas informais”, alimentadas via contato regular com os integrantes da ONG, como educadora(r) social, coordenadora do projeto, cozinheira, gestor e porteiro, as quais visavam contextualizar e auxiliar na compreensão dos conteúdos abordados nas entrevistas, conversas essas registradas no diário de campo. As anotações do diário de campo e sobretudo as transcrições das entrevistas foram analisadas individual e coletivamente por meio de discussões entre os membros da pesquisa, tendo em vista a representatividade dos significados, a ampliação e aprofundamento das interpretações mediante o debate entre as pesquisadoras, com vistas à troca de impressões e informações.

## Instrumentos e Técnica

Foram utilizados três instrumentos e uma técnica de pesquisa visando atender ao objetivo do estudo:

- 1) Questionário biossociodemográfico: conhecer dados pessoais dos participantes, elaborado com base nos estudos de Morais, N. (2009) e Morais, C. (2008);
- 2) Diário de campo: registrar os processos proximais entre os participantes e a pesquisadora;
- 3) Entrevista individual do tipo semiestruturada com roteiro elaborado pela pesquisadora;
- 4) Questionário “Conhecendo as Relações de Namoro”: elaborado pela pesquisadora de campo baseado em artigos que compuseram a revisão sistemática de Andrade, Sampaio e Donard (2020) e da Escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).
- 5) Busca Palavras: elaborado pela pesquisadora de campo baseado nos apontamentos sobre relações saudáveis das instituições *Love is Respect* (2019) e *One Love Foundation* (2020).

O preenchimento dos instrumentos foi realizado pela(o) adolescente e pesquisadora em conjunto, conforme Morais, N. et al. (2016), resultando no aprofundamento da temática ao possibilitar a explicação da resposta frente a determinada questão, como, por exemplo, os itens do questionário Conhecendo as Relações de Namoro.

## Procedimentos

Em função do cenário pandêmico, o contato inicial para a marcação da primeira rodada da entrevista foi realizado pela(o) educadora(or) social que, por sua vez forneceu para as(os) interessadas(os) dados iniciais do estudo como: tema, os objetivos da pesquisa e a realização em duas etapas. O segundo encontro foi agendado diretamente com a pesquisadora. Três adolescentes foram entrevistados por dia e cada encontro durava aproximadamente 1 hora e 30 minutos. Também foram realizadas observações e conversas informais devidamente registradas no diário de campo com educadoras(es) sociais, cozinheiras, auxiliar de serviços gerais, coordenadora pedagógica e gestor.

O encontro foi iniciado com uma conversa informal sobre temas como isolamento social, lazer, Covid-19, atividades cotidianas e, posteriormente passava-se para o preenchimento do questionário biossociodemográfico com questões de natureza menos ansiogênica. Em seguida, ocorria a aplicação do instrumento do “Busca-palavras” e o “Conhecendo a Relações de Namoro” e então prosseguia-se com a entrevista.

As adaptações impostas pela pandemia não foram regras que impediram a expressão de sentimentos que vieram à tona quando houve a verbalização de temas que suscitaram olhos marejados, risos soltos e espontâneos; observou-se que a comunicação com os olhos pode também ser a mais genuína e respeitosa conexão com a história do outro. Não houve aperto de mão ou até mesmo um abraço, mas tiveram olhos sorrindo, expressando muito obrigada (Diário de Campo, outubro de 2020). Para Prati *et al.* (2008), a inserção ecológica apresentada, inicialmente por Cecconello e Koller (2003), evidencia uma ampliação do conceito de processos proximais ao inferir que, além do desenvolvimento das pessoas daquele microsistema específico, os pesquisadores inseridos diretamente no contexto passam a ter o seu próprio desenvolvimento alterado, uma vez que a presença séria, ética e comprometida produz a troca de informações e energia estabelecendo processos proximais.

### **Análise de dados**

Foi utilizada a Análise temática de Conteúdo, privilegiando a inter-relação entre os quatro núcleos do modelo bioecológico Processos-Pessoa-Contexto-Tempo (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2016), mediante as fases pré-análise, organização do material, análise e interpretação dos dados coletados (MINAYO, 2014).

### **Procedimentos éticos**

Aos participantes foram assegurados os preceitos éticos da pesquisa, segundo a Resolução nº 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e da resolução 510/16. A investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), sob o número CAAE: 24624619.7.0000.5206. Para as pessoas com 18 anos completos foi solicitada a assinatura do Termo de

Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), por sua vez, a participação da(os) adolescentes com menos de 18 anos foi concedida pelos pais/responsáveis mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Estes participantes também assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Foram atribuídos nomes fictícios com o intuito de assegurar o anonimato.

### **Resultados e discussão**

Entre os participantes, dois já haviam concluído o ensino médio e seis deles estavam em curso. A maioria dos adolescentes é criada pela figura materna, ou seja, família monoparental – mãe biológica e/ou avó –, além de ter famílias recasadas e uma família nuclear. As famílias compartilham situações de desemprego, pobreza, condições de moradia precária, mortes precoces de pessoas próximas e figuras familiares significativas com dependência alcóolica e abuso de drogas como cocaína, embora nenhum deles tenha relatado abuso de álcool ou outras drogas ou gravidez na adolescência.

No geral, as verbalizações apontam para uma satisfação quanto a ser um beneficiário da ONG, sendo este um espaço que promove bem-estar, segurança e relações satisfatórias entre os adolescentes, as(os) educadoras(es) sociais, Pedro e Ester, e suas famílias. Isso parece ser corroborado pelo longo tempo que a maioria está engajada na instituição, sendo o menor período de seis anos e o maior de 14 anos. Percebe-se que há uma relação (mesossistema) estreita entre a ONG e as famílias das(os) adolescentes atendidos. No período de realização da pesquisa, ocorria semanalmente a distribuição de mantimentos e produtos de higiene, assim como o acompanhamento dos pais na consulta médica anual, à qual todas(os) têm acesso na instituição. Quanto às relações amorosas, uma adolescente namorava há mais de dois anos, seis deles já namoraram por um período similar e apenas um namorou por quatro meses. Uma única participante não teve relação amorosa anterior ao namoro atual.

Um quadro com informações sobre as(os) participantes com nome, idade e violências experienciadas de forma direta e indireta nos microssistemas a) parceria (termo neutro usado neste estudo em substituição das palavras parceira ou parceiro no âmbito da relação amorosa); b) família; c) escola e d) bairro foi construído na

tentativa de ilustrar as diversas maneiras sobre como o fenômeno atravessa as relações das(os) participantes.

Quadro 3 – Violência no contexto de desenvolvimento

	<b>Violência no namoro</b>	<b>Violência Intrafamiliar</b>	<b>Violência na Escola</b>	<b>Violência no bairro</b>
Adélia Prado 18 anos	Sofreu violência psicológica/digital	Presenciou violência física entre os pais e entre um primo e a namorada.	Presenciou violência física entre colegas.	Presenciou violência psicológica na vizinhança
Carolina de Jesus 17 anos	Violência psicológica/física/Digital perpetrada por ambos. Quebrou objeto do parceiro	Sofreu violência psicológica (mãe); presenciou violência física entre tia e marido.	Presenciou bullying e violência física entre colegas.	Presenciou violência física entre vizinhas.
Conceição Evaristo 18 anos	Violência psicológica/digital por ambos	Sofreu violência psicológica (mãe, irmão e tio)	Presenciou bullying	Violência física entre vizinhas(os).
Fernando Sabino 17 anos	Perpetrou violência psicológica	Presenciou violência psicológica e física entre os pais	Perpetrou e sofreu bullying	Presenciou assalto no bairro
Guimarães Rosa 19 anos	Perpetrou violência psicológica/digital	Sofreu violência psicológica (mãe); presenciou violência física entre os pais e psicológica entre a mãe e o padrasto.	Presenciou violência física entre colegas.	Presenciou assalto e violência física entre vizinhas.
João Cabral 18 anos	Violência psicológica/digital/física perpetrada por ambos	Sofreu violência psicológica (mãe).	Sofreu e perpetrou violência física entre colegas.	Presenciou violência física envolvendo tráfico de drogas e polícia
Lenine 16 anos	Violência psicológica/digital por ambos	Presenciou violência psicológica entre os pais; violência física e psicológica entre outras pessoas da família.	Presenciou bullying, brigas de pais e filhos.	Presenciou brigas entre torcidas de futebol
Lia de Itamaracá 18 anos	Violência psicológica perpetrada por ambos. Ela também perpetrou violência digital.	Sofreu ofensa sexual (padrasto). Abandono materno e paterno (abuso de álcool e drogas)	Sofreu bullying e perpetrou violência física	Presenciou brigas de vizinhos (marido e mulher)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As narrativas das(os) adolescentes eram permeadas por experiências singulares dentro de uma realidade que lhes era comum: a violência no seu contexto de desenvolvimento. Ademais, é possível inferir que os processos proximais que

emergiram entre a pesquisadora e as(os) adolescentes promoveram efeitos de competência que estimularam a atenção, a exploração e a imaginação, favorecendo o diálogo e a aquisição de conhecimentos que pareceram conceder certa autonomia ao adolescente para reconhecer e nomear violências e/ou sinais de alerta em seus ambientes ecológicos de desenvolvimento, especialmente nas relações de namoro.

As adaptações impostas pela pandemia não foram regras que impediram a expressão de sentimentos que vieram à tona quando houve a verbalização de temas que suscitaram olhos marejados, risos soltos e espontâneos; observou-se que a comunicação com os olhos pode também ser a mais genuína e respeitosa conexão com a história do outro. Não houve aperto de mão ou até mesmo um abraço, mas teve olhos sorrindo expressando muito obrigada. (Diário de campo).

Com base na análise de conteúdo, quatro categorias emergiram: a) violência no namoro e microssistemas; b) troca de *likes*: tecnologia, namoro e violência; c) atravessamentos de gênero e d) enfrentamento da violência no namoro pelos adolescentes.

### **Violência no namoro e nos microssistemas família, escola e bairro**

A pesquisa evidenciou que a violência no namoro entre adolescentes, especialmente a psicológica, a digital e a física foi um fenômeno naturalizado e com forte presença nas relações amorosas. Resultados semelhantes foram encontrados em estudos nacionais (CARVALHAES; CÁRDENAS, 2021; OLIVEIRA, A. *et al.*, 2021) e internacionais (EISNER, 2021; MARTÍNEZ-HEREDIA *et al.*, 2021; VALDIVIA-PERALTA *et al.*, 2019). Em várias narrativas da pesquisa em questão foi possível identificar a bidirecionalidade (PÉREZ-RUIZ *et al.* 2018), ou seja, a violência mútua entre as parcerias. Entretanto, convém destacar que a dinâmica relacional ora como vítima, ora como perpetrador(a), em alguns casos, não ocorreu durante uma mesma situação de conflito. Dito de outra forma, em determinado cenário, por exemplo, a violência digital foi cometida em dado momento e, posteriormente, observou-se, em outra circunstância, a perpetração da violência psicológica, de forma alternada entre a parceria. Apenas uma adolescente sofreu e dois rapazes perpetraram violência contra a parceira.

Todos as(os) participantes sofreram algum tipo de violência de forma direta ou indireta em seus microssistemas de desenvolvimento. Na família, o abuso de álcool

parece ter potencializado conflitos conjugais que se estenderam aos filhos. Resultados semelhantes foram encontrados por Marcacine *et al.* (2018).

Meu pai mesmo agrediu minha mãe, por conta de bebida, da parte dela. Ele não gostava muito dela chegar bêbada em casa, por conta da gente mesmo, aí sempre reclamava, e tinha sempre violência [...] quando ela bebe muito, ela fala mais alterado, xinga mais, quer dizer, cada palavra dela é um xingamento [...] ela fala coisas que ofende ela mesma que é me chamar de “filho da...” (Guimarães Rosa, 19 anos).

A única forma que minha mãe vê de se divertir é bebendo com as minhas tias, meus primos. Quando ela sai pra beber, ela chega muito tarde. E meu pai não gosta disso. Teve uma vez que minha mãe chegou muito tarde, aí meu pai começou a xingar ela bem alto. Mainha ficou chorando, e ele chamou ela de rapariga, vê só, fiquei muito mal, na mágoa. Eu peguei minha mãe no braço, botei lá no meu quarto e a gente dormiu junto, ela tava chorando muito (Lenine, 16 anos).

Quando ela bebia muito, tipo sempre, ela dizia que a gente não deveria ter tido filho cedo, que se arrependeu de ter filho. Ela era alcóolatra, no vício da cachaça. Ela vinha de tempos em tempos pra casa da minha avó, aí ficava lá às vezes quando tava doente, aí depois ia pra casa com o marido dela, que era outro alcóolatra. Faz seis anos que ela morreu, foi dormir e não acordou mais, tinha 33 anos. Nunca tive uma relação com ela, minha avó e meu avô que criou eu e meus irmãos. Não sei quem é meu pai, minha mãe não se lembrava (Lia de Itamaracá, 18 anos).

Mainha é muito surtada. Principalmente por causa da minha irmã que é muito agitada, a gente não sabe o que é a paz em casa. Ela tava grávida quando o pai da minha irmã morreu, ele foi preso porque ele era traficante. A gente morou nessa época com meu ex-padrasto, mas ela voltou pro meu padrasto agora. Mainha é nova, teve eu com 14 anos e usou muita droga. Mainha é bagulho doido. Agora só fuma um cigarro mesmo, ela é muito estressada (João Cabral, 18 anos).

Foi possível identificar outros episódios de violência psicológica no microsistema familiar contra as(os) adolescentes, desde a infância.

Eles se separaram quando eu tava na barriga dela [...] ele era raparigueiro, traía bastante a minha mãe. E minha mãe já bateu nele várias vezes por causa das traições. Ele nunca bateu nela [...] não era um relacionamento saudável o deles (Adélia Prado, 18 anos).

Ela me xinga, me esculhamba de todos os nomes possíveis. De rapariga, de puta, já me botou pra fora de casa. Ela me machuca muito com as palavras dela. Pra eu não discutir com ela eu guardo pra mim. Eu penso, “ah, devo retribuir com a mesma coisa”. Só que eu prefiro entrar no quarto, chorar e chorar. Aí quando eu me acalmo eu saio de lá. Eu converso muito com Deus (Conceição Evaristo, 18 anos).

Parece que as famílias das(dos) participantes utilizavam a violência como uma forma de comunicação e interação para a resolução dos seus conflitos. A legitimação da violência no âmbito familiar pode ocorrer desde a infância e se concretiza, por exemplo, quando na presença de conflitos os pais respondem com pouca objetividade ao utilizar métodos autoritários que não permitem abertura para a reflexão e o diálogo. De igual forma, verifica-se que o uso de atos violentos como xingamentos tem sido legitimado como condutas aceitas como forma natural de corrigir comportamentos, resolver conflitos e até interagir cotidianamente (MARTÍNEZ-GONZÁLEZ *et al.*, 2014). As relações violentas indicam para TBDH uma disfunção nos processos proximais pela dificuldade da manutenção de trocas recíprocas. Na adolescência, as interações no cotidiano da vida familiar, isto é, os processos proximais, são particularmente importantes, sobretudo no engajamento na comunicação por meio de diálogos, negociações e trocas de argumentos e de opiniões (SENNA; DESSEN, 2012). A repetição da violência que ocorre no âmbito da família estendida para as relações amorosas desperta interesse na comunidade científica. Borges, Heine e Dell'aglio (2020) apontam para o entendimento da chamada transmissão intergeracional da violência, que por sua vez, apresenta consonância com o conceito da TBDH de macrotempo, que compreende o desenvolvimento por meio das mudanças e inter-relações geracionais (LORDELLO; COSTA, 2015). Entretanto, assinala-se que o microsistema em que os processos proximais ocorrem está contido no tempo – o que corrobora para aprofundar as questões intergeracionais das relações desses jovens que expliquem o fenômeno da violência.

A escola é outro microsistema privilegiado para a adolescência, visto que as primeiras relações afetivo-sexuais podem acontecer nesse espaço e as interações com os pares se tornam mais próximas como elemento importante para a diferenciação da família (DINIZ; ALVES, 2015; PÉREZ-RUIZ *et al.*, 2018). Por outro lado, nota-se a manifestação da violência neste espaço. O *bullying* – intimidação sistemática -, é considerado uma violência interpessoal e pode ser compreendida como todo ato de violência física ou psicológica, intencional e persistentes que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de levar à intimidação ou agressão causando dor, humilhação e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (CUNHA; LIMA, 2020; BRASIL, 2015).

A violência que ocorre no âmbito escolar foi um aspecto recorrente nas narrativas, apresentando-se de modo diferenciado em cada experiência verbalizada: ora vítima, ora perpetrador, ora como testemunha. E, em alguns casos, atenuado como se fosse apenas uma “brincadeira” entre colegas.

Briga de menino, briga de menina, *bullying*, eu já vi de tudo naquela escola [...] tem uma escola em frente da minha, que acontece de tudo. De tudo mesmo, a maioria dos meninos que fica lá na frente dessa escola, eles chegam a usar drogas dentro da sala, na frente da escola chega a ter a polícia de manhã e só sai à noite, até revistam os meninos. Eu já defendi um colega que tava sofrendo bullying, dei no menino (Carolina de Jesus, 17 anos).

*Bullying* direto, briga direto, já teve até casos de, de mãe batendo na filha. Pegou pelos cabelos e já com a chinela. Foi pau. Depois de muito tempo, foi que, que um cara separou [...] teve briga desses negócios de time de futebol (Lenine, 16 anos).

Eu já fiz muito *bullying*. Tem um amigo que é gordo, eu brinco com ele, ele vê que não tem nenhum problema de xingar ele assim, xingar não né, brincar, aí chamo de nego, nego burro, só faz merda [...] a gente brinca muito, é normal (João Cabral, 18 anos).

Características da Pessoa como apatia, insegurança, desinteresse pelo ambiente foram identificadas em uma das adolescentes vítima de *bullying*.

Sofri *bullying* do 6º ao 9º. Foi muito tempo. Era todo mundo da sala, mesmo eu tendo amigas, eu tinha 2, 3 pessoas ao meu lado, mas era difícil segurar a barra. Eu tinha tentado denunciar, mas eu não tinha forças pra isso. Então eu fiquei muito tempo sofrendo, infelizmente [...] no começo do ano, eu não tinha um caderno novo, eu não tinha uma calça nova, eu não tinha um sapato novo, tudo que eu tinha era dado. Eu ia com bolsa velha pra escola. E as pessoas zombava da minha cara com isso, dizendo que eu tava parecendo minha avó porque eu ia com aquelas bolsas de lado (Lia de Itamaracá, 18 anos).

O bairro onde as(os) participantes residiam também é atravessado por episódios de violência, como a violência conjugal entre vizinhos, a briga entre vizinhos, além do tráfico de drogas.

Tem briga com a mulher direto no outro beco. Só escuta briga lá. Oxe! Muito B.O [...] cheguei em casa na terça, teve tanto tiro. Aqui é perto do presídio, aí o povo joga droga pelo muro do presídio, na hora eu tava na rua sem camisa e sem sandália, aí eu fiquei com isso aqui (mostrando o arranhão no braço e nas costelas), fiquei com medo (João Cabral, 18 anos).

Ontem por aqui teve tiro. Mas foi bem tranquilo, o cara atirou pro chão, porque teve briga de duas mulheres, então ele teve que reagir, ele tipo deu o tiro pra afastar (Conceição Evaristo, 18 anos).

Tinha uns vizinhos lá que o marido batia na mulher muito. Mas hoje em dia não. Hoje em dia é mais discussão mesmo do marido e mulher. Na frente de casa ouve tudo e ainda vê de camarote (Lia de Itamaracá, 18 anos).

Briga de galera, de gangue de futebol. Mês passado teve uma lá na praça. Os pirraias se reuniram, a torcida lá, a torcida não, os mazelados da jovem e os mazelados da inferno. Se juntou lá no campo. A jovem entrou por um lado, a inferno entrou por outro. A polícia prendeu os pirraia e deram muita pisa (Lenine, 16 anos).

A imersão de crianças e adolescentes em uma comunidade violenta, como as(os) adolescentes que participaram desta pesquisa, pode funcionar como forte contexto de aprendizagem sobre o sistema de crenças normativas a respeito da violência, o que gera aceitação e naturalização das respostas violentas. A “legítima defesa”, “a busca por justiça” e igualdade são crenças legitimadoras da violência com uma ampla presença na comunidade; em lugar de procurar formas para mitigar a ocorrência de comportamentos violentos, acabam por promover um apoio para fazer justiça com as próprias mãos (MARTÍNEZ-GONZÁLEZ *et al.*, 2014). De igual modo, Reidy, Early e Holland (2017) apontam em estudo sobre violência no namoro entre adolescentes expostos a riscos sociais – violência intrafamiliar, violência na escola e na comunidade, pobreza, desemprego entre outros – semelhantes aos participantes desta pesquisa, aponta que tais experiências adversas parecem resultar em estressores crônicos que geraram risco à violência. Investigações recentes (GUERRA; PINTO; HERNÁNDEZ, 2019; REIDY; EARLY; HOLLAND, 2017) chamam a atenção para as consequências negativas da chamada polivitimização, fenômeno descrito como a exposição simultânea a diferentes tipos de violência em vários contextos desde a infância. Intervenções direcionadas a esta população em múltiplos contextos ecológicos podem diminuir as taxas de perpetração e vitimização da violência no namoro durante a adolescência, de modo a projetá-los em trajetórias mais positivas, reduzindo a probabilidade de que se tornem vítimas e perpetradores de violência por parceiro íntimo e, ainda, que sofram desdobramentos adversos à saúde ao longo da vida (REIDY; EARLY; HOLLAND, 2017).

### **Troca de *likes*: tecnologia, namoro e violência**

A melhoria do acesso à Internet é uma realidade para grande parte da população brasileira, incluindo os adolescentes (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL [CGI.br], 2018). O grande número de pessoas desse recorte etário que faz uso da Internet como forma de interação é um dado que merece destaque, visto que, de acordo com Picard (2007), os dispositivos móveis figuram como a principal forma de comunicação entre casais de namorados na adolescência na contemporaneidade. As(os)adolescentes desta pesquisa, possuem celular e acesso à Internet com *wi-fi* dividido com vizinhos. Ademais, relataram a utilização, principalmente, do aplicativo de trocas de mensagens *WhatsApp* para a comunicação entre a parceria, como algo corriqueiro nas relações de namoro. O isolamento social usado como uma das formas de evitar a propagação da pandemia da Covid-19 não foi um fator correlacionado ao aumento da utilização do celular para o contato entre eles, pois residiam muito próximos e, com isso, a frequência com que se encontravam não foi afetada.

As redes sociais figuram como mais uma opção para conhecer pessoas que despertam algum interesse amoroso. Conforme Haack e Falcke (2017), a Internet tem sido utilizada para contatos amorosos e como um meio de aproximar pessoas que talvez nunca se encontrassem sem esse recurso, o que está em consonância com algumas narrativas da nossa pesquisa:

Eu conheci outro no *WhatsApp*, um amigo me colocou no grupo, aí ele também tava no grupo, ele pegou e me chamou no privado, aí foi quando a gente começou a conversar. Ele é de um bairro longe daqui (Carolina de Jesus, 17 anos).

Ela era uma amiga de uma amiga minha, só que eu não conhecia. Eu conheci ela mais nas redes sociais (*Instagram*). A gente tava conversando: “ó, já te vi em tal lugar”, aí eu: “ah sim, tu é amiga de tal pessoa né?”, aí pá, começamos a conversar (Fernando Sabino, 17 anos).

Dentre as redes sociais mais utilizadas destacam-se o *Instagram*, o *Whatsapp* e o *Facebook*. Novos termos foram adicionados e são habituais e frequentes para aqueles que usam a Internet: viralizar, *feed*, *chat*, *selfie*, *like*, *live*, zap (termo coloquial para o aplicativo de trocas de mensagem *WhatsApp*). Scachetti, Oliveira-Monteiro e Taddei (2019, p. 87) referem “é difícil imaginar uma esfera da vida humana que não tenha se transformado com as novas tecnologias, incluindo, sem dúvida, a das

relações amorosas”. Os autores revelam que as demonstrações de afeto também sofreram transformações, sendo expressas nas redes sociais como *Facebook* pelo “curtir” quando alguém de sua rede de contato faz uma publicação.

Porém, algumas “curtidas” de fotos publicadas geraram conflitos e indisposições entre a parceria. Os comportamentos de controle resultam em uma invasão da “privacidade digital” como forma de exercer poder e controle. Somando-se a isso, podem gerar angústia e serem prejudiciais aos casais quando se tornam um padrão de interação do relacionamento (Reed *et al.*, 2016), ponto destacado no relato:

Os amigos da minha namorada ficava em cima comentando em alguma publicação que ela postava no *status*: “Eita, tá linda” [...] a gente arrumou uma briga uma vez que um menino comentou na foto dela e ficou ‘insistindo marcar encontro com ela’, falou “ai, saudades”. Eu falei com ele: “vai ficar nessa?” Aí eu peguei o celular dela e bloqueei logo [...] eu mostro as minhas conversas, daí ela fica tranquila. Eu não minto pra ela, não escondo nada (João Cabral, 18 anos).

Os aplicativos de relacionamentos não foram indicados nas narrativas das(os) adolescentes que participaram da pesquisa. A troca consensual de imagens, textos e vídeos íntimos – *sexting* –, apontada na literatura como possibilidade de iniciação da atividade sexual mediada pela Internet, neste recorte etário, pode ser vivenciada de forma saudável. Os jogos de sedução, a descoberta do prazer sexual, do sentir-se desejada(o) pelo(a) parceiro(a) são comportamentos comuns nesta etapa do desenvolvimento (GÁMEZ-GUADIX; SANTISTEBAN; RESETT, 2017, OUYTSEL *et al.*, 2016; WALRAVE *et al.*, 2015, JIMÉNEZ; MUÑOZ-FERNÁNDEZ; GEA, 2015).

Hoje em dia é normal, porque quando não se encontra e começa a conversar, esquenta as coisas, por exemplo, aí eu peço e mando nudes (Fernando Sabino, 17 anos).

Por outro lado, as narrativas de alguns adolescentes, principalmente as do sexo feminino, evidenciaram um cenário diferente, além do entendimento e preocupação que o nudes (nome coloquial para *sexting*), possa ser disseminado. Do mesmo modo como resultados encontrados por Cardoso, Falcke e Mosmann (2019) em pesquisa realizada com adolescentes de Porto Alegre/RS.

Eu nunca tive vontade de tirar, acho isso uma coisa tão estranha e invasiva da pessoa, de tipo, querer se mostrar, do nada, assim, tipo: “olha aqui meu corpo”. Eu não sou um pedaço de carne pra pessoa querer ficar olhando na foto do celular (Adélia Prado, 18 anos).

Eu não gosto disso. Vai que vaza e viraliza por aí? (Carolina de Jesus, 17 anos).

Por incrível que pareça eu nunca mandei nudes pra minha namorada. Para outras meninas sim, a gente comete erros. Tu nem conhece a pessoa presencialmente, mas aí tu gosta da pessoa, aí as conversas vão ficando mais pra frente. Mas depois tu briga com a pessoa, e aí? E aí que vai dar merda, a pessoa pode mandar pra outro alguém conhecido e já era, viralizou (Lenine, 16 anos).

A disseminação não autorizada de imagem íntima (FRANKEL *et al.*, 2018; REED, TOLMAN, & WARD, 2017), denominada na literatura especializada de “violência sexual digital” (ANDRADE, SAMPAIO, DONARD, 2020), é uma expressão de violência contemporânea com o agravante do rápido compartilhamento, da ubiquidade, da audiência amplificada e a ausência de barreiras geográficas, o que atinge especialmente as mulheres. Não foi identificada a vitimização ou perpetração desta tipologia de violência entre as(os) adolescentes entrevistados. Porém, a expressão da violência digital é também reconhecida por comportamentos de controle e monitoramento da parceria foi amplamente observada nos relacionamentos amorosos destes adolescentes.

Dentre estes, os comportamentos mais observados foram: o controle das atividades on-line da parceria – compartilhamento da senha do celular e dos contatos cadastrados, vigilância das mensagens no aplicativo *WhatsApp*, vigilância e controle das “curtidas” e mensagens recebidas em postagens em redes sociais como o *Instagram*, além de ligações seguidas como forma de controle da localização –. Tais comportamentos foram verificados em outros estudos (REYES, 2017; DONOSO-VÁZQUEZ; HURTADO; BAÑOS, 2017). Para Andrade, Sampaio e Donard (2020), a Internet oferece tanto oportunidades quanto riscos para as relações de namoro adolescentes. Se, por um lado, a Internet os aproxima, facilitando o enamoramento inicial, por outro lado, pode torná-los vulneráveis à exposição da intimidade e à experiência de episódios de violência.

### Atravessamentos de gênero

Como características macrossistêmicas entre as(os) adolescentes, identificaram-se algumas crenças sobre os estereótipos, papéis tradicionais de gênero e crença no amor romântico que parecem sustentar e justificar comportamentos não saudáveis em suas relações amorosas, além de serem percebidos como “proteção”, “forma de amor” e “cuidado”. Tais aspectos também foram encontrados em outros estudos (ANDRADE; SAMPAIO; DONARD, 2020; CARVALHAES; CÁRDENAS, 2021; OLIVEIRA, A. *et al.*, 2021). A reprodução de padrões sociais de gênero vulnerabiliza moças e rapazes de maneiras diferentes. Mesmo com algumas transformações ocorridas, parece ainda pesar sobre as mulheres a ideia do comportamento recatado e mais reservado como algo de relevância para a concretização do namoro ou escolha da parceria amorosa, aspecto observado nessa pesquisa.

Menina pra namorar tem que ser de casa, ter algum limite, ser mais acompanhada pelo pai e pela mãe, que hoje em dia é difícil (Fernando Sabino, 17 anos).

Minha atual namorada sabe cozinhar, gosta de ficar mais na dela e até cuida da casa. Minha ex-namorada dormia o dia inteiro, queria futuro nenhum pra ela mesma e quando não tava dormindo tava na rua conversando com outros (João Cabral, 18 anos).

Em contrapartida, um dos adolescentes verbalizou sobre o privilégio que a figura masculina desfruta na sociedade:

Acho que a gente cresce com a mentalidade que a gente vai ter uma mulher e essa mulher vai ser exclusivamente da gente. Machismo. Errado isso [...] às vezes a pessoa que não deixa o seu par sair, aí ele sai. Aí tipo, eu sou homem. Eu namoro com uma menina, aí eu não vou deixar ela sair e ir pra festa, pra balada, alguma coisa assim. Mas só que eu vou. Enfim, a hipocrisia (Lenine, 16 anos).

Como no estudo de Ruiz (2014), entendemos que alguns episódios de violência estiveram associados às crenças no amor romântico como: “metade da laranja” (há alguém predestinado para cada pessoa, juntamente com a ideia da necessidade de se completar apenas diante da companhia de outro); da “onipotência” (o amor verdadeiro tudo pode); dos “ciúmes” (os comportamentos de controle do(a) parceiro(a) são uma prova de amor). Esses ideais e comportamentos estão presentes nas

relações íntimas de casais adolescentes e passam, na maioria das vezes, como despercebidos, pois são vistos como formas mais sutis de violência.

Eu sempre sentia que ele gostava muito de mim, que ele nunca seria capaz de me oprimir, ou qualquer outra coisa assim. Aí, eu nunca achei que tava vivendo isso (controle das roupas, amigos e atividades de lazer). Eu achava que era mais proteção, alguma coisa assim. Eu brincava de luta com os meninos e ele chegava e dizia: “pô Adélia, tu tá ficando doida? tu tá brincando com um menino”. Ele era amigo do menino. Ele sabia que eu tava brincando, a gente brincava disso também antes de eu namorar com ele (Adélia Prado, 18 anos).

Acho que tem que ter ciúmes, porque quando não tem ciúmes, não se gosta. Minha ex-namorada, tinha muito ciúme de mim. Se ela tem muito ciúme, ela gosta muito de mim (João Cabral, 18 anos).

Tem menina que, é opção dela, porque quando você ama alguém, você tem que tá disposta a fazer tudo com ela. Quando você ama, você tampa os olhos. Quando você tá apaixonado pela pessoa imagina mil maravilhas e tal, e só depois quando sai o encanto, que você percebe que aquilo lhe fez e lhe faz muito mal (Conceição Evaristo, 18 anos).

Oliveira, A. *et al.* (2021, p. 6) apontam, a partir de uma pesquisa com adolescentes entre 14 e 17 anos, “uma postura feminina que busca quebrar com estereótipos socialmente construídos, embora seja através de formas violentas e por vezes, não saudáveis”. Tal fato também foi observado nas narrativas de algumas adolescentes que buscam romper o estereótipo de mulher frágil e submissa:

Nunca vivi violência física, porque como eu tenho um pouquinho de força, se ele (ex-namorado) tentasse alguma coisa, eu ia revidar e ele sabe disso. Agora fiquei pensando: “será que é por isso que ele nunca tentou?”, se ele tentasse, ele ia levar um cacete triste (Adélia Prado, 18 anos).

Já bati mais em meninos na escola. Porque menina é mais cheia de culete. você bate e faz assim: “ain, vou dizer a minha mãe” [...] meu namorado já sabe também. Já dei aquelas tapinhas pra se ligar e puxão de cabelo (Lia de Itamaracá, 18 anos).

Ele não deixava eu andar com a roupa que eu queria. Dizia que minha roupa tava muito curta, mas eu dizia: a roupa é minha [...] uma vez eu fui na casa dele, aí eu tava de short. Aí ele fez assim: “vai vestir uma camisa minha que é maior pra poder ficar com esse short e essa blusa”. Aí eu disse: vou não. Aí ele pegou pelo meu braço e fez: vá vestir. Aí eu fiz: num vô. Aí pronto eu não fui mudar a minha roupa (Carolina de Jesus, 17 anos).

## Enfrentamento da violência no namoro pelos adolescentes

De forma geral, as narrativas sugerem que as(os) adolescentes buscam resolver os conflitos no namoro pelo diálogo. Entretanto, percebe-se neste ponto uma contradição: alguns optavam pelo silenciamento no momento do conflito, outros revidavam por meio de xingamentos e insultos, e em menor incidência por meio de tapas, arranhões e puxão de cabelo.

Recorrer aos amigos foi a alternativa de preferência para compartilhar informações e ajuda sobre as questões relacionadas ao namoro. Tal aspecto converge com os achados de Santos e Murta (2016), uma vez que para muitos é mais fácil dialogar com o grupo de pares do que com os pais. Para Santos (2019), as experiências das relações afetivo-sexuais que costumam ser trocadas apenas com os pares, podem levar os adolescentes a naturalizar o controle e o ciúme como prova de amor e cuidado por também estarem experimentando seus primeiros relacionamentos íntimos.

Verificou-se, ainda, a falta de espaço e abertura, além da diferença entre as gerações para o fortalecimento de conversas sobre relações de namoro e conflitos, especialmente com a figura materna. Em uma narrativa, a adolescente relata que há tentativas de conversa com a mãe sobre namoro, mas sempre resulta em conflitos. Ademais, a presença de comportamentos considerados errados e/ou proibidos pelos pais foi outro dificultador encontrado entre as(os) adolescentes. A mesma questão foi vista na pesquisa de Santos (2019), destacando que a cultura adultocêntrica (macrossistema) minimiza os dilemas que surgem com o início do envolvimento dos adolescentes em suas primeiras relações amorosas. Muitas vezes, os adultos presentes nos microsistemas da pessoa não se dispõem ou quiçá não apresentam recursos biopsicossociais (Pessoa) para a realização de trocas recíprocas sobre a temática namoro, relações saudáveis ou mesmo violentas.

Eu e minhas primas a gente conversa sobre tudo, de namoro, de abuso. Me sinto segura quando estou com elas [...] eu me decepcionei muito por conta da minha mãe, ela gostava muito dele. Ela chegou a me expulsar de casa, porque eu tinha terminado com ele, foi muito tenso. Ela me colocava muito pra baixo por conta dele. Ela achava ele um príncipe. Ela ouviu uma voz do Senhor, e achava que era pra ela cuidar dele. Mas, eu não queria um namorado que usasse drogas (Conceição Evaristo, 18 anos).

Minha mãe tem um pensamento muito fechado. Por mais que ela diga, que dê abertura pra gente poder conversar com ela. Quando a gente vai tentar conversar, a gente discute, tem discórdia. No caso, ela fala uma coisa, eu falo outra, a gente não se bate. E tipo, meio que cria uma barreira entre mim e ela, é só o pensamento dela [...] daí converso com minhas amigas. A gente fala até sobre relações abusivas (Carolina de Jesus, 17 anos).

Converso bastante com um amigo. Já dei conselhos pra ele também sobre namoro e tal [...] sou conselheiro porque tenho mais experiência do que ele (João Cabral, 18 anos).

Boa parte das(os) adolescentes conhece alguém do mesmo recorte etário – pares – que já se envolveu em um relacionamento perpassado pela violência do tipo psicológica e física no namoro, referindo-se à questão como algo naturalizado e, em alguns casos, aceito como justificativa de um comportamento violento com outro. Estudos (BORGES; HEINE; DELL'AGLIO, 2020; SANTOS; MURTA, 2016) apontam que ter amigas(os) que vivenciam alguma expressão de violência na relação amorosa pode ser uma variável contextual correlacionada com o fenômeno.

Minha amiga tem um namoro agressivo psicologicamente [...] ela não pode sair com a gente, tem que se encontrar uma na casa da outra. Ele leva e busca ela. Ela fica falando que é cuidado dele, a gente já tentou conversar com ela sobre, mas ela não escuta. E ele é muito grosso em relação a muita coisa [...] ela já tá há 2 anos com ele já, pra ela já tá normal (Adélia Prado, 18 anos).

A namorada do meu amigo deu um murro na cara dele [...] ele se controlou assim e tal. Depois ela jogou não sei o que nele e foi pra cima. Aí depois ele deu uma rasteira nos pés dela pra parar a briga (João Cabral, 18 anos).

Meu amigo namora com uma menina. A gente sempre joga bola junto. Aí, tem vez que ela não deixa ele ir, por ciúme, insegurança, porque ele também ele já fez muita merda [...] teve uma vez, semana passada, que eu tive que ir lá pra conversar com ela, pra ela deixar ele ir jogar bola com a gente, eu comecei a brincar com ela, a tirar onda, aí depois ela deu o alvará (Lenine, 16 anos).

Não tenho amigo ou amiga que bate. Eu tenho um amigo que jogava futebol. Aí a opinião da namorada dele influencia muito nas coisas que ele vai fazer. Ela fala, aí ele não faz, essa coisa de controle. Pra ele é cuidado dela (Fernando Sabino, 17 anos).

A escola, a ONG e os Programas de Aprendizagem Profissional foram microssistemas citados para uma possível construção futura de ações preventivas e interventivas sobre a violência no namoro por meio de palestras, rodas de conversas

e até mesmo artesanato como atividades constantes e não apenas pontuais. Alguns relatam que ações relacionadas à temática da violência contra a mulher, abuso de drogas, ISTs (Infecções sexualmente transmissíveis) e gravidez na adolescência costumam ocorrer com bastante frequência e relatam a repetição dos temas abordados.

Eu sei que uma gravidez indesejada não é legal. Eu sei que uma doença também não é legal, mas namoro abusivo é legal? Seria muito bom trocar esse assunto nas escolas. É sempre bom renovar, né? Eu particularmente não aguento mais os mesmos temas (Conceição Evaristo, 18 anos).

Todo mundo fala de violência contra a mulher, mas tudo começa na adolescência, né? Acho muito bom falar isso na escola (Guimaraes Rosa, 19 anos).

Quanto ao exossistema destes adolescentes, não há relatos de políticas públicas nacionais com foco na prevenção e no atendimento aos adolescentes vítimas e/ou autores de violência no namoro, realidade diferente da encontrada nos Estados Unidos, que apresenta ações preventivas e interventivas sobre a temática em escolas e Organizações Não Governamentais, desde o início da adolescência (CDC, 2020). Nesta perspectiva, o PSE (Programa Saúde na Escola, BRASIL, 2007) desenvolvido pelo Ministério da Educação poderia ser uma porta de entrada para ações de enfrentamento ao fenômeno. O programa visa a formação integral de crianças e jovens através de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, tendo em vista o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento deste grupo etário da rede pública de ensino, além de propor o fortalecimento da interlocução da educação e da saúde (Brasil, 2007).

### **Considerações finais**

O estudo buscou compreender a influência do contexto nas relações de namoro e as estratégias adotadas por adolescentes diante da violência, à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Verificou-se que adolescentes eram vítimas direta ou indireta da violência nos seus principais microssistemas de desenvolvimento - família, escola e bairro, expostos simultaneamente a diferentes tipos de violência em vários contextos desde a infância, fenômeno descrito como

polivitimização. A Internet parecia oferecer tanto oportunidades quanto riscos para as relações de namoro desses adolescentes. Por um lado, esta os aproximava, facilitando o enamoramento inicial, de outro modo, os tornava mais suscetíveis à ocorrência da violência digital, concretizada pelos comportamentos de controle e vigilância.

A inserção ecológica propiciou a compreensão de que o namoro pode ser visto como processo proximal que compreende interações complexas, duradouras e bidirecionais. Nesse fenômeno, a pessoa estabelece em seu ambiente imediato, ao longo do curso do seu desenvolvimento, relações com outras pessoas (namoro), objetos (tecnologia por meio de dispositivos eletrônicos como *smartphones*) e símbolos (crença pessoal no amor romântico).

A reprodução de padrões sociais de gênero, bem como a crença no amor romântico vulnerabilizavam moças e rapazes de maneiras diferentes. De modo geral, os adolescentes recorriam principalmente aos amigos como estratégia de enfrentamento da violência no namoro, sugerindo falta de espaço e abertura para o diálogo, além de diferenças intergeracionais. A escola, a ONG e os Programas de Aprendizagem Profissional foram locais citados para possível construção futura de ações preventivas e interventivas sobre a violência no namoro por meio de palestras e rodas de conversas como atividades constantes e não apenas pontuais.



## 8. Considerações Finais

No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover em direção à liberdade, a agir de formas que libertam a nós e aos outros.

**bell hooks**

Um dos elementos centrais que justificou o desenvolvimento desta pesquisa foi o reconhecimento de que a violência no namoro entre adolescentes é um fenômeno complexo e multifacetado (violência física, sexual, psicológica, digital, dentre outras possibilidades expressivas), configurando um problema de saúde pública e preditor de violência conjugal.

A tese apresentou uma leitura do fenômeno da violência no namoro entre adolescentes à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH). Compreendeu-se, a partir desta pesquisa que não se trata de um fenômeno linear e de causa-efeito, mas sim de causalidades múltiplas, onde há uma complexa rede de determinantes para que episódios de violência ocorram ou não. Nesta perspectiva, o adolescente foi compreendido na inter-relação com as particularidades do seu contexto de desenvolvimento.

Características da pessoa como a imaturidade, o estresse, a impulsividade e a insegurança foram ressaltadas pelas(os) adolescentes como comportamentos que eliciaram episódios de violência. Em contrapartida, a abertura para o diálogo, a extroversão, o reconhecimento de comportamentos abusivos por algumas adolescentes foram compreendidos como ação transformadora, com vistas a romper o ciclo de violência em suas relações afetivo-sexuais. As relações de namoro foram vistas como processos proximais, pois compreendem as interações complexas, duradouras e bidirecionais que a pessoa estabelece no curso do seu desenvolvimento com outras pessoas (parceria), objetos (tecnologia por meio de dispositivos eletrônicos como *smartphones*) e símbolos (crença pessoal no amor romântico) em seu ambiente imediato. Além disso, essas relações parecem mostrar mais efeitos de disfunção do que competência, ressaltando-se que esses se modificam de maneira articulada com as características da pessoa em desenvolvimento e não devem ser considerados estáticos e determinantes. Relacionamentos saudáveis perpassam aspectos como confiança, privacidade, fidelidade, respeito, honestidade, limites, comunicação e amizade, podendo ser consideradas disposições organizadoras e processos proximais que geram competência e aquisição de conhecimentos e habilidades.

Os microsistemas de desenvolvimento como família, escola e bairro estiveram, nesta pesquisa, permeados por relações violentas. O grupo de pares (amigos) foi a principal rede de apoio para os adolescentes na partilha de experiências e conselhos sobre o namoro. Boa parte dos adolescentes não encontrou abertura para

o diálogo em questões relacionadas ao namoro e conflitos de tal relação, marcadas também por diferenças intergeracionais, especialmente com a figura materna ou responsáveis.

O mesossistema esteve representado na articulação entre os microsistemas nos quais estavam inseridos como a relação próxima entre a família e a ONG. Assim, estar namorando não se tornou situação impeditiva para a realização de outras atividades cotidianas, como fazer atividades físicas, frequentar um parque próximo ao bairro, trabalhar, continuar indo à ONG ou simplesmente acompanhar um(a) amiga(o) na execução de uma tarefa, os quais são considerados pontos positivos para a ocorrência de processos proximais em outros microsistemas igualmente importantes.

No que remete ao exossistema, não localizamos relatos de políticas públicas nacionais com foco na prevenção, intervenção e no atendimento aos adolescentes vítimas e/ou autores de violência no namoro. Como aspectos macrossistêmicos, os estereótipos e papéis tradicionais de gênero e crença no amor romântico pareciam sustentar relações amorosas prejudiciais e que justificam o poder e controle sobre o outro, vulnerabilizado ainda mais moças e rapazes de formas diferentes. As normas sociais e culturais pareciam sustentar a violência como forma aceitável para a resolução de conflitos, vista como algo cotidiano e normal, o que contribui para sua naturalização e legitimação.

O tempo promoveu a descoberta de sentimentos bons e experiências que proporcionaram momentos de aprendizagens, abarcando as mudanças da pessoa em sua história de vida. A transgeracionalidade da violência (transmissões de padrões relacionais entre as gerações) esteve em consonância com o conceito da TBDH de macrotempo, que compreende o desenvolvimento por meio das mudanças e inter-relações geracionais.

No cenário brasileiro, os estudos sobre a temática da violência no namoro entre adolescentes encontram-se em fase de expansão. Entretanto, ao comparar as pesquisas, a mobilização social e as políticas públicas em torno da violência conjugal e contra a mulher, a articulação e os resultados práticos ainda são reduzidos.

Embora não tenhamos pretendido limitar a pesquisa às relações heterossexuais, as(os) adolescentes que participaram do estudo estavam envolvidos com pares de sexo oposto, o que pode ser apontado como uma limitação da pesquisa. Recomenda-se a compreensão da dinâmica relacional de namoro e violência na população LGBTQIA+.

Como indicação de investigações futuras, sugerimos também o estudo da prevalência da violência no namoro no cenário brasileiro, o que pode incluir ambientes diversos, como o escolar (inicialmente pretendido nesta pesquisa). Até o momento, além da pesquisa em 10 capitais brasileiras, produzida pela FIOCRUZ entre 2007 e 2009, publicada em 2011, não foram identificados outros estudos de abrangência nacional ou mesmo a divulgação de dados estatísticos oficiais sobre prevalência e incidência do fenômeno entre adolescentes. A bidirecionalidade da violência no namoro é um aspecto que merece destaque e maior aprofundamento nas pesquisas. Construir ações preventivas e interventivas no âmbito dos relacionamentos amorosos vai ao encontro do que preconiza a OMS (2016): a violência é um problema que pode ser evitado e prevenido. Este órgão vem adotando a perspectiva da TBDH no enfrentamento desse grave problema de social e de saúde pública, segundo a qual adolescentes de todos os sexos e outros atores (professores, familiares, profissionais de saúde) são considerados protagonistas em ações preventivas e interventivas. Nesse sentido, enquanto fenômeno complexo e multifacetado, parece urgente a construção de políticas públicas nacionais que atuem em diferentes níveis: individual, família, escola e espaços de formação profissional, comunitário e social. Dessa forma, uma rede de prevenção e enfrentamento à violência no namoro pode ser formada por atores interconectados com a finalidade de juntos fomentar relações amorosas mais gratificantes, dignas e igualitárias a adolescentes de todos os sexos, à guisa de relações íntimas promotoras de desenvolvimento saudável.

Recomendamos que as ações levem em consideração as várias expressões da violência – física, psicológica, sexual e a digital – em seus amplos desdobramentos para a saúde física e mental. Esta pesquisa pôde evidenciar, a partir do reconhecimento do subsistema tecnológico, que este é estendível à adolescência e possivelmente a todo o ciclo do desenvolvimento. Além de ser um microsistema com o qual os adolescentes estão diretamente envolvidos, o subsistema tecnológico foi visto como mais um contexto de perpetração e vitimização de violência, seja por meio do monitoramento contínuo das atividades on-line das(os) parceiras(os) ou mesmo por ser mais um local de aprendizagem de respostas violentas. Ademais, há que se evidenciar o potencial positivo da internet no enfrentamento da violência, tal como alguns estudos recentes (sobretudo internacionais) vêm buscando fazer.

Com base no aprofundamento da compreensão da violência no namoro entre adolescentes, apostamos que esse conhecimento possa promover debates e

reflexões entre profissionais de variadas áreas que trabalham com essa população. Para o campo da Psicologia Clínica, esta pesquisa representa um convite para que seus profissionais oportunizem escuta qualificada, na qual os adolescentes se sintam seguros e acima de tudo, respeitados ao compartilhar suas vivências afetivo-sexuais, compreendendo e quiçá podendo se ressituar diante de possíveis repetições intergeracionais e papéis deterministas, cultural e socialmente arraigados.

Espera-se, ainda, que esta pesquisa possa ser inspiração para a construção de ações que promovam relações saudáveis para adolescentes de todos os sexos, pois todas as pessoas merecem desfrutar de relações que impulsionem seu crescimento e como Bronfenbrenner (2011) defende “tornar seres humanos mais humanos”.

## REFERÊNCIAS

- ABILLEIRA, M. P. *et al.* Personality characteristics of a sample of violent adolescents against their partners. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 32, n. 11, 2019.
- ALEGRÍA DEL ÁNGEL, M.; BARRAZA, A. R. Violencia en el noviazgo: perpetuación, victimización y violencia mutua. Una revisión. **Actualidades en Psicología**, v. 29, n. 118, p. 57–72, 2015.
- ALGOVIA, E. B.; RIVERO, E. R.; CABRERA, J. J. V. Tolerancia y justificación de la violencia de pareja adolescentes. **Apuntes de Psicología**, v. 35, n. 1, p. 55–61, 2017.
- AMANOR-BOADU, Y. *et al.* Impact of dating violence on male and female college students. **Partner Abuse**, v. 2, n. 3, p. 323–343, 2011.
- ANDRADE, T. A. **As relações amorosas do adolescente com histórico de violência intrafamiliar**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, 2018.
- ANDRADE, T. A.; LIMA, A. O. A transmissão intergeracional da violência no namoro: um estudo de caso. *In*: Moreira, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (org.). **Adolescentes & Adolescências: família, escola e sociedade**. Curitiba: CRV, 2018. p. 287–306.
- ANDRADE, T. A.; SAMPAIO, M. A. C.; DONARD, V. Análise da produção científica sobre a violência digital no namoro entre adolescentes: uma revisão sistemática. **Psico**, v. 51, n. 4, p. 1–14, 2020.
- ANDRADE, T. A.; UCHÔA, S. Instrumentos para mensurar a violência no namoro: revisão sistemática da literatura latino-americana. *In*: LIMA, A. O.; ANDRADE, T. A.; CUNHA, U. C. (org.). **Juventudes: pesquisas e campos de atuação**. Curitiba: CRV, 2020. p. 53–62.
- ANTONIO, R.; MORENO, R. A.; ROSO, M. C. Transtorno depressivo. *In*: ABREU, C. N. *et al.* (org.). **Síndromes psiquiátricas: diagnóstico e entrevista para profissionais da saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 39–45.
- ASSIS, S. G. *et al.* Violência na família, na escola e na comunidade e relações afetivos-sexuais. *In*: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (org.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. p. 153–183.
- APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. **Folha Informativa: violência no namoro**. Lisboa, 2015.
- BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. Q. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 1, p. 233–243, 2013.

BARREIRA, A. K. *et al.* Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. 1, p. 217–228, 2014.

BARTER, C. *et al.* Young people's online and face-to-face experiences of interpersonal violence and abuse and their subjective impact across five European countries. **Psychology of Violence**, v. 7, n. 3, p. 375–384, 2017.

BARTH, B.; WAGNER, A.; LEVANDOWSKI, D. C. Descrição cronológica das manifestações amorosas de adolescentes do sul do Brasil. **Psicologia Teoria e Prática**, v. 19, n. 2, p. 287–301, 2017.

BASILE, K.C. *et al.* Interpersonal Violence Victimization Among High School Students - Youth Risk Behavior Survey, United States, **MMWR supplements**, v. 69, n.1, 2020.

BATISTA, J. M. S. *et al.* O modelo bioecológico: desvendando contribuições para a praxis da enfermagem diante da violência doméstica. **Escola Anna Nery**, v. 17, n. 1, p. 173–178, 2013.

BÉLEN, M. El mundo social del adolescente: amistades y pareja. *In*: ESTÉVEZ, E. (coord.). **Los problemas en la adolescencia**: respuestas y sugerencias para padres y profesionales. Madrid: Editorial Sistensis, 2013. p. 7–25.

BELSKY, J. Child Maltreatment: an Ecological Integration. **American Psychologist**, v. 35, n. 4, p. 320–335, 1980.

BESERRA, M. A. *et al.* Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 1, p. 183–191, 2016.

BOND, M.; BEDENLIER, S. Facilitating student engagement through educational technology: towards a conceptual framework. **Journal of Interactive Media in Education**, v. 1, n. 11, p. 1–14, 2019.

BORGES, J. L. B.; DELL'AGLIO, D. D. Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2018.

BORGES, J. L.; DELL'AGLIO, D. D. Stalking Following the Breakup of Dating Relationships in Adolescence. **Trends in Psychology**, v. 27, n. 2, p. 413–426, 2019.

BORGES, J. L.; HEINE, J. A.; DELL'AGLIO, D. D. Personal and contextual predictors for adolescent dating violence perpetration. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 460–470, 2020.

BORGES, J.L. *et al.* Patterns of perpetration and perceptions of teen dating violence. **Psico-USF**, v. 25, n. 2, p. 235-245, 2020.

BRANCAGLIONI, B. C. A.; FONSECA, R. M. G. S. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 5, p. 946–955, 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 10 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola (PSE)**. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Brasília, 2007.

BRASIL. **Lei nº 13.185**, de 06 de novembro de 2015. Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm). Acesso em: 3 dez. 2021.

BREIDING, M. J.; CHEN, J.; BLACK, M. C. **Intimate Partner Violence in the United States — 2010**. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention, 2014.

BRÊTAS, J. R. D. *et al.* Relações sem compromisso entre adolescentes. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 28, n. 1, p. 31–38, 2017.

BRETON, D. Adolescência e comunicação. *In*: LIMA, N. L. *et al.* (org.). **Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares**. Belo Horizonte: Artesã, 2017. p. 15–31.

BRIDI, M. A. A pandemia de COVID-19: crise e deteriorização do mercado de trabalho no Brasil. **Estudos Avançados**, n. 34, v. 100, p. 141–165, 2020.

BRINKLEY, D. *et al.* Sending and receiving text messages with sexual content: Relations with early sexual activity and borderline personality features in late adolescence. **Computers in Human Behavior**, v. 70, p.119–130, 2017.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The bioecological model of human development. *In*: LERNER, R. M.; DAMON, W. (ed.). **Handbook of child psychology: Theoretical models of human development**. Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc, 2006. p. 35–52.

Break The Cycle. **Dating abuse advocacy toolkit**: written by and for young people. United States, 2019.

BREAK THE CYCLE. **Let's be real**. Warning signs of dating abuse. United States, 2017.

Break The Cycle. **Password**: consente. A campaign to end The Red Zone on college campuses. United States, 2017.

CAMPEIZ, A. B. *et al.* Percepções de adolescentes que vivenciaram a violência no relacionamento íntimo à luz da complexidade. **Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, 2017a.

CAMPEIZ, A. B. *et al.* **Percepções de adolescentes que vivenciaram a violência no relacionamento íntimo à luz da complexidade**. 2017. Trabalho apresentado no Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, v. 2, 2017b.

CAMPEIZ, A. B. *et al.* Violence in intimate relationships from the point of view of adolescents: perspectives of the Complexity Paradigm. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, p. 1–9, 2020.

CAMPOS, D.M.S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CARDOSO, T. C.; FALCKE, D.; MOSMANN, C. P. *Sexting*: percepções de adolescentes sobre o fenômeno e acerca do papel das relações familiares. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 3, p. 665–685, 2019.

CARIDADE, S.; BARROS, S. Dating violence, ideation and suicidal behaviors. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 19, n. 2, p. 323–336, 2018.

CARVALHAES, R. S.; CÁRDENAS, M. M. “Namorar é só sofrência”: violências na relação afetivo-sexual de adolescentes de uma escola na região Costa Verde, Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 26, n. 07, p. 2719–2728, 2021.

CARVALHO-BARRETO, A. *et al.* Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 1, p. 86–92, 2009.

CARVALHO-BARRETO, A. Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Psicologia em Revista**, v. 22, n. 2, p. 275–293, 2016.

CASTRO, R.; CASIQUE, I. **Violencia en el noviazgo entre los jóvenes mexicanos**. Cuernavaca: UNAM, 2010.

CDC – Center disease control and prevention. **Preventing Teen Dating Violence**, United States, 2020.

CDC – Center disease control and prevention. **Understanding Teen Dating Violence**. United States, 2016.

CECCONELLO, A.M.; KOLLER, S. H. Inserção Ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *In*: KOLLER, S. H.; MORAIS, N. A.; PALUDO, S. S. (org.). **Inserção ecológica**: um método de estudo do desenvolvimento humano. São Paulo: Pearson, 2016. p. 39–64.

CEBRIÁN, J. L. **A rede**: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999.

CECCHETTO, F. *et al.* Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853–864, 2016.

CECCONELLO, Alessandra Marques; KOLLER, Sílvia Helena. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, 2003.

CHAVES, J. C. Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 320–330, 2016.

CHOI, H.; OUYTSEL, J.; TEMPLE, J. Association between sexting and sexual coercion among female adolescents. **Journal of Adolescence**, v. 53, p. 164–168, 2016.

CLOUTIER, R.; DRAPEAU, S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 2012.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2017. **CGI.br**, São Paulo, 2018.

COPPETI, F.; KREBS, R. J. As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. *In*: KOLLER, S. H. (org.). **Ecologia do desenvolvimento humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. Itatiba: Casapsi, 2011. p. 315–339.

COSCIONI, V. *et al.* Pressupostos teórico-metodológicos da teoria Bioecológica do desenvolvimento humano: uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa. **Psicologia USP**, v. 29, n. 3, p. 363–373, 2018.

COSTA, M. F. G.; CAVALCANTE, L. I. C.; COSTA, E. F. O trabalho dos pais e o desenvolvimento dos filhos no contexto da pandemia de COVID-19: Um olhar bioecológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. 1-11, 2021.

COSTA, F. B. S.; MIRANDA, C. E. S. Sexual violence and dating: experience of victimization and impacts on adolescent relationships. **Acta Scientiarum**. Human Social Sciences, v. 42, 2020.

CUNHA, U. C.; LIMA, A. O. Violência no ambiente escolar: uma visão sistêmica do bullying. *In*: Josimar Antônio de Alcântara Mendes; Julia Bucher Nobre Ferro Bucher-Maluschke (org.). **Perspectiva sistêmica e práticas em psicologia**: temas e campos de atuação. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2020, v. 1, p. 35–52.

D’AFFONSECA, S. M. *et al.* Violência no namoro: pesquisa e intervenção. *In*: MURTA, S. G.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S. (org.). **Violência no namoro**: estudos, prevenção e psicoterapia. Curitiba: Appris, 2015. p. 309–325.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1163–1178, 2007.

DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. A pesquisa ecológica sobre violência no microsistema familiar. *In*: KOLLER, S. H. (org.). **Ecologia do desenvolvimento humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. Itatiba: Casapsi, 2011. p. 315–339.

DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Uma família fisicamente violenta: uma visão pela teoria Bioecológica do desenvolvimento humano. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 17–30, 2010.

DELL PRIORI, M. **A família no Brasil colonial**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

DELL PRIORI, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

DICK, R. N. *et al.* Cyber Dating Abuse Among Teens Using School-Based Health Centers. **Pediatrics**, v. 134, n. 6, p. 1560–1567, 2014.

DINIZ, G. R. S.; ALVES, C. O. Gênero e violência no namoro. *In*: MURTA, S. G.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S (org.). **Violência no namoro**: estudos, prevenção e psicoterapia. Curitiba: Appris, 2015. p. 19–42.

DIXON, L.; ARCHER, J.; GRAHAM-KEVAN, N. Perpetrator programmes for partner violence: Are they based on ideology or evidence? **Legal and Criminological Psychology**, v. 17, p. 196–215, 2012.

DONOSO-VÁSQUEZ, T.; HURTADO, M. J. R.; BAÑOS, R. V. Las ciberagresiones en función del género. **Revista de Investigación Educativa**, n. 35, v. 1, p. 197–214, 2017.

DOUCETTE, H. *et al.* Perpetration of electronic intrusiveness among adolescent females: Associations with In-Person Dating Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, p. 1–21, 2018.

EISNER, Manuel. The gender symmetry problem in physical teen dating violence: A commentary and suggestions for a research agenda. **Child & Adolescent Development**. p. 157–168, 2021.

ESQUIVEL-SANTOVEÑA, E. E. *et al.* Perpetración de violencia de pareja (VP), factores de riesgo y salud mental em hombres e mujeres en relaciones de noviazgo. *In*: García-Meraz, M. *et al.* (org.). **Violencia interpersonal**: del ámbito escolar, al noviazgo y el acoso. México: Universidad Autónoma de Nuevo León, 2019. p. 55–84.

EXNER-CORTENS, D.; ECKENRODE, J.; ROTHMAN, E. Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. **Pediatrics**, v. 131, n. 1, p. 71–78, 2013.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. *In*: WAGNER, A. **Como se perpetua a**

**família:** a transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014. p. 25–46.

FERNÁNDEZ-FUERTES, A. A.; ORGAZ-BAZ, M. B.; LIMA-SILVA, M. de. Agresiones en el noviazgo: um estudio com adolescentes de Heredia, Costa Rica. **Revista Eletrônica Educare** (Educare Eletronic Journal), v. 19, n. 3, p. 1–27, 2015.

FERNÁNDEZ-FUERTES, A. A.; ORGAZ, B.; FUERTES, A. Características del comportamiento agresivo en las parejas adolescentes españoles. **Behavioral Psychology/Psicología Conductual**, p. 501–522, 2011.

FERREIRA, M.; ABREU, A. L.; NEVES, S. **Guião para a Prevenção da Violência no Namoro em Contexto Universitário**. Programa de Prevenção da Violência no Namoro em Contexto Universitário. Associação Plano I: UNI mais. Portugal, 2019.

FERRETO, E. O.; ROMERO, I. T. **Modelo ecológico para una vida libre de violencia de género en ciudades seguras (Propuesta conceptual)**. Juarez, México: Comisión Nacional para Prevenir y Erradicar la Violencia contra las Mujeres, 2009.

FLACH, R. M. D.; DESLANDES, S. F. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 7, p. 1–19, 2017.

FLACH, R. M. D.; DESLANDES, S. F. Abuso digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 1, 2019.

FLAKE, T. A. Violência e depressão nas relações de intimidade: estudo entre jovens universitários brasileiros. **Psicologia: Ensino e Formação**, v. 8, n. 1, p. 70–82, 2017.

FOSHEE, V. A.; ARRIAGA, X. B. Adolescent dating violence: do adolescents follow in their friends or their parentes footsteps? **Journal of Interpersonal Violence**, v. 19, n. 2, p. 162–184, 2004.

FRANKEL, A. S. *et al.* Sexting, risk behavior and mental health in adolescents: an examination of 2015 Pennsylvania Youth Risk Behavior survey data. **Journal of School Health**, v. 88, n. 3, 190–199, 2018.

FUTURE WITHOUT VIOLENCE. **Know the warning signs for an abusive relationship**. United States, 2015.

GÁMEZ-GUADIX, M.; SANTISTEBAN, P.; RESETT, S. Sexting among Spanish adolescents: Prevalence and personality profiles. **Psicothema**, v. 29, n. 1, p. 29–34, 2017.

GARCIA, C. Y. J. Prevención de violencia en el noviazgo en adolescentes de secundaria y padres de familia en Jiutepec, Morelos. 2015. Dissertação (Mestrado) – Escuela de Salud Pública de México, Ciencias Sociales y del Comportamiento. Instituto Nacional de Salud Pública, 2015.

GOMES, R. *et al.* Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. *In:* MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (org.). **Avaliação por triangulação de métodos:** abordagens de programas sociais. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005. p. 185–221.

GOMES, R. Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. *In:* MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (org.). **Amor e violência:** um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. p. 141–151.

GRACIA-LEIVA, M. *et al.* La violencia en el noviazgo (VN): una revisión de meta-análisis. **Annals of Psychology**, v. 35, n. 2, p. 300–313, 2019.

GUERRA, C.; PINTO, C. C.; HERNÁNDEZ, V. A. Polivictimización y su relación con las conductas autoagresivas y con la depreción en adolescentes. **Revista Chilena de Neuro-Psiquiatria**, v. 52, n. 2, p. 100–106, 2019.

GUEVARA-MARTÍNEZ, C. *et al.* The intergenerational transmission of violence in Mexican adolescents' engagement. **Tesis Psicológica**, v. 12, n. 1 p. 44–59, 2017.

HAACK, K. R.; FALCKE, D. Rel@cionamentos.com: diferenciando os relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela internet. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 26, n. 1, p. 31–44, 2017.

HEISE, L. L. Violence against women: an integrated, ecological framework. **Violence against Women**, v. 4, n. 3, p. 262–290, 1998.

HELLEVIK, P.; ØVERLIEN, C. Teenage intimate partner violence: Factors associated with victimization among Norwegian youths. **Scandinavian Journal of Public Health**, v. 44, p. 702–708, 2016.

IDAHO Coalition Against Sexual & Domestic Violence. **Social Change to End Gender Violence:** Comprehensive strategies to end gender violence – adolescent relationship abuse, dating violence, sexual harassment, sexual assault, rape, and other forms of gender violence. Idaho: United States, 2021.

JIMÉNEZ, V.; MUÑOZ-FERNÁNDEZ, N.; GEA, E. El cibercortejo en la adolescencia: riesgos e impacto emocional de la ciberconducta sexual. **Psychology, Society, & Education**, v. 7, n. 2, p. 227–240, 2015.

JOHNSON, G. M. Internet Use and child development: the techno-microsystem. **Australian Journal of Educational & Developmental Psychology**, v. 10, p. 32–43, 2010.

JOHNSON, G. M.; PUPLAMPU, K. P. Internet use during childhood and the ecological techno-subsystem. **Canadian Journal of Learning and Technology**, v. 34, 2008.

KANN, L. *et al.* Youth Risk Behavior Surveillance- 2017. **Youth Risk Behavior Surveillance Report – 2017**. Department of Health and Human Services, Centers for Disease Control and Prevention, United States, v. 67, n. 8, p. 1–114, 2018.

KOLLER, S. H.; MORAIS, N. A.; PALUDO, S. S. (org.). **Inserção ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano**. São Paulo: Pearson, 2016.

KOLLER, S.H.; RAFFAELLI, M.; MORAIS, N. A. From theory to methodology: using ecological engagement to study development in context. **Child Development Perspectives**, p. 1–7, 2020.

LAZAREVICH, I. *et al.* Violencia en el noviazgo y salud mental en estudiantes universitarios mexicanos. **Global Health Promotion**, v. 20, n. 3, p. 94–103, 2013.

LEAHY, R. L. **A cura do ciúme**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

LORDELLO, S.; COSTA, L. F. Quando o príncipe vira sapo: identificando os sinais da transformação. *In*: MURTA, S. G.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S. (org.). **Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia**. Curitiba: Appris, 2015. p. 53–73.

LOVE IS RESPECT. **Huddle up for health relationships: 2019 teen dating violence awareness month toolkit**. United States, 2019.

LUCERO, J. L. *et al.* Exploring gender differences: socially interactive technology use/abuse among dating teens. **Journal of Women and Social Work**, v. 29, n. 4, p. 478–491, 2014.

LUCIO-LÓPEZ, L. A.; PIETRO-QUEZADA, P. Violencia en el ciberespacio en las relaciones de noviazgo adolescente: un estudio exploratorio en estudiantes mexicanos de escuelas preparatorias. **Revista Educacion y Desarrollo**, v. 31, p. 61–72, 2014.

MAKEPEACE, J. M. Gender difference in courtship violence victimization. **Family Relations**, n. 35, p. 383–388, 1981.

MARCACINE, K. *et al.* Violência por parceiro íntimo entre puérperas: fatores associados. **Revista Brasileira De Enfermagem**, 71, suppl. 3, p. 1306–1312, 2018.

MARTÍNEZ-GÓMEZ, J.A.; VARGAS-GUTIÉRREZ, R; NOVOA-GÓMEZ, M. Relación entre la violencia en el noviazgo y observación de modelos parentales de maltrato. **Psychologia. Avances de la disciplina**, v. 10, n. 1, p. 101–112, enero/junio, 2016,

MARTÍNEZ-GÓMEZ, J.A. *et al.*, Esquemas tradicionales de roles sexuales de género, poder en las relaciones y violencia en el noviazgo. **Revista Iberoamericana de Psicología y Salud**, v.12, n.1, p. 1-16, 2021.

MARTÍNEZ-GONZÁLEZ, M. *et al.* Legitimación de la violencia em la infância: un abordaje desde del enfoque ecológico de Bronfenbrenner. **Psicología desde el Caribe**. v. 31, n. 1, p. 133–160, 2014.

MARTÍNEZ-HEREDIA, N. *et al.* Dating violence: a bibliometric review of the literature in Web of Science and Scopus. **Social Sciences**, v. 10, n. 445, p. 1–16, 2021.

MENDONZA-GUTIÉRREZ *et al.* Causas y consecuencias de la violencia em el noviazgo: una mirada de los jóvenes universitarios de la ciudad de Tarija. **Ajayu**, v. 17, n. 2, p. 283–316, 2019.

MICHIGAN DOMESTIC AND SEXUAL VIOLENCE PREVENTION AND TREATMENT BOARD. Dating violence: It should be about equality. Disponível em: <https://www.michigan.gov/datingviolence/0,4559,7-233-46553-169596--,00.html>. Acesso em: 14 jun. 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

MONREAL-GIMENO, M. C.; POVEDANO-DIAZ, A.; MARTÍNEZ-FERRER, B. Modelo ecológico de los factores asociados a la violencia de género en parejas adolescentes. **Journal for Educators, Teachers and Trainers**, v. 5, n. 3, p. 105–114, 2013.

MORAIS, C. A. **Saúde, doença mental e serviços de saúde na visão de adolescentes e seus cuidadores**. 2008. 165f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2008.

MORAIS, C. A.; BORBA, A.; KOLLER, S. H. O uso do diário de campo no processo de inserção ecológica. *In*: KOLLER, S. H.; MORAIS, N. A.; PALUDO, S. S. (org.). **Inserção ecológica**: um método de estudo do desenvolvimento humano. São Paulo: Pearson, 2016. p. 299–319.

MORAIS, N. A. **Trajetórias de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social**: entre o risco e a proteção. 2009. 241 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2009.

MORAIS, N. A. **Um estudo sobre a saúde de adolescentes em situação de rua**: o ponto de vista de adolescentes, profissionais de saúde e educadores. 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2005.

MORAIS, N. A.; KOLLER, S. H.; RAFFAELI, M. Inserção Ecológica na pesquisa sobre trajetórias de vida de adolescentes em situação de vulnerabilidade social: identificando fatores de risco e proteção. *In*: KOLLER, S. H.; MORAIS, N. A.; PALUDO, S. S. (org.). **Inserção ecológica**: um método de estudo do desenvolvimento humano. São Paulo: Pearson, 2016.

MURTA, S. G. *et al.* Intimidade e apego no namoro: implicações de estudos de caso para prevenção à violência. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 1, 2019.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. *In*: KOLLER, S. H. (org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 51–66.

NASCIMENTO, O. C. *et al.* Violência no percurso amoroso e saúde mental de adolescentes – jovens: revisão integrativa. **Revista Saúde Coletiva UEFS**, v. 8, 2018.

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **A terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NINA-ESTRELLA, R. Significado del amor en la adolescência Puertorriquenha. **Acta de Investigación Psicológica**, v. 1. n. 3, p. 473–485, 2011.

NJAINE, K. Violência no Namoro. *In*: FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. N. (org.). **Dicionário Feminino da Infância: Acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2015. p. 382.

NUNES, M.C.A.; MORAIS, N.A. Gravidez pós-estupro: considerações com base na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano. **Contextos Clínicos**, v. 11, n. 3, p. 285-296, 2018.

O'LEARY, K. D.; SLEP, A. M. S. A dyadic longitudinal model of adolescent dating aggression. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, v. 32, n. 3, p. 314–327, 2003.

OLIVEIRA, A. P. F. *et al.* Violencia en las relaciones íntimas entre adolescentes de una región de alta vulnerabilidad social. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 29, p. 1–10, 2021.

OLIVEIRA, Q. B. M. *et al.* Violência nas relações afetivo-sexuais. *In*: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (org.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. p. 87–139.

OLIVEIRA, Q. B. M. *et al.* O. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 707–718, 2014.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira *et al.* Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, p. 1–12, 2016.

OLIVEIRA, R. V. C. *et al.* A pesquisa e os jovens que dela participaram. *In*: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (org.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 45–54.

OMS. **Comprender y abordar la violencia contra las mujeres**. Washington, DC, 2013.

OMS. **Prevenindo a violência juvenil: um panorama das evidências**. São Paulo, 2016.

OMS. **Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência 2014**. São Paulo, 2015.

ONE LOVE FOUNDATION. **10 signs of a healthy relationship**. Bronxville NY, United States, 2020.

OPAS. **Folha informativa** – Saúde mental dos adolescentes, 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839). Acesso em: 01 jul. 2020.

OUYTSEL, J. V. *et al.* Sexting: adolescents' perceptions of the applications used for, motives for, and consequences of sexting. **Journal of Youth Studies**, p. 1–26, 2016.

OYARZÚN, J.; PEREDA, N.; GUILERA, G. (2021). The prevalence and severity of teen dating violence victimization in community and at-risk adolescents in Spain. **New Directions of Child and Adolescent Development**, v. 178, p. 39-58, 2021.

PÉREZ-RUÍZ, N. *et al.* Una mirada integrativa de intervención de la violencia en el noviazgo. **Archivos Venezolanos de Farmacología y Terapéutica**, v. 37, n. 5, 2018.

PESKIN, M. *et al.* Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. **Journal Youth Adolescence**, n. 46, p. 358–375, 2017.

PICARD, P. **Research Findings January 2007: Tech Abuse in Teen Relationships Study**. Illinois, United States, 2007.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. *In*: DESSEN, M. A.; COSTA-JÚNIOR, A. L. (org.). **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 71–89.

PRATI, L. E. *et al.* Revisando a Inserção Ecológica: uma proposta de sistematização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 1, 2008.

REED, L. *et al.* Keeping tabs: Attachment anxiety and electronic intrusion in high school dating relationships. **Computers in Human Behavior**, n. 58, p. 259–268, 2016.

REED, L. A.; TOLMAN, R. M.; WARD, L. M. Gender Matters: experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. **Journal of Adolescence**, n. 59, p. 79–89, 2017.

REIDY, D. E.; EARLY, M. S.; HOLLAND, K. M. Boys are victims too? Sexual dating violence and injury among high-risk Youth. **Preventive Medicine**, v. 101 p. 28–33, 2017.

REED, L. *et al.* Keeping tabs: Attachment anxiety and electronic intrusion in high school dating relationships. **Computers in Human Behavior**, n. 58, p. 259–268, 2016.

REEVES, P. M.; ORPINA, P. Dating norms and dating violence among ninth graders in northeast Georgia: reports from student surveys and focus groups. **Journal Interpersonal Violence**, v. 27, p. 1677–1688, 2012.

REY-ANACONA, C. A. Maltrato en el noviazgo de tipo físico, psicológico, emocional, sexual y económico: Un estudio exploratorio. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 12, n. 2, p. 27–36, 2009.

REY-ANACONA, C. A.; MARTÍNEZ-GÓMEZ, J. A. *I*: evaluación, prevención e intervención de los malos tratos en parejas jóvenes. BOGOTÁ: **Editorial El Manual Moderno**, 2018.

REY-ANACONA, C. A.; MARTÍNEZ-GÓMEZ, J.A. Variables associated with dating violence victimization in colombian adolescents. **Pensamiento Psicológico**, v. 19, n. 1, p. 1–25, 2021.

REYES, L. M. V. **Violencia en las relaciones sentimentales**: del cara a cara al mundo virtual. México: Congreso Nacional de Investigación Educativa (COMIE), p. 1–12, 2017.

RIBEIRO, M. A.; BAREICHA, I. C. Investigando a transgeracionalidade da violência intrafamiliar. *In*: PENSO, M. A.; COSTA, L. F. **A transmissão geracional em diferentes contextos**. São Paulo: Summus, 2008. p. 251–281.

RODRÍGUEZ-PÉREZ, S.; RODRÍGUEZ-MENÉNDEZ, M. C.; INDA-CARO, M. M. Los y las jóvenes hablan: discursos sobre la emergencia y la gestión de las relaciones de pareja adolescentes. **Revista Compulense de Educación**, v. 30, n. 2, p. 365–379, 2019.

ROJAS-SOLÍS, J. L. Violencia em el noviazgo y sociedade mexicana pós-moderna: algunos apuntes sobre la figura del agresor y las agresiones bidireccionales. **Uaricha Revista de Psicología**, v. 10, n. 22, p. 1–19, 2013.

ROSA, E. M.; TUDGE, J. R. H. Urie Bronfenbrenner's theory of human development: its evolution from ecology to bioecology. **Journal of Family Theory & Review**, v. 5, p. 243–258, 2013.

ROSA, E. M.; TUDGE, J. R. H. Teoria Bioecológica do desenvolvimento humano: considerações metodológicas. *In*: DIAS, A. C. G.; ROSA, E. M. (org.). **Metodologias de pesquisa e intervenção com crianças, adolescentes e jovens**. Vitória: EDUFES, 2017. p. 17–43.

ROSO, M. C. Transtorno de estresse pós-traumático. *In*: ABREU, C. N. *et al.* (org.). **Síndromes psiquiátricas**: diagnóstico e entrevista para profissionais da saúde mental. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RUBIO-GARAY, F. *et al.* Factores asociados a la violencia en el noviazgo entre adolescentes: una revisión crítica. **Anuario de Psicología Jurídica**, v. 25, p. 47–56, 2015.

RUIZ, M. A. B. Implicaciones del Uso de las Redes Sociales en el Aumento de la Violencia de Género en Adolescentes. **Comunicación y Medios**, v. 30, p. 124–141, 2014.

SALDÍVAR-HERNÁNDEZ, G. Salud mental y violencia en el noviazgo en adolescentes. *In*: GUADARRAMA, R. G.; GONZÁLEZ, N. T. (org.). **Salud mental y conductas de riesgo en el adolescente**. México: Universidad Autónoma del Estado de México, 2019. p. 63–83.

SÁNCHEZ, L. *et al.* Representaciones sociales del noviazgo, em adolescentes escolarizados de estratos bajo, médio y alto, em Bogotá. **Revista de Salud Pública**, v. 13, n. 2, p. 79–88, 2011.

SANTOS, T. M. Prevenção à violência no namoro: avaliação de necessidades e desenvolvimento de intervenções. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Clínica, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Brasília, 2019.

SANTOS, K. R.; MURTA, S. G. Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 787–800, 2016.

SCACHETTI, R. E.; OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R.; TADDEI, R. R. **Relações amorosas na adolescência**: desenvolvimento humano e novos desafios tecnológicos. *Leopoldina*, v. 45, p. 85–90, 2019.

SCANTAMBURLO, N. P.; MORÉ, O. C. L.; CREPALDI, M. A. O processo de transmissão intergeracional e a violência no casal. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 21, n. 44, p. 35–48, 2012.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 101–108, 2012.

SIQUEIRA, A. C.; DELL'AGLIO, D. D. A inserção ecológica em pesquisa com adolescentes em processo de reinserção familiar. *In*: KOLLER, S. H.; MORAIS, N. A.; PALUDO, S. S. (org.). **Inserção ecológica**: um método de estudo do desenvolvimento humano. São Paulo: Pearson, 2016. p. 119–151.

SMETANA, J. G.; CAMPIONE-BARR, N.; METZGER, A. Adolescent Development in Interpersonal and Societal Contexts. **Annual Review of Psychology**, v. 57, p. 255–284, 2006.

SMITH-DARDEN *et al.* Electronic displays of aggression in teen dating relationships: does the social ecology matter? **Computers in Human Behavior**, v. 67, p. 33–40, 2017.

SMITH, K. *et al.* Cyber dating violence: prevalence and correlates among high school students from small urban in Quebec. **Journal of Affective Disorders**, v. 234, p. 220–223, 2018.

SOUZA, W. G. G. Relacionamento amoroso e socioeducação: uma análise a partir da experiência de inserção ecológica com estudo de casos múltiplos. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Clínica, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Brasília, 2020.

STANLEY, N. *et al.* Pornography, sexual coercion and abuse and sexting in young people's intimate relationships: a European study. **Journal of Interpersonal Violence**, p. 1–26, 2016.

STENGEL, M. **Obsceno é falar de amor?** As relações afetivas dos adolescentes. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.

STENGEL, M.; MOREIRA, J. O.; LIMA, N. L. O amor na Internet: um encontro amoroso de um adolescente. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 2, p. 319–330, 2015.

STRAUS, M. A.; RAMIREZ, I. L. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. **Aggressive Behavior**, v. 33, n. 4, p. 281–290, 2007.

SALDIVAR-HERNÁNDEZ, G. Salud mental y violencia en el novizgo en adolescentes. *In*: GUADARRAMA-GUADARRAMA, R.; TORRES-GONZÁLEZ, N. (org.). **Salud mental y conductas de riesgo en el adolescente**. México: Universidad Autónoma del Estado de México, 2018. p. 63–83.

TAYLOR, B. G.; MUMFORD, E. A. A national descriptive portrait of adolescent relationship abuse: results from the National Survey on Teen Relationships and Intimate Violence. **Journal of Interpersonal Violence**, 2014.

TEMPLE, J. R. *et al.* Psychological abuse, mental health, and acceptance of dating violence among adolescents. **Journal of Adolescents**, p. 1–6, 2016a.

TEMPLE, J. *et al.* The Temporal Association Between Traditional and Cyber Dating Abuse Among Adolescents. **Journal Youth Adolescence**, v. 45, p. 340–349, 2016b.

TEMPLE, J. *et al.* A dating violence prevention program for middle school youth: a cluster randomized trial. **Pediatrics**, v.148, n. 4, 2021.

TRINDADE, L. A. Pornografia de vingança: da vergonha a exposição positiva. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia de pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VALDIVIA-PERALTA, M. *et al.* Invisibilización de la violencia en el noviazgo en Chile: evidencia desde la investigación empírica. **Perfiles Latinoamericano**, v. 25, n. 54, 2019.

VÁZQUEZ, T. D.; HURTADO, M. J. R.; BAÑOS, R. V. La adolescencia ante la violencia de género 2.0: concepciones, conductas y experiencias. **Educacion XX1**, v. 21, n. 1, p.109–134, 2018.

WALRAVE, M. *et al.* Whether or not to engage in sexting: Explaining adolescent sexting behaviour by applying the prototype willingness model. **Telematics and Informatics**, v. 32, p. 796–808, 2015.

WHITAKER, M. P.; SAVAGE, T. E. Social-ecological Influences on teen dating violence: a youth rights and capabilities approach to exploring context. **Journal of Child and Adolescent Trauma**, v. 7, n. 3, p.163–174, 2015.

WHITE, J. W. A gendered approach to adolescent dating violence: conceptual and methodological issues. **Psychology of Women Quarterly**, v. 33, 2009

ZÁRATE, L.O. *et al.* Violencia en el noviazgo en adolescentes de Veracruz, México. **Psique**, v. 15, p. 8-24, 2018.

ZWEIG, M. *et al.* Correlates of cyber dating abuse among teens. **Journal Youth Adolescence**, p. 1–16, 2013.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE**  
(Para os Pais e/ou Responsáveis)

Seu filho(a) está sendo convidado para participar da pesquisa “Relações de Namoro entre Adolescentes.” estamos solicitando sua autorização para que o(a) seu filho(a), possa participar, como voluntário(a), dessa uma pesquisa sob nossa coordenação. Assinando este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você dará o consentimento livre e esclarecido para que o ele(a) participe dessa pesquisa.

Informamos que a sua autorização não é obrigatória e a qualquer momento o(a) seu(a) filho(a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Se por algum motivo você não autorizar, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os objetivos deste estudo são compreender as relações de namoro entre adolescentes à luz da Teoria Bioecológica; caracterizar os participantes biossociodemograficamente; conhecer como os adolescentes namoram e sua concepção sobre violência no namoro; identificar experiências de violência nos relacionamentos de namoro atuais e passados; analisar estratégias adotadas diante da violência no namoro; compreender a influência do contexto nas relações de namoro para a perpetração/vitimização da violência;

Este estudo prevê a participação de adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 15 e 19 anos, desenvolvidos em dois encontros com, aproximadamente 1h30min cada. A pesquisa será feita numa Instituição localizada na cidade do Recife – PE. A coleta de dados envolverá a realização de entrevista individual e aplicação de um questionário biossociodemográfico e dois instrumentos que abordam a temática.

O uso desses instrumentos é considerado seguro, mas é possível ocorrer riscos. A entrevista e o grupo focal podem mobilizar ansiedade frente ao tema. Caso isso ocorra, você pode solicitar ajuda psicológica no decorrer da pesquisa. O serviço de atendimento psicológico da Clínica de Psicologia da UNICAP, estará disponível para atender o(a) seu(a) filho(a).

Os benefícios relacionados com a participação do(a) seu(a) filho(a) na pesquisa estão ligados ao favorecimento de um espaço de escuta e a possibilidade do conhecimento mais aprofundado diante das relações de namoro saudáveis ou mesmo violentas. Em referência aos benefícios a sociedade, pode-se evidenciar a importância de uma maior compreensão acerca das relações de namoro entre adolescentes na atualidade.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo da participação do(a) seu(a) filho(a) e a confidencialidade das informações que ele(a) nos der, preservando a sua identidade, bem como a da Escola. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas seu(a) filho(a) receberá um nome fictício para preservar a sua identidade. Todo o material dessa pesquisa ficará sob a responsabilidade da pesquisadora.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

**DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL****PESQUISADOR ASSOCIADO****Marisa Amorim Sampaio****Thaís Afonso Andrade**\_\_\_\_\_  
**Assinatura**\_\_\_\_\_  
**Assinatura**\_\_\_\_\_  
**Endereço completo**\_\_\_\_\_  
**Endereço completo**\_\_\_\_\_  
**Telefone**\_\_\_\_\_  
**Telefone**

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 6º andar, sala 609 – CEP 50050-900 – RECIFE – PE – BRASIL. telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – endereço eletrônico: [cep@unicap.br](mailto:cep@unicap.br) - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - Segunda a sexta-feira.

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Recife, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do PAI / MÃE ou RESPONSÁVEL LEGAL** – (além de apresentar o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido).

**COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP**  
SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte  
CEP: 70719-000 – Brasília–DF

**APÊNDICE B – Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE)**

**(Para o adolescente)**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Relações de Namoro entre Adolescentes”. Seus pais permitiram que você participe.

Essa pesquisa que tem como objetivo compreender as relações de namoro entre adolescentes à luz da Teoria Bioecológica; caracterizar os participantes biosociodemograficamente; conhecer como os adolescentes namoram e sua concepção sobre violência no namoro; identificar experiências de violência nos relacionamentos de namoro atuais e passados; analisar estratégias adotadas diante da violência no namoro; compreender a influência do contexto nas relações de namoro para a perpetração/vitimização da violência.

Este estudo prevê a participação de adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 15 e 19 anos em dois encontros com duração aproximada de 1h30min cada. A pesquisa será feita numa Instituição localizada na cidade do Recife – PE. A coleta de dados envolverá a realização de entrevista individual, aplicação de um questionário biosociodemográfico e dois instrumentos que abordam o tema.

O uso desses instrumentos é considerado seguro, mas é possível ocorrer riscos. A entrevista e o grupo focal podem mobilizar ansiedade frente ao tema. Caso isso ocorra, e você solicite ajuda psicológica no decorrer da pesquisa, o serviço de atendimento psicológico da Clínica de Psicologia da UNICAP, estará disponível para atendê-lo(a).

Mas há coisas boas que podem acontecer, como benefícios relacionados com a sua participação na pesquisa, que estão ligados ao favorecimento de um espaço de escuta e a possibilidade de seu conhecimento diante das relações de namoro saudáveis ou mesmo violentas. Em referência aos benefícios a sociedade, pode-se evidenciar a importância de uma maior compreensão acerca das relações de namoro entre adolescentes na atualidade.

Ressaltamos que a sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa do estudo, sem resultar em prejuízo algum. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo da sua participação e a confidencialidade das informações que você nos der, preservando a sua identidade, bem como a da Escola. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas você receberá um nome fictício para preservar a sua identidade. Todo o material dessa pesquisa ficará sob a responsabilidade da pesquisadora.

Quando terminarmos o estudo haverá a devolução dos resultados, de forma coletiva e para os profissionais da escola.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

**CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO**

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “Relações de Namoro entre Adolescentes”

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Recife/PE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) Adolescente

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

#### **COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP**

Universidade Católica De Pernambuco – UNICAP

Rua Do Príncipe, 526 – Boa Vista – Bloco G4 – 6º Andar, Sala 609

CEP 50050-900 – Recife/PE – BRASIL

Telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376

Endereço Eletrônico: [cep\\_unicap@unicap.br](mailto:cep_unicap@unicap.br)

[Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h](#)

[Segunda a sexta-feira](#)

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

#### **COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP**

**SRTV 702, Via W 5 Norte – Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte / CEP: 70719-000 – Brasília–DF**

## Dados Pessoais

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Trabalha: Sim  Não  Onde: \_\_\_\_\_Frequenta alguma Instituição Religiosa? Sim  Não 

Qual: \_\_\_\_\_

## Uso do telefone celular:

Tem celular: Sim  Não Sua conta de celular é: pré-pago  Pós-pago 

Quem paga a sua conta telefônica: \_\_\_\_\_

Utiliza a internet? Sim  Não 

Quanto tempo por dia passa na internet \_\_\_\_\_

Tem wifi em casa? \_\_\_\_\_

Se não, onde utiliza a internet? \_\_\_\_\_

## Namoro:

Sexo do(a) Namorado(a): \_\_\_\_\_

Idade do(a) Namorado(a): \_\_\_\_\_

Tempo de relacionamento: \_\_\_\_\_

Religião do(a) Namorado(a): \_\_\_\_\_

Ocupação do (a) Namorado(a): \_\_\_\_\_

## Situação Habitacional/Familiar:

Com quem você reside? \_\_\_\_\_

Qual a idade das pessoas que moram com você \_\_\_\_\_

Seus pais/responsáveis sabem do seu namoro? \_\_\_\_\_

Seus pais/responsáveis aprovam o seu namoro? Sim  Não

Se não, perguntar o motivo: \_\_\_\_\_

Residência: própria  alugada  emprestada

Número de cômodos: \_\_\_\_\_

Quantas pessoas trabalham na sua casa? \_\_\_\_\_

Qual ocupação dos pais/responsáveis? \_\_\_\_\_

A rua onde você reside é asfaltada? Sim  Não

Situação de Saúde:

Acompanhamento médico regularmente: Sim  Não

Que médico você vai? \_\_\_\_\_

Rede Privada  SUS

Usa algum medicamento com frequência? Sim  Não

Se sim, qual? \_\_\_\_\_

Alguma vez você já recebeu ajuda de um profissional como psicólogo ou psiquiatra?

Sim  Não

Se sim, responda as perguntas a seguir:

a) Para que tipo de problema você recebeu ou recebe ajuda?

\_\_\_\_\_

b) Quando o problema apareceu pela primeira vez?

\_\_\_\_\_

c) Quantos anos você tinha? \_\_\_\_\_

d) Quem procurou para você esse tratamento?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

e) Onde você fez o tratamento?

\_\_\_\_\_

f) Como foi para você receber este tipo de ajuda profissional?

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE D – Roteiro para entrevista individual



### Como os adolescentes namoram

- 1) O que é namoro para você?
- 2) Onde vocês se conheceram?
- 3) Como é sua experiência de namorar
- 4) O que você espera do seu relacionamento?
- 5) O que mais lhe marcou no seu namoro atual? E no namoro anterior?
- 6) Você usa redes sociais? Quais redes sociais você tem? Você as utiliza para namorar? Em quais situações? Pode me contar um exemplo?
- 7) Para você, amor é .....

### Concepção de violência para os participantes

- 1) Para você, o que é violência no namoro? Pode me dizer algum exemplo?
- 2) Para você, existem tipos de violência no namoro? Quais tipos você conhece?
- 3) Que tipo de violência você acredita que mais acontece no namoro?
- 4) Como é um namoro violento na sua percepção? Pode me dar um exemplo?
- 5) Para você como é um namoro saudável? Pode me dar um exemplo?

### Identificar possíveis experiências de violência no namoro atual ou passado

- 1) Para você, por que ocorre a violência no namoro entre casais adolescentes?
- 2) O que pode desencadear (começar) um episódio de violência?
- 3) Você acha que essa situação poderia ser evitada? De que forma?
- 4) Para você, cometer violência no namoro pode ter alguma consequência? Pode me dar um exemplo?

### Estratégias adotadas diante da violência no namoro

- 1) Você já procurou ajuda para lidar com um relacionamento mais conflituoso?
- 2) Você já falou com alguém sobre isso? Quem?

### Influências do contexto (micro, meso, exo e macro)

- 6) Como é o relacionamento dos seus pais?
- 7) Como é o relacionamento dos seus pais com você?
- 8) Você já sofreu algum tipo de violência na sua família? Como foi?
- 9) Como é o seu bairro? Você já presenciou algum episódio de violência?
- 10) Quais lugares você frequenta no seu bairro? E na sua cidade?
- 11) E a sua escola, como é? Você já presenciou algum episódio de violência? Como foi? Quem estava envolvido?
- 12) Tem ou já teve algum amigo envolvido num namoro violento?
- 13) Quais espaços/lugares vocês frequentam juntos (você e o seu namorado)?

Você gostaria de acrescentar alguma coisa sobre esse tema?



## APÊNDICE E – Conhecendo as relações de namoro



Vamos conversar mais sobre o seu namoro? Escreva um **S** se a frase descreve situações que ocorre no seu relacionamento e **N** se a frase não descreve situações do seu namoro.

**S**    **N**

Seu(a) namorado(a) liga para você várias vezes ao dia e fica chateado(a) se você não atender o celular rapidamente		
Você liga várias vezes ao dia para o(a) seu(a) namorado(a) e fica chateado(a) se ele(a) não atender o celular rapidamente		
Seu(a) namorado(a) impede que você saia com seus amigos ou seus familiares		
Você impede que seu(a) namorado(a) saia com amigos ou familiares		
Seu(a) namorado(a) te escuta e respeita as suas opiniões		
Você escuta e respeita as opiniões do(a) seu(a) namorado(a)		
Seu(a) namorado(a) te envia nudes sem a sua autorização para recebê-lo?		
Você envia nudes para o(a) seu(a) namorado(a) sem autorização dele(a)?		
Seu(a) namorado(a) efetua login em suas contas de <i>e-mail</i> e redes sociais		
Você efetua login nas contas de e-mail e redes sociais do seu(a) namorado(a)?		
Seu(a) namorado(a) apoia seus objetivos e seus sonhos		
Você apoia os objetivos e os sonhos do seu(a) namorado(a)		
Seu(a) namorado(a) exige que você envie nudes?		
Você exige que seu(a) namorado(a) te envie nudes?		
Seu(a) namorado(a) obriga você a frequentar lugares que não gosta		
Você obriga seu(a) namorado(a) a frequentar lugares que ele(a) não gosta		
Seu(a) namorado(a) fica com ciúmes sempre que você está falando com outras pessoas		

Você fica com ciúmes quando seu(a) namorado(a) está falando com outras pessoas		
Seu(a) namorado(a) está disposto(a) a sentar e conversar sempre que você discorda de alguma coisa		
Você está disposto(a) a sentar e conversar sempre que seu(a) namorado(a) discorda de você		
Seu(a) namorado(a) usa palavras de baixo calão (xingar) e faz você se sentir mal consigo mesma(o)		
Você usa palavras de baixo calão para xingar seu(a) namorado(a) e o faz sentir-se mal		
Seu(a) namorado(a) aparece aleatoriamente para checar a sua localização e controlar os lugares que você frequenta		
Você aparece aleatoriamente para checar a localização e controlar os lugares que seu(a) namorado(a) frequenta		
Seu(a) namorado(a) te toca intimamente sem a sua autorização		
Você toca seu(a) namorado(a) intimamente sem autorização		
Seu(a) namorado(a) é fisicamente agressivo quando ele(a) fica chateado(a) com algo que ocorreu entre vocês		
Você é fisicamente agressivo(a) com seu(a) namorado(a) quando fica chateada com algo que ocorreu entre vocês		
Seu(a) namorado(a) quer que você passe todo o seu tempo livre com ele		
Você quer que seu(a) namorado(a) passe todo o tempo livre dele com você		
Seu(a) namorado(a) controla os seus gastos ou o que você compra		
Você controla os gastos ou o que seu(a) namorado(a) compra		
Seu(a) namorado(a) confia em você e não fica bravo(a) quando você está com outras pessoas		
Você confia no seu(a) namorado(a) e não fica bravo(a) quando ele(a) está com outra pessoa		
Seu(a) namorado(a) exige que você mostre o conteúdo do seu celular como prova de confiança		
Você exige que seu(a) namorado(a) mostre o conteúdo do celular dele(a) como prova de confiança		
Seu(a) namorado(a) é honesto(a) com você		
Você é honesto(a) com seu(a) namorado(a)		

Seu(a) namorado(a) te elogia e tem orgulho de estar com você		
Você elogia seu(a) namorado(a) e tem orgulho de estar com ele(a)		
Seu(a) namorado(a) obriga a ter relações sexuais quando você não quer		
Você obriga seu(a) namorado(a) a ter relações sexuais quando ele(a) não quer		
Seu(a) namorado(a) já quebrou (ou tentou) quebrar algum objeto de valor seu		
Você já quebrou (ou tentou) quebrar algum objeto de valor do seu(a) namorado(a)		
Seu(a) namorado(a) ameaça terminar o relacionamento por qualquer motivo		
Você ameaça terminar o relacionamento por qualquer motivo		
Seu(a) namorado(a) expressa o ponto de vista dele(a) de maneira calma e tranquila		
Você expressa o seu ponto de vista para seu(a) namorado(a) de maneira calma e tranquila		

## APÊNDICE F – Busca palavras

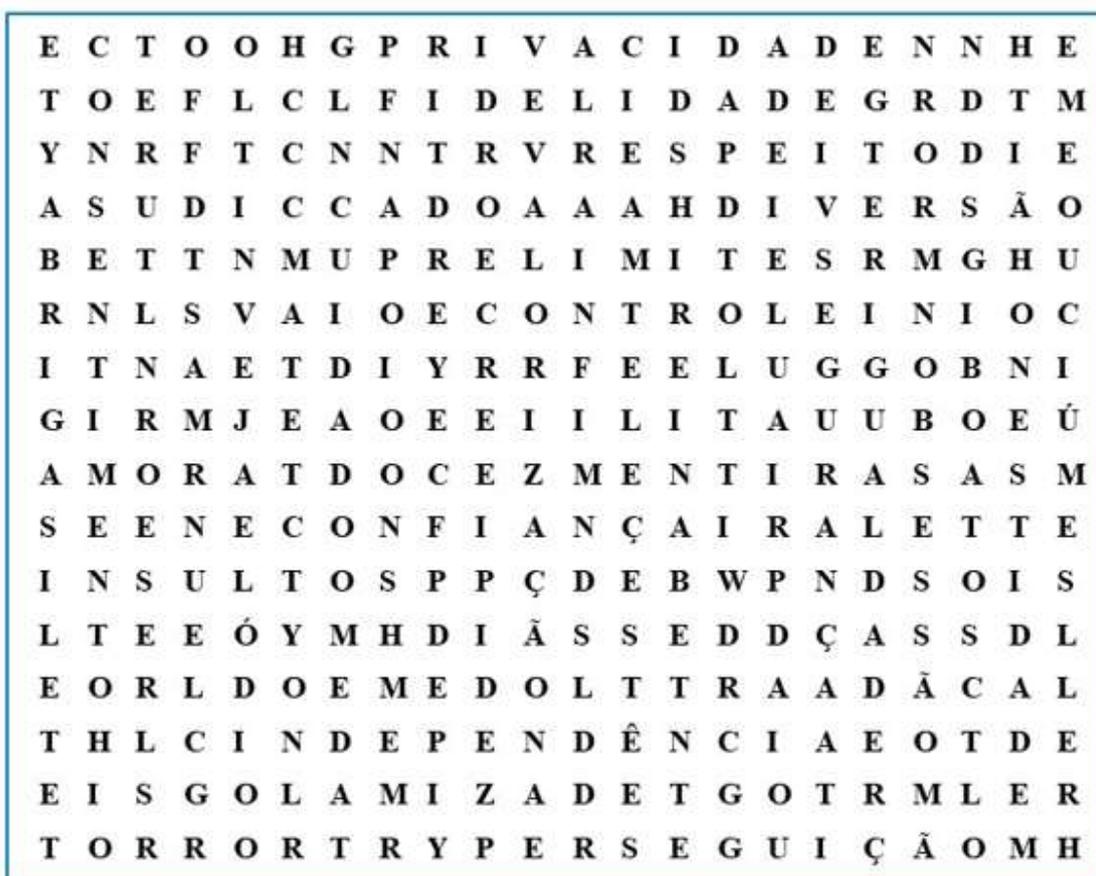
### BUSCA PALAVRAS

*Encontre na busca palavras o que para você não pode  
faltar no namoro.*

*Por que essas palavras são importantes pra você?*



AMIZADE	CONFIANÇA	IGUALDADE	OBSESSÃO
AMOR	CONSENTIMENTO	INDEPENDÊNCIA	ÓDIO
APOIO	CONTROLE	INSULTOS	PERSEGUIÇÃO
BOATOS	CUIDADO	INVEJA	PRIVACIDADE
BRIGAS	DIVERSÃO	LIMITES	RESPEITO
CIÚMES	FIDELIDADE	MEDO	SEGURANÇA
COMPROMETIMENTO	HONESTIDADE	MENTIRAS	VALORIZAÇÃO



## APÊNDICE G – Termo de concordância para a instituição

Estamos realizando uma pesquisa que tem por objetivo compreender as relações de namoro entre adolescentes à luz da teoria Bioecológica. Este estudo provê a participação de adolescentes de ambos os sexos entre 15 e 19 anos e, que frequentam regularmente a escola. Para tanto, solicitamos a autorização para realizar a pesquisa nesta instituição.

A coleta dos dados deverá envolver a aplicação de questionário biossociodemográfico, entrevista individual e grupo focal em horário agendado com os participantes, em período oposto as atividades escolares. O espaço para realização destes momentos deverá ser fornecido pela instituição. Caso necessário, serão tiradas fotos do contexto e comunidade para o registro da realidade social.

Os adolescentes e seus pais e/ou responsáveis serão claramente informados de que a sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem prejuízo algum. A qualquer momento a instituição poderá solicitar informações sobre assuntos relacionados ao estudo. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como a instituição envolvida. Todo o material dessa pesquisa ficará sob a responsabilidade da pesquisadora. Dados individuais dos participantes não serão informados à instituição e nem aos familiares.

Haverá devolução dos resultados aos participantes e aos profissionais da instituição. Caso seja necessário, será disponibilizado atendimento psicológico aos participantes na Clínica de Psicologia da UNICAP. Por meio desta pesquisa, esperamos contribuir com maior compreensão acerca das formas (saudáveis ou abusivas) de relações de namoro entre adolescentes na atualidade.

Agradecemos a colaboração da instituição para a realização desta atividade de pesquisa e nos colocamos à disposição para esclarecimentos adicionais. Esta pesquisa é desenvolvida pela doutoranda Thais Afonso Andrade, com orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marisa Amorim Sampaio do curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco.

Caso seja necessário contactar as pesquisadoras, poderá ser feito pelo telefone (81) 99979-0766 ou pelo e-mail: [t.afonsoandrade@yahoo.com](mailto:t.afonsoandrade@yahoo.com).

---

Thais Afonso Andrade

---

Marisa Amorim Sampaio

Concordamos que a pesquisa seja realizada com adolescentes desta instituição.

---

Responsável pela Instituição

Data:     /     /

## APÊNDICE H – Termo de compromisso e confidencialidade

- **Título do Projeto:** Relações de namoro entre adolescentes: atravessamentos pela violência?
- **Pesquisador Responsável (ORIENTADOR):** Marisa Amorim Sampaio
- **Instituição/Departamento de origem do Pesquisador Responsável:** Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da UNICAP
- **Telefone para contato:** (81) 99979-0766
- **E-mail:** t.afonsoandrade@yahoo.com

O Pesquisador do Projeto (ORIENTADOR) acima identificado assume o compromisso de:

- Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP), hospedado na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e que os dados coletados serão armazenados pelo período mínimo de 5 anos após o término da pesquisa;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos voluntários cujos dados serão estudados e divulgados apenas em eventos ou publicações científicas, de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificá-los;
- Garantir o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais, além do devido respeito à dignidade humana;
- Garantir que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão anexados na PLATAFORMA BRASIL, sob a forma de RELATÓRIO FINAL DA PESQUISA, através de NOTIFICAÇÃO que é uma funcionalidade utilizada apenas em PROJETOS APROVADOS, que deve ser utilizada quando houver necessidade de encaminhar documentos ao CEP como: – Comunicação de Início do Projeto; – Carta de Autorização da Instituição; – Envio de Relatório Parcial/FINAL e outros. Nos documentos encaminhados NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto, que deve ser realizada através de Emenda.

Recife, ..... de ..... de 20..... .

---

Assinatura Pesquisador Responsável (ORIENTADOR)

## **ANEXO**

## Anexo - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** RELAÇÕES DE NAMORO ENTRE ADOLESCENTES: ATRAVESSAMENTOS PELA VIOLÊNCIA?

**Pesquisador:** MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 24624619.7.0000.5206

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE CATOLICA DE PERNABUCO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.735.545

#### Apresentação do Projeto:

A violência no namoro entre adolescentes pode ser compreendida como qualquer comportamento que prejudique o desenvolvimento e a saúde da(o) parceira(o) e comprometa a sua integridade física, psicológica e/ou sexual. Quanto à natureza, refere-se à violência física, sexual, psicológica (emocional/verbal), digital, perseguição e financeira, num relacionamento amoroso. A vivência de um namoro violento, sobretudo na adolescência, pode desencadear sintomas como depressão, ansiedade, abuso de álcool e drogas, condutas antissociais, ideação suicida e comportamento sexual de risco. Esse fenômeno é considerado importante problema de saúde pública no mundo e preditor de violência conjugal. No cenário internacional, as pesquisas acerca da violência no namoro apresentam-se de modo mais consolidado; no cenário nacional, as investigações sobre o tema têm baixa visibilidade, estando em fase de expansão.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Compreender as relações de namoro entre adolescentes, e os possíveis atravessamentos pela violência, numa perspectiva Bioecológica.

Objetivo Secundário:

- Caracterizar os participantes biosociodemograficamente;

**Endereço:** Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609  
**Bairro:** Boa Vista **CEP:** 50.050-900  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Continuação do Parecer: 3.735.545

- Conhecer como os adolescentes namoram e sua concepção sobre violência no namoro;
- Identificar experiências de violência nos relacionamentos de namoro atuais e passados;
- Analisar estratégias adotadas diante da violência no namoro;
- Compreender a influência do contexto nas relações de namoro para a perpetração/vitimização da violência.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos e benefícios estão devidamente avaliados assim como os procedimentos a serem implementados em caso de necessidade, uma vez que a temática da pesquisa trata de uma área particularmente sensível: relações afetivas e violência.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa tem grande importância social e científica, podendo trazer ainda grande contribuição a psicologia clínica.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória estão adequadamente descritos. O retorno da pesquisa será realizado de forma coletiva tanto aos estudantes quanto aos professores e demais funcionários da escola. Além disso as pesquisadoras se dispõem a um contato individual com aqueles que solicitarem.

**Recomendações:**

Não há recomendações a serem feitas.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências ou lista de inadequações.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O CEP acompanha o parecer do relator e lembra à necessidade do envio do RELATÓRIO FINAL da pesquisa em cumprimento das determinações contidas na RESOLUÇÃO Nº 466 CNS, de 12/12/2012 como orienta o Manual intitulado: "ENVIAR NOTIFICAÇÃO", disponibilizado na Central de Suporte da Plataforma Brasil <http://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/publico/indexPublico.jsf>

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	30/10/2019		Aceito

**Endereço:** Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609  
**Bairro:** Boa Vista **CEP:** 50.050-900  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Continuação do Parecer: 3.735.545

Básicas do Projeto	ETO_1459167.pdf	17:19:23		Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	30/10/2019 17:18:09	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Outros	Curriculo_doutoranda.pdf	30/10/2019 17:16:32	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Outros	Curriculo_orientador.pdf	30/10/2019 17:16:10	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Outros	Curriculo_coorientador.pdf	30/10/2019 17:15:41	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Parecer Anterior	Parecer.pdf	30/10/2019 17:15:04	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_orientadora.pdf	30/10/2019 17:13:58	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_instituicao.pdf	24/10/2019 20:14:04	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_pesquisador.pdf	24/10/2019 20:12:12	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTAS.docx	24/10/2019 20:07:26	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BROCHURA_INVESTIGADOR.doc	24/10/2019 19:01:52	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	24/10/2019 18:51:54	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	24/10/2019 18:51:31	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	24/10/2019 18:50:35	MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609  
**Bairro:** Boa Vista **CEP:** 50.050-900  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



Continuação do Parecer: 3.735.545

RECIFE, 29 de Novembro de 2019

---

**Assinado por:**  
**Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 6º Andar - Sala 609  
**Bairro:** Boa Vista **CEP:** 50.050-900  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2119-4041 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep@unicap.br